

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DE AQUIDAUANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

EDUARDO HENRIQUE DE OLIVEIRA LIMA

ANÁLISE GEOHISTÓRICA DA RETIRADA DA LAGUNA: PRINCIPAIS FATORES DE
INFLUÊNCIA NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO

AQUIDAUANA, MS
2023



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



FOLHA DE APROVAÇÃO

Candidato: **Eduardo Henrique de Oliveira Lima**

Dissertação defendida e aprovada em 20 de dezembro de 2023 pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Eva Teixeira dos Santos (Orientadora)

Prof. Dr. Ricardo Lopes Batista (Interno - UFMS)

Prof. Dra. Ana Paula Camilo Pereira (Externo - UEMS)

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Lopes Batista, Coordenador(a) de Curso de Pós-graduação**, em 20/12/2023, às 15:32, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Eva Teixeira dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 20/12/2023, às 15:33, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Camilo Pereira, Usuário Externo**, em 20/12/2023, às 15:34, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

EDUARDO HENRIQUE DE OLIVEIRA LIMA

ANÁLISE GEOHISTÓRICA DA RETIRADA DA LAGUNA: PRINCIPAIS FATORES DE
INFLUÊNCIA NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO

Dissertação apresentada, como exigência do curso de Mestrado em Geografia, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Geografia, do Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Profa. Dra. Eva Teixeira dos Santos.

AQUIDAUANA, MS
2023

Dedico este trabalho à memória dos abandonados do Cambaracê. Mais do que “lugar onde o negro chorou”, aquele espaço transmutou-se em Calvário. Tamanho martírio jamais poderá ser esquecido. Dedico também a Renato Francisco Lopes, neto do lendário Guia Lopes da Laguna. Partiu aos cento e um anos, a exatos três dias da data de defesa desta Dissertação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me trazido à vida, além de estar comigo a todo o tempo. Sua Misericórdia infinita permitiu que eu cumprisse mais esta etapa, toda honra e toda glória a Ele! Sem o Seu suporte não teria sido possível.

Agradeço também a toda minha família, pelos valores a mim passados desde a infância, pelos exemplos, e pelo amor a mim dispensado. Ao meu pai (*in memoriam*) agradeço o exemplo de resiliência incondicional. O senhor disse que um dia eu entenderia muita coisa: realmente, hoje eu entendo!

À minha mãe, serei eternamente grato por todo sacrifício e carinho desde que nasci. Agradeço ainda por suportar a distância todos estes anos, algo não planejado, mas imposto pela vida. Meu amor pela leitura não existiria sem o seu incentivo.

À Debora, minha esposa, pelo companheirismo e compreensão nas ausências, e mesmo na presença. Isto em função dos estudos e da exigente pesquisa necessária para a realização deste trabalho. Seu suporte tem sido fundamental.

Agradeço ao professor Elvis dos Santos Mattos por ter sido a primeira pessoa a dizer que eu deveria cursar o Mestrado, sendo o parceiro no meu primeiro artigo publicado. Os debates ao longo de toda a graduação agregaram muito à minha formação enquanto geógrafo.

Agradeço ao professor Sidney Kuerten por todo incentivo, ajuda e inspiração na minha jornada geográfica. Seu idealismo é contagiante, motivando a todos com sua dedicação e seu amor à pesquisa. Minha Geografia tem muito do senhor.

Agradeço à professora Ana Paula, professora importante na minha graduação e que reencontro agora na banca deste trabalho. Seu olhar criterioso fez com que eu entendesse a importância do rigor científico para a qualidade da pesquisa.

Agradeço ao professor Ricardo, ciente das dificuldades inerentes à caserna, por sua vivência neste ambiente, ser compreensivo quando precisei. Inclusive, lembro de sua preocupação desde a entrevista do Processo Seletivo. Também sou grato por todas as indagações que contribuíram para o aprimoramento desta Dissertação.

Agradeço à professora Eva, querida orientadora, por ter acreditado em mim, antes mesmo de me conhecer. Sem seu voto de confiança não teria sido possível alcançar o meu sonho de realizar o Mestrado! Muito obrigado por todos os ensinamentos, além dos conselhos

acadêmicos e pessoais que tanto têm me ajudado nesses dois anos. A Geografia da Saúde, apresentada a mim pela senhora, torna esta pesquisa ainda mais especial.

Agradeço ao Mato Grosso do Sul por se pródigo em me conceder oportunidades. Jamais seria capaz de imaginar que poderia conseguir galgar tantas realizações pessoais, profissionais e acadêmicas. Não é à toa que seu hino afirma que o estado é “o orgulho e a certeza do futuro do Brasil”.

Sua biodiversidade, conjugando o Pantanal e o Cerrado, além de sua posição fronteiriça estratégica, são grandes trunfos para o porvir. O advento da Rota Bioceânica em direção à China, potência mundial emergente, tende a inaugurar um novo momento de alvissareiro desenvolvimento socioeconômico.

Agradeço à 4ª Companhia de Engenharia de Combate Mecanizada por ter me dado a oportunidade, ao longo de sete anos, de conhecer esta temática e através dela aprender tanto. Pude conhecer aficionados de todo o Brasil e até do exterior. Seja na gestão do espaço museológico ou dos sítios históricos, vivi experiências que me marcaram como pessoa e pesquisador.

Agradeço ao 9º Batalhão de Engenharia de Combate por me permitir continuar atuando na área cultural. Sou grato também a todo incentivo do Comando, superiores, pares e subordinados nas ausências necessárias para o cumprimento dos créditos deste Mestrado que ora se encerra.

Agradeço ao Exército Brasileiro por, a cada ano, valorizar mais a cena cultural, investindo recursos humanos, orçamentários, propondo capacitações e organizando/apoiando eventos científicos. A história da Instituição se consubstancia com a história dos lugares por onde ela atua.

Por fim, agradeço a todos que fizeram parte desta trajetória, sobretudo àqueles que são a inspiração maior para este trabalho, citando a Ordem do Dia nº 3 de 12 de junho de 1867, oficializando o término da Marcha dos Retirantes da Invernada da Laguna, no Paraguai.

“Honra a esses que venceram a tenacidade do inimigo, superaram as intempéries, resignaram-se aos golpes fatais da epidemia e, mudos na desgraça, rodearam sempre as suas bandeiras, emblema de honra que lhes exigiam o cumprimento do dever”.

“A Geografia é a História no espaço e a História é a Geografia no tempo” (Elisée Reclus).

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar aspectos geohistóricos da Retirada da Laguna a fim de entender como o meio, as intempéries climáticas e as doenças que acometeram a tropa impactaram nas decisões tomadas na guerra, a partir da identificação de elementos produzidos no Espaço. Em relação aos aspectos teóricos e metodológicos, foram abordadas as categorias geográficas adotadas. O Espaço lefebvriano, em suas três dimensões (concebido, percebido e vivido) são evidências de peculiar produção espacial realizada a partir/através da Retirada. A história de vidas está escrita/inscrita no Espaço vivido. A partir deste Espaço vivido brutalmente, o Território Sul-mato-grossense foi sendo construído. A formação territorial do Mato Grosso do Sul tem em seu âmago intensa produção espacial. A perspectiva imagética permite que este contexto seja evidenciado. O uso desse expediente favorece a compreensão do conteúdo e a apreensão dos conceitos apresentados. Tudo por conta da possibilidade de visualizar todo o arranjo conceitual. É utilizado o método hipotético-dedutivo como caminho para o desenvolvimento da pesquisa. Acerca de resultados e discussão foram descritos os aspectos físicos e naturais do trajeto percorrido, tais como: Geologia; Geomorfologia; Pedologia; Topografia; Hidrografia; Fitofisionomia; Climatologia. A gênese, evolução e consolidação do Mato Grosso, foi outro ponto discutido. Desde as Monções no período colonial, passando pela introdução da Pecuária, criação da Capitania até a chegada dos pioneiros. A atual configuração socioeconômica sul-mato-grossense, por sua vez, carrega fortíssimos traços delineados nas suas origens mais remotas. Este trabalho analisa: de que forma que o meio inóspito enfrentado (terreno), influenciou decisivamente para que decisões controversas fossem tomadas; como as intempéries climáticas foram limitadoras do avanço da tropa; em que medida o deslocamento da tropa contribuiu para a propagação de doenças, com destaque para a Cólera, por onde passou. Desta forma, o estudo trouxe as seguintes contribuições: discussão acerca da produção do Espaço no Território da Retirada; enfoque inédito sobre o evento bélico que marcou todos os povos e nações platinas, cuja memória permeia o imaginário regional há mais de cento e cinquenta anos; demonstração de que além da Cólera, outras doenças compuseram o caos sanitário no meridiano da Província do Mato Grosso; demonstração acerca da sinergia entre o Espaço vivido e o Território.

Palavras-chave: Espaço. Território. Doença. Retirada da Laguna. Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze geohistorical aspects of the Retirada da Laguna to understand how the environment, the weather and the diseases that affected the troops had an impact on the decisions made in the war, based on the identification of elements produced in Space. Regarding the theoretical and methodological aspects, the geographical categories adopted were discussed. Lefebvrian Space, in its three dimensions (conceived, perceived and lived) is evidence of the peculiar spatial production that took place from/through the Retreat. The history of lives is written/inscribed in lived Space. From this brutally lived Space, the Territory of Mato Grosso do Sul was built. The territorial formation of Mato Grosso do Sul has intense spatial production at its core. The imagery perspective allows this context to be highlighted. The use of imagery favors the understanding of the content and the apprehension of the concepts presented. All because of the possibility of visualizing the entire conceptual arrangement. The hypothetical-deductive method was used to develop the research. The results and discussion described the physical and natural aspects of the route taken, such as: Geology; Geomorphology; Pedology; Topography; Hydrography; Phytophysiology; Climatology. The genesis, evolution and consolidation of Mato Grosso was another point discussed. From the Monções in the colonial period, through the introduction of cattle ranching, the creation of the Captaincy to the arrival of the pioneers. The current socio-economic configuration of Mato Grosso, in turn, bears strong traces of its more remote origins. This work analyzes: how the inhospitable environment faced (terrain) decisively influenced the controversial decisions that were made; how the inclement weather limited the advance of the troops; and to what extent the movement of the troops contributed to the spread of diseases, especially cholera, wherever they went. In this way, the study has made the following contributions: a discussion about the production of Space in the Territory of the Retirada; an unprecedented focus on the warlike event that marked all the peoples and nations of the Platine Islands, the memory of which has permeated the regional imagination for over one hundred and fifty years; a demonstration that in addition to Cholera, other diseases made up the health chaos in the southern region of the Province of Mato Grosso; a demonstration of the synergy between lived Space and Territory.

Keywords: Space. Territory. Disease. Retirada da Laguna. Mato Grosso do Sul.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Memorial "Marco da Paz"	19
Figura 2 - Pintura rupestre em Aquidauana/MS	21
Figura 3 - Hino do estado de Mato Grosso do Sul	22
Figura 4 - Espacialização do povo curdo	25
Figura 5 - Roteiro do itinerário percorrido pela Força Expedicionária no SMT	32
Figura 6 - Morro do Azeite, localizado próximo ao Rio Miranda	36
Figura 7 - Espacialização da Sub-bacia Hidrográfica do Rio Miranda	38
Figura 8 - Imagem aérea de área no município de Jardim (MS)	40
Figura 9 - Lavoura estabelecida no Cerrado	41
Figura 10 - Carro de boi utilizado no século XIX	42
Figura 11 - Classificação climática de Köppen para o estado de Mato Grosso do Sul	44
Figura 12 - Descargas elétricas na nuvem	56
Figura 13- Dois meninos: um vacinado contra a Varíola e outro não vacinado	60
Figura 14 - Vítima da Beribéri	62
Figura 15 - Mosquito do gênero Anopheles, transmissor do parasita Plasmodium, causador da Malária	63
Figura 16 - Ilustração digital da bactéria da Cólera (<i>Vibrio cholerae</i>)	65
Figura 17 - Teatro de Operações da Guerra da Tríplice Aliança	72
Figura 18 - Itinerário percorrido pela Força Expedicionária entre 1865 e 1867	73
Figura 19 - Disposição da tropa no dia 08 de maio de 1867	76
Figura 20 - Imagem aérea do local onde foi travada a Batalha de Nhandipá	77
Figura 21 - Marco que identifica a Mata da Cambaracê	80
Figura 22 - O lenho do Cambaracê em dois momentos	82
Figura 23 - Abandono do "Campo Santo" na década de 1920	87
Figura 24 - Imagem atual dos túmulos do CHRL	88
Figura 25 - Espacialização das doenças na Retirada da Laguna	90
Figura 26 - Imagem atual do local em que funcionava a sede da Fazenda Jardim	92

LISTA DE SIGLAS

CER-3- Comissão de Estradas de Rodagem nº 3

CHRL- Cemitério dos Heróis da Retirada da Laguna

EPSG- European Petroleum Survey Group, sigla em inglês

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH- Índice de Desenvolvimento Humano

IHGMS- Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul

MS- Mato Grosso do Sul

SERL- Sala de Exposição da Retirada da Laguna

SMT- Sul da Província do Mato Grosso

SRC- Sistema de Referência de Coordenadas

WGS- World Geodetic System, sigla em inglês

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 Questão central	13
1.2 Hipótese inicial	14
1.3 Objetivos	15
1.3.1 Objetivo Geral	15
1.3.2 Objetivos Específicos	15
2. ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	16
2.1 Categorias geográficas adotadas	16
2.1.1 Espaço	16
2.1.2 Território	22
2.2 Método e procedimentos metodológicos	26
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
3.1 Aspectos físicos e naturais do SMT	33
3.1.1 Geologia	33
3.1.2 Geomorfologia	35
3.1.3 Pedologia	35
3.1.4 Topografia	35
3.1.5 Hidrografia	38
3.1.6 Fitofisionomia	39
3.1.7 Climatologia	43
3.2 Gênese, evolução e consolidação do Mato Grosso: da Capitania à Província	45
3.2.1 As Monções e a conquista dos sertões	45
3.2.2 A introdução da Pecuária	46
3.2.3 A criação da Capitania	47
3.2.4 Caminhos e estradas carreteiras: a trilha dos pioneiros	49
3.3 As condições ambientais e sua influência na Retirada da Laguna	52
3.3.1 O calor e o frio: amplitude térmica	52
3.3.2 Os insetos	53
3.3.3 As enxurradas	54
3.3.4 Raios durante temporal	55
3.3.5 A fome	57
3.4 Principais doenças enfrentadas	58
3.4.1 Varíola	59
3.4.2 Beribéri	61
3.4.3 Malária	63
3.4.4 Cólera	64
3.5 A produção de “espaços” no contexto da Retirada da Laguna	67
3.5.1 Contexto político interno	68
3.5.2 Contexto político externo	69
3.5.3 Prelúdio da Guerra da Tríplice Aliança	70
3.5.4 Guerra no Prata: o Território vale ouro	71
3.5.4.1 Nhandipá: o sangue que escorre	75
3.5.4.2 Cambaracê: o duplo martírio dos coléricos	78
3.5.4.2.1 Do abandono à eternidade	81

3.5.4.3 Um cemitério para os heróis	82
3.5.4.3.1 Da Catacumba de Camisão ao cenotáfio: o Cemitério dos Heróis	85
3.5.5 Retirada: produção espacial epidêmica	89
3.5.6 Do Espaço vivido ao Território	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	105

INTRODUÇÃO

A Retirada da Laguna é uma jornada épica. Conjugada no presente porque ela permanece viva, seja no imaginário, na cultura, nos monumentos, na História, no espaço. Pode-se dizer que sua trajetória é uma verdadeira odisseia. Odisseia refere-se a uma trajetória épica ou uma longa jornada repleta de aventuras e obstáculos¹.

Atribuída ao poeta grego Homero, a Odisseia é uma das principais obras da Literatura Ocidental. Nela, o herói Odisseu (ou Ulisses) enfrenta desafios como criaturas mitológicas, feiticeiras e obstáculos marítimos, tudo enquanto luta para retornar para casa e reencontrar sua esposa Penélope e seu filho Telêmaco. A Odisseia é um relato emocionante que explora temas como coragem, astúcia, lealdade e o desejo de retornar ao lar, tornando-se um exemplo clássico da jornada heroica (Lourenço, 2005).

A Retirada é fonte de inspiração deste trabalho. Ele é fruto de mais de sete anos de pesquisa em prol da preservação e divulgação dos Sítios Históricos existente entre os municípios de Jardim (MS) e Guia Lopes da Laguna (MS), Sudoeste de Mato Grosso do Sul. Durante este tempo, fui um dos seus guardiões, atuando na gestão cultural da 4ª Companhia de Engenharia de Combate Mecanizada, localizada no primeiro município citado.

Pode parecer clichê, mas sinto que não fui eu quem escolhi este tema de pesquisa, mas foram estes personagens com seu heroísmo, coragem e abnegação, que me escolheram para buscar entender melhor seus feitos, ir além do senso comum. Nunca encarei como uma missão, ou um encargo profissional, mas como privilégio e oportunidade ímpar. Exercer tal incumbência é motivo de grande honra.

Continuando a fuga do lugar-comum, não foi amor à primeira vista. Ensina um axioma atribuído a Santo Agostinho que só se ama o que se conhece. Posso testemunhar que a cada parágrafo, página, capítulo que leio, releio, examino, sinto-me seduzido, atraído a me aprofundar cada vez mais.

Como será visto ao longo do trabalho, grande parte dos militares partícipes da Retirada vieram de fora da então Província do Mato Grosso. Aqui enfrentaram desafios inimagináveis, sendo que a maioria não teve a chance de viver para contá-los. Eu também sou forasteiro, fluminense de nascimento, e que tenho a chance de aqui viver e conhecer o que eles aqui

¹ Conceituação baseada na busca pelo verbete odisseia no Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/odisseia/>. Acesso em: 04 jun. 2023.

fizeram. Talvez daí venha tão grande identificação. Desconfio que se antes dessa vida eu tenha tido outra, certamente eu fui um dos retirantes que marcaram com seu sangue o belíssimo sertão de Mato Grosso do Sul.

Vale ressaltar que o termo “sertão também é definido como um lugar ocupado por povos diferentes, exóticos, qualificando-se como a morada dos ‘outros’” (Moraes, 2011, p. 105). Sou mais um a contribuir dentro desta hibridez cultural sul-mato-grossense, fazendo daqui minha morada.

Acredito que amar é, inicialmente, uma decisão. Todo o acolhimento que aqui recebi, somado a este fascínio provocado por uma história tão rica e ainda desconhecida, no Mato Grosso do Sul e no Brasil, fez-me decidir militar por ela, fazendo deste amor o meu objeto de pesquisa.

Daí desenvolvi um trabalho que é relevante pelas seguintes razões: tratar de evento significativo do desenvolvimento do Mato Grosso do Sul e do Brasil, que ainda não possui referências consistentes na Geografia; dar enfoque inédito sobre o evento bélico que marcou todos os povos e nações platinas, cuja memória permeia o imaginário regional há mais de 150 anos; trazer reflexões sobre a produção do Espaço e da formação do Território.

O interesse científico consiste na busca pela geração de conhecimentos da temática regional, cujos desdobramentos são evidenciados na sociedade sul-mato-grossense até hoje. Já o interesse social do trabalho reside no fato de ao estudar o passado permitir uma melhor compreensão do presente. A partir dos subsídios obtidos, a sociedade tem melhores condições de construir o seu futuro.

Diante do exposto até aqui, ficam evidenciadas as contribuições para a sociedade, bem como o cabedal de conhecimento a ser explorado. É necessário que as lições aprendidas a partir das reminiscências deste episódio singular na trajetória sul-mato-grossense nos leve a não cometermos os mesmos erros. Afinal, somos todos filhos dessa tragédia geopolítica² que foi a guerra para as Nações Platinas.

1.1 – Questão Central

Para buscar a solução de qualquer problema de natureza militar, é preciso analisar, antes, alguns aspectos fundamentais, chamados de fatores da decisão, que são os “elementos que

² “Uma entre as consequências mais conhecidas foi o aniquilamento quase total da população masculina adulta paraguaia” (Albuquerque, 2020, p. 23).

orientarão o processo decisório. Atualmente, para a Doutrina Militar Brasileira, os principais fatores da decisão são: missão, inimigo, terreno e condições meteorológicas, meios, tempo e considerações civis” (Brasil, 2017, p. 2-20). Já o Poder de Combate consiste em:

Capacidade global de uma organização para desenvolver o combate, a qual resulta da combinação de fatores mensuráveis e não mensuráveis que intervêm nas operações, considerando-se a tropa com seus meios, valor moral, nível de eficiência operacional atingido e o valor profissional do comandante (Brasil, 2009, p.16).

Verifica-se então que, enquanto os fatores da decisão são subsídios fundamentais para a tomada de decisão do Comando, o Poder de Combate consiste na capacidade de desenvolvimento da tropa.

Sendo assim, no caso da Força Expedicionária, podemos considerar o conhecimento fisiográfico do Pantanal e do Cerrado como fator da decisão, dentro da classe terreno e condições meteorológicas. Isto deve-se ao fato de possuir uma delimitação geográfica específica, além das dinâmicas que lhe são peculiares.

Em suma, o conhecimento do ambiente operacional é um fator decisivo para a otimização do desempenho de um exército. “Conheça o inimigo e a si mesmo e você obterá a vitória sem qualquer perigo; conheça o terreno e as condições da natureza, e você será sempre vitorioso” (2006, p.35), ensina Sun Tzu.

Neste sentido, buscar-se-á responder às perguntas que se seguem. De que forma o meio inóspito enfrentado (terreno), seja no Cerrado nativo ou no Pantanal, influenciou para que decisões controversas fossem tomadas? De que maneira as intempéries climáticas foram limitadoras do avanço da tropa? Em que medida o deslocamento da tropa contribuiu para a propagação de doenças, com destaque para a Cólera, por onde passou?

1.2 – Hipótese Inicial

Antes de qualquer coisa, é um ato de cidadania promover o pensamento crítico acerca da realidade atual. Para tanto, faz-se necessário conhecer o passado, a partir das mais variadas versões existentes. A atual sociedade sul-mato-grossense carrega em seu imaginário muitas lendas, mitos, ressentimentos e até mesmo preconceitos, originados neste ponto de inflexão do seu desenvolvimento.

Dessa maneira, é desejável possibilitar a compreensão da Retirada. Toda a destruição feita pela Guerra, além de evidenciar os altíssimos níveis de crueldade que o ser humano pode alcançar, proporciona aprendizados diversos.

Este trabalho parte do pressuposto de que a trajetória da Coluna Camisão³ foi influenciada pelo meio inóspito, incluindo as intempéries climáticas e as péssimas condições de higiene, propiciando a ocorrência de doenças, com destaque para a Cólera, desgastando assim as condições físicas e de saúde da tropa.

Fica caracterizado o meio como como lócus de seleção natural, uma vez que do efetivo máximo alcançado, a maioria não resistiu. A epidemia⁴ de Cólera matou mais do que o embate bélico (Taunay, 1874), constituindo-se em vetor desta espécie de seleção.

Vale destacar que a intenção aqui não é evidenciar um pseudo determinismo ambiental. Logicamente que cada indivíduo possui múltiplas razões, algumas nobres e outras nem tanto, para uma série de decisões tomadas cotidianamente. A miséria humana, indubitavelmente, fica ainda mais evidente em um contexto de guerra. A análise será abrangente, indo além da especificidade do enfoque.

1.3 – Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar aspectos geohistóricos da Retirada da Laguna, a fim de entender como o meio, as intempéries climáticas e as doenças que acometeram a tropa impactaram nas decisões tomadas na guerra, a partir da identificação de elementos produzidos no Espaço.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Contextualizar historicamente a Retirada da Laguna;
- Caracterizar os aspectos físicos e naturais do trajeto realizado;
- Identificar as principais doenças enfrentadas pelos integrantes, bem como de que forma as intempéries do clima foram limitadoras do avanço da tropa;
- Demonstrar a influência do meio (terreno) nos rumos de uma guerra.

³ A Força Expedicionária também era conhecida como Coluna Camisão (Lima; Silva, 2019).

⁴ “Uma epidemia ocorre quando o número de casos de determinada doença aumenta subitamente em várias regiões distintas, podendo ocorrer em nível municipal, estadual ou nacional” (Palma; Pugliesi, 2020, p.3).

2. ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

2.1 – Categorias geográficas adotadas

A Retirada permite o trabalho de todas as categorias de análise. Cada categoria seria um “ângulo específico com que a sociedade é analisada, ângulo que confere à geografia a sua identidade e a sua autonomia relativa no âmbito das ciências sociais” (Corrêa, 2000, p. 16). Para este trabalho foram adotados Espaço e Território.

2.1.1 Espaço

Hartshorne (1939, p. 395), apresenta, talvez, a categoria mais importante, que englobaria todas as demais, o Espaço: seria “somente um quadro intelectual do fenômeno, um conceito abstrato que não existe em realidade [...] a área, em si própria, está relacionada aos fenômenos dentro dela, somente naquilo que ela os contém em tais e tais localizações”.

Corrêa (2000, p.18-19) simplifica a discussão: coloca o Espaço como o “receptáculo que apenas contém as coisas”. Este é a categoria *matter*, a partir do qual todas as demais se desenvolvem, presente desde os primórdios da Geografia. A saúde dialoga bastante com o conceito de Espaço.

Dentre as diversas correntes do pensamento geográfico, temos uma que tem a visão mais organicista, amigável a esta interação. A Escola Francesa, que tem em Vidal de La Blache, seu principal expoente, sendo repleta de conceitos que buscam refletir acerca da interface entre a Ciências da Saúde e a Geografia.

Na análise do contexto geográfico-histórico, uma vez que visa facilitar a compreensão da singular interação entre estas duas categorias na conjuntura da Retirada: a partir da disputa territorial, foram sendo produzidos novos “espaços” em função da incidência fatal de enfermidades.

O espaço é o resultado da soma e da síntese, sempre refeita, da paisagem com a sociedade através da espacialidade. A paisagem tem permanência e a espacialidade é um momento (...). A espacialização é sempre o presente, um presente fugindo, enquanto a paisagem é sempre o passado, ainda que recente. O espaço é igual à paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, a vida que palpita conjuntamente com a materialidade (Santos, 1988, p. 26).

A partir desta escolha, surgem como possibilidade examinar: a produção do Espaço/Território no Cambaracê, no Cemitério dos Heróis da Retirada da Laguna (CHRL) e na Fazenda Jardim; a espacialização/Territorialização⁵ das doenças; o Espaço/Território enquanto meio de seleção natural.

Por fim, tratando-se de toda subjetividade intrínseca à Retirada, vale trazer à baile a tríade “lefebvriana” do Espaço: percebido (praticado); concebido (representado); vivido (simbólico). Vale ressaltar que o “coração vivido é estranhamente diferente do coração concebido e percebido” (Lefebvre, 1991, p. 40, **tradução nossa**).

O Espaço percebido é concreto, que podemos ver, tocar e compreender. Ele nos é apresentado pelos sentidos (a visão, a audição, o olfato, o paladar e o tato). Sendo assim, as nossas percepções e experiências individuais influenciam a forma como percebemos e utilizamos o espaço. Somos mais do que meros utilizadores do Espaço, mas também parte integrante dele. As nossas ações e interações contribuem para a sua qualificação (Lefebvre, 1991).

O Espaço, na Retirada, é percebido de forma bastante hostil. As sensações vivenciadas a partir das diversas limitações impostas pelas intempéries naturais, pelas precárias condições sanitárias e pela falta de apoio logístico, são verificadas no relatos de Taunay (1874). Este Espaço percebido também é conhecido como práticas espaciais. Afinal, são elas que operam a estruturação da vida diária e da realidade (Lefebvre, 1991). A ação antrópica no Espaço afeta diretamente a percepção sobre ele.

Já o Espaço concebido é conhecido como “‘representações do espaço’, sendo que se trata do espaço discursivamente construído pelos profissionais da área, incluindo planeadores, arquitetos, engenheiros, geógrafos, urbanistas e outros especialistas formados” (Jabareen, 2014 *apud* Cordeiro, 2022, p. 77). Esta seria a dimensão espacial administrativa.

Lefebvre define que o Espaço concebido “no seu ‘estado puro’, (...), não tem componentes nem forma. As suas partes são indefinidas e, nesse sentido, assemelha-se à identidade ‘pura’ - ela própria vazia devido ao seu carácter ‘puramente’ formal (1991, p. 297, **tradução nossa**).

⁵ Esta seria “um componente de poder, por meio do qual indivíduo e sociedade experimentam e **dotam de significado** seu ‘espaço’ físico ou virtual de convivência” (De Almeida, 2014, p. 75, **grifo nosso**). Este conceito será retomado adiante.

“Ou seja, o ‘espaço concebido’ é onde ocorre o planeamento⁶ e gestão por parte da população e que os arquitetos designam como informalidade e a partir daí fazem as suas opções de planeamento, análises para agir no espaço” (Cordeiro, 2022, p. 77).

Esta dimensão seria o Espaço idealizado pelo aparato burocrático do Estado. “O espaço concebido é inteiramente ideacional, feito de projeções do mundo empírico e de geografias imaginárias” (Jabareen, 2014 *apud ibidem*). Sendo assim, em que pese haver idealizações estatais em relação à Retirada, não há aplicabilidade em relação ao objeto de estudo.

Por fim, o Espaço vivido ou representacional é o onde a vida acontece de forma concreta e simbólica, onde as pessoas, eminentemente, vivem. Daí emana todo um simbolismo⁷, por conta de todas as experiências, memórias e emoções. É nele que são construídos os vínculos interpessoais. É a interseção entre a experiência e a representação, do tangível e do intangível. É o espaço onde o real e o imaginário se misturam (Lefebvre, 1991).

A Retirada é pródiga em relação ao Espaço vivido. Além de toda a vivência regional do episódio, temos, até hoje (Figura 1), uma série de representações, releituras, ressignificações sobre este evento. O

“espaço vivido”, é idealizado, construído e vivenciado por influência das convenções culturais das pessoas que ocupam esses espaços diariamente. (...), “A convenção cultural é um dos fatores mais decisivos na produção e experiência informal.” Pode-se afirmar que, enquanto “espaço vivido”, a informalidade em si é cultural e socialmente organizada e coerente (Cordeiro, 2022, p.87)

⁶ Planear é sinônimo de planejar. Logo, planeamento é o mesmo que planejamento, conforme o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/odisseia/>. Acesso em: 08 out. 2023.

⁷ Deriva de símbolo. Este termo “refere-se a um objeto que designa, por uma espécie de lei ou convenção, uma idéia” (Nasser, 2004, p. 107).

Figura 1. Memorial "Marco da Paz"⁸, que fica próximo à Ponte Velha em Aquidauana/MS.



Foto de Ronald Regis. Fonte: <https://www.opantaneiro.com.br/aquidauana/prefeitura-inaugura-em-aquidauana-memorial-da-paz-em-referencia-a/203456/>. Acesso em: 10 out. 2023.

A Retirada é repleta de informalidade e improviso. A falha no estabelecimento de Nioaque como Base de Operações, fez com que a Força Expedicionária tivesse que, diuturnamente, apelar para a criatividade na busca pela sobrevivência (Taunay, 1874). O apoio logístico necessário nunca foi oferecido.

O Espaço vivido é a forma como a população que o habita o percebe e o interpreta, criando uma representação única desse lugar (Lefebvre, 1991). A Retirada é este Espaço, vivido há mais de 150 anos nas mentes e nos corações dos habitantes por onde ela passou.

Resumidamente, a experiência vivida corporalmente é o primeiro nível de transformação ontológica⁹ do espaço. Engloba os locais de ação, paixão e situações vividas e, portanto, implica tempo. Incorporando um simbolismo complexo, por vezes codificado outras vezes não, o “espaço vivido” está de certa forma ligado ao lado

⁸ Segundo relato da reportagem, naquele mesmo ponto, havia sido instalado em 1970, um monumento em memória ao centenário do fim da Guerra da Tríplice Aliança. Este resgate celebraria a Paz entre as Nações beligerantes, desde o fim das hostilidades.

⁹ Ontológico(a) é relativo à Ontologia. Este termo seria a “Teoria ou ramo da filosofia cujo objeto é o estudo dos seres em geral, o estudo das propriedades mais gerais e comum a todos os seres”, segundo o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/odisseia/>. Acesso em: 10 out. 2023.

clandestino ou escondido da vida social e também à arte (Jabareen, 2014 *apud* Cordeiro, 2022, p.89).

Esta experiência corporal com o Espaço é o primeiro estágio metamórfico da natureza da realidade e da existência deste. As ações do cotidiano, passionalidades, vivências realizadas ao longo do tempo contribuem para a construção diuturna desta faceta espacial.

Lefebvre sublinha que o Espaço vivido é uma ressignificação simbólica do próprio Espaço em sua dimensão física. É “o espaço dos ‘habitantes’ e ‘usuários’”. (...) A percepção é um espaço que se sobrepõe ao espaço físico, fazendo uso simbólico dos seus objetos” (1991, p. 39, **tradução nossa**). Trata-se da apropriação subjetiva desta categoria de análise, diretamente através da gama de codificações estabelecidas.

Este Espaço vivido, possui um caráter orgânico: é a vida em estado puro, definindo, delimitando os caminhos a serem percorridos. Mais que vivido, é um Espaço vívido, com todos os significados e códigos, que mais do que ideias, nos transmite padrões e valores.

A filósofa Lúcia Helena Galvão¹⁰ afirma que “o cerimonial da vida é um protocolo de humanização”¹¹. Seria uma maneira de educar, formar as pessoas, para que se tornem mais humanas. Não existe dimensão espacial mais humana que o vívido Espaço vivido.

Este Espaço vivido é construído desde os primórdios da Humanidade, a perspectiva imagética não nos deixa mentir. A imagem constitui ferramenta “de pesquisa e descoberta” (Gomes; Berdoulay, 2018, p. 358). E isto não vem de hoje: as pinturas rupestres (Figura 2) são relatos fidedignos desta vivacidade do Espaço. Vemos diversos detalhes dos ambientes dos povos antigos, comprovando a utilização desde tempos imemoriais da imagem como registro deste Espaço vivido (Lima; Girão, 2013).

¹⁰ Lúcia Helena Galvão é uma filósofa, professora, escritora, poetisa e palestrante brasileira. Ela é conhecida por suas palestras e cursos sobre Filosofia, Espiritualidade e Cultura.

¹¹ Trecho de fala realizada durante a palestra “O Sentido Perdido das Cerimônias”, palestra beneficente transmitida ao vivo, em 5 de fevereiro de 2022, em escola na Asa Sul, em Brasília. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Krt41st_Fsc&t=0s. Acesso em: 12 out. 2023.

Figura 2. Pintura rupestre em Aquidauana/MS.



Fonte: Aguiar, 2014, p. 30.

O registro da imagem pode ser colocado como precursor da própria escrita. A pintura rupestre foi o primeiro passo para o desenvolvimento desta fantástica habilidade, fundamental para o ato de ensinar e aprender. “A escrita revolucionou a vida em sociedade ao passo que imprimiu nesta uma velocidade impressionante na absorção/divulgação de conhecimento, fornecendo novas bases para refletir as transformações no espaço” (Lima; Girão, 2013, p. 91).

Este Espaço vivo, vívido, experimentado, nos transmite uma série de entendimentos convencionados como ideais a serem seguidos pelas gerações vindouras pelos seus ancestrais. Tal conceito, com toda a sua índole cerimonial, é a ponte que nos leva do presente para todas as referências construídas desde o passado. Elas estão neste processo (caótico) contínuo de construção/transformação espacial.

Daí que se interessar pela imagem é se devotar pela história contada em sua integralidade (Joly, 1996). A história de nossas vidas está escrita/inscrita no Espaço vivido. Esta devoção tem na Retirada o seu altar: nela todo sofrimento tem sua redenção a partir do Espaço vivido brutalmente. Em cada relíquia preservada, o patrimônio material e imaterial do sofrimento sem fim dos retirantes ecoa suas vivências pela eternidade.

2.1.2 Território

A Retirada da Laguna (1867) marca a identidade regional sul-mato-grossense. Tanto que seu Comandante é citado no hino do estado (Figura 3). Foi uma extenuante luta contra às incertezas da guerra, à falta de suprimentos, tendo como inimiga uma epidemia de Cólera, dentre outras enfermidades (Taunay, 1874).

Figura 3. Hino do estado de Mato Grosso do Sul.

Hino de Mato Grosso do Sul

Estrilho:
(*A pujança e a grandeza de fertilidades mil, São o orgulho e a certeza Do futuro do Brasil.*)



Letra: Jorge Antônio Siufi e Otávio Gonçalves Gomes
Música: Radamés Gnattali

Os celeiros de farturas,
Sob um céu de puro azul,
Reforjaram em Mato Grosso do Sul
Uma gente audaz.

Tuas matas e teus campos,
O esplendor do Pantanal,
E teus rios são tão ricos
Que não há igual.

(**Estrilho**)

Moldurados pelas serras,
Campos grandes: Vacaria,
Rememoram desbravadores,
Heróis, tanta galhardia!

Vespasiano, Camisão
E o tenente Antônio João,
Guaicurus, Ricardo Franco,
Glória e tradição!

(**Estrilho**)

Fonte: <https://i.ytimg.com/vi/tsv2B6d4ZqY/maxresdefault.jpg>. Acesso em: 14 out. 2023.

Houve uma frequência acima do esperado para um determinado período, com concentração no Espaço e no tempo de uma doença (Rezende, 1998), culminando com o

abandono de mais de uma centena de coléricos em fase terminal, para que os saudáveis prosseguissem lutando pela vida: o fatídico episódio do Cambaracê (Taunay, 1874). Neste caso em particular, o Espaço seria uma espécie de meio de seleção natural.

Este Espaço em disputa, traz à tona outra categoria, indissociável de qualquer contexto bélico: o Território. Ele “é uma construção conceitual a partir da noção de espaço” (Raffestin, 1993, p.143). É um importante desdobramento do Espaço, categoria *matter* de análise dentro da Geografia.

O Território se constitui em "campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade" (Souza, 2000, p.88). É nele que acontece a disputa, presumindo a existência de dois equivalentes contendores. No Território, este “jogo de pressão” (Mattos, 2011, p.13) seria um fator inerente, a força motriz da produção territorial.

A categoria territorial tem ainda, no seu bojo, o mérito de ser “a base física de sustentação locacional e ecológica, juridicamente institucionalizado do Estado Nacional” (Santos, 2009, p.1). O ente estatal se torna tangível no Território que o enquadra. Sem ele, o Estado, assim como todos os seus desdobramentos não passam de meras concepções teóricas.

Le Berre (1995, *apud* Santos, 2009) ensina que o conceito de Território possui significação jurídica, abrangendo: dominação (remetendo à soberania¹² dentro de suas fronteiras); interdição (remetendo ao controle do território, impedindo tudo o que estiver em desacordo com seus interesses); demarcação (remetendo ao estabelecimento da abrangência de sua soberania no espaço).

“Território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação” (Haesbaert, 2005, p. 6774).

Em todo e qualquer pedaço de chão em que haja disputa pelo controle, dominação e/ou soberania, materializa-se uma categoria transcendental: que gravita entre o simbolismo e a realidade. O Território é onde se desenvolve o embate das relações de poder. É a parcela política do Espaço (Haesbaert, 2004).

¹² “Extensão territorial sob a autoridade de um soberano”, segundo o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=soberania>. Acesso em: 13 out. 2023.

Esta anterioridade do Espaço em relação ao Território é destacada por Raffestin (1993). Ele prossegue afirmando que este “se forma a partir do espaço, é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator ‘territorializa’ o espaço” (*ibidem*, p. 143).

O Território “é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por conseqüência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens constroem para si” (*ibidem*, p. 144).

A partir do momento que o ator sintagmático decide por se tornar cativo no Espaço, acaba por forjar o Território. Os vínculos criados no Espaço vivido tendem a aprisionar o homem nos grilhões territoriais.

O ‘território inclui, ainda, a construção de laços afetivos ligando espaço vivido x trajetória pessoal/familiar x construção de ‘mundo comum’, necessariamente tecidos no tempo, e que convergem no sentido de um ‘enraizamento’, uma mistura das trajetórias pessoais, sociais e espaciais, dadas por um mesmo espaço ‘vivido’ (Schlee *et al.*, 2009, p. 229)

Daí infere-se que o Território é fruto da tomada de um determinado recorte espacial, a partir do qual serão produzidas Territorialidades¹³. O conceito de Territorialidade é definido como "um fenômeno de comportamento associado à organização do espaço em esferas de influência ou em territórios nitidamente diferenciados, considerados distintos e exclusivos, ao menos parcialmente, por seus ocupantes ou pelos que os definem" (Soja, 1971 *apud* Raffestein, 1993, p.159).

As alteridades entre distintas Territorialidades (identidades¹⁴ territoriais) sejam individuais, coletivas ou institucionais podem existir mesmo sem um Território prévio, mas jamais o contrário. Existem grupos étnicos, culturais e políticos que possuem robustas Territorialidades, mas não desterritorializadas.

Um exemplo disso são os curdos (Figura 4), que são um povo com identidade cultural e linguística distinta, mas não têm um estado-nação independente e soberano que corresponda ao seu Território. Eles estão dispersos por várias regiões, principalmente no

¹³ As Territorialidades, em sentido estrito, podem ser encaradas como a projeção de diversas identidades socioculturais no Território (Saquet; Briskievicz, 2009).

¹⁴ Vale ressaltar a simbiose entre os conceitos de identidade e cultura. A sinergia entre ambos é inegável. “A cultura é inerente a um grupo; a identidade se manifesta como ação social e coletiva concreta frente a outro(s). A cultura une um grupo; a identidade o diferencia de outros” (Perico, 2009, p. 39).

Oriente Médio, incluindo, majoritariamente, partes do Iraque, do Irã, da Síria e da Turquia, mas não têm um Território reconhecido internacionalmente como seu (Neto, 2021).

Figura 4. Espacialização do povo curdo.



Fonte: Isto é Dinheiro, 2019. Acesso em: 09 jan. 2024.

Fica evidente que o Território é “concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômicos-políticas ao poder mais simbólico¹⁵ das relações de ordem mais estritamente cultural (Haesbaert, 2004, p. 79 *apud* Haesbaert, 2010, p. 167).

Posto isso a respeito da disputa territorial do povo curdo, vale acentuar que o Mato Grosso do Sul também foi alvo de sangrentas contendas, durante séculos. Neste ínterim, diferentes “espaços” foram produzidos, de forma peculiar e dramática. As marcas desta trajetória estão materializadas no Espaço, impressas no Território, forjadas no seu próprio povo: mártir das disputas pelo que sempre foi seu.

Este trabalho apresenta um estudo de caso que mostra a sinergia entre as duas categorias. Os passos trilhados pela Coluna Camisã evidenciam, simultaneamente, a produção do Espaço e a formação do Território. Ambos os processos orgânicos, vivos, mas

¹⁵ “Os símbolos que compõem uma identidade não são construções totalmente eventuais; mantêm sempre determinados vínculos com a realidade concreta” (Saquet; Briskievicz, 2009, p.6).

que no contexto da Retirada, são perpassados pela doença e pela morte. O sofrimento é a imagem inconfundível da Retirada da Laguna.

2.2 – Método e procedimentos metodológicos

Os recortes temporal e espacial utilizados serão os seguintes: da assunção do comando pelo Coronel Carlos Camisão (Miranda) até o fim da Retirada em Porto Canuto (Anastácio). Mais precisamente, entre janeiro e junho de 1867.

Foi utilizado o método hipotético-dedutivo, que é aquele em que há uma “percepção de uma lacuna nos conhecimentos, acerca da qual formula hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 106).

É um método apropriado para quando os “conhecimentos disponíveis sobre determinado assunto são insuficientes para a explicação de um fenômeno” (Gil, 2008, p. 12). Sendo assim, esta escolha se deve ao fato da Retirada da Laguna ainda ser pouco analisada dentro dos paradigmas geográficos (lacuna).

Esta constatação é fundamentada em pesquisa realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações com os termos “Retirada da Laguna”¹⁶, sendo encontrados trinta e três resultados. Chama atenção o fato de que não haver nenhum trabalho em Programa de Pós-Graduação em Geografia

Prosseguindo, parte-se do pressuposto que os impactos das condições de saúde-doença da tropa, conjugados com intempéries climáticas e a hostilidade do terreno, condicionaram e limitaram o desenvolvimento dela (hipóteses). O trabalho buscou comprovar ou refutar as teses levantadas (teste).

Quanto à documentação, foram utilizadas as seguintes técnicas de pesquisa: direta (obtenção das informações onde os fenômenos ocorrem, através das pesquisas de campo e de laboratório); indireta (realizado por meio de diversas fontes, por meio das pesquisas bibliográfica e documental) (Lakatos; Marconi, 2003).

¹⁶ Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?lookfor=Retirada+da+Laguna&type=AllFields>. Acesso em: 09 jan. 2024.

É realizada uma pesquisa documental, tendo como fonte os Arquivos Públicos: documentos oficiais (escritos); iconografia, fotografias, objetos, folclore, entre outros. Também foram utilizadas fontes bibliográficas, dentre elas material cartográfico e publicações (*ibidem*).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo cultural do estado de Mato Grosso do Sul, indubitavelmente, é profundamente marcado pela Retirada da Laguna. Todo o seu legado vem a integrar, regional e nacionalmente, o que se conhece por patrimônio cultural. Afinal, ela configura “uma marcha que não acabou. É ainda viva na memória de brasileiros, paraguaios, de toda a comunidade transfronteiriça, de aficionados e estudiosos” (Lima; Silva, 2022, p. 261).

Sendo este processo “material ou imaterial, é produto de processos históricos, geográficos, antropológicos, sociológicos e culturais. São diversas as ‘lentes’, os olhares que podem identificar a amálgama de diversas riquezas, símbolos das relações interpessoais ao longo do tempo” (Lima; Silva, 2020, p. 93).

Para melhor entender este contexto é preciso saber o que foi este evento, exatamente. A Retirada da Laguna (1867) ocorreu dentro do contexto da Guerra da Tríplice Aliança¹⁷ (1864-1870). Este conflito tinha como contendores, de um lado, Brasil, Argentina e Uruguai, contra o Paraguai. Em jogo estava o controle da navegação da Bacia do Prata, importante hidrovia para os interesses econômicos e políticos dos envolvidos (Lima; Silva, 2019).

Ao longo de todo o século XIX, uma série de eventos vai provocando uma escalada da tensão na região platina, tendo a guerra como ápice desse tensionamento. Recém independentes, Brasil (1822), Argentina (1816), Uruguai (1828) e Paraguai (1811), a partir da guerra, além da conformação de suas questões territoriais, buscaram pela pólvora resolver suas diferenças (Fernandes, 2014).

Em dezembro de 1864, após o sequestro do Vapor Marquês de Olinda, e a invasão do Sul da Província do Mato Grosso (SMT), pelos paraguaios, foi deflagrada a guerra. Por conta de toda a dificuldade de mobilização, os precários acessos que conduziam à província, além da distância da capital do Império, as tropas imperiais irão chegar em Nioaque apenas em meados de 1867 (Corrêa; Corrêa, 2018).

Aquele Espaço era ocupado, basicamente por povos nativos, com exceção de alguns “brancos”, pecuaristas que detinham algumas propriedades na região. Um destes, José

¹⁷ Ao longo deste trabalho, o embate bélico entre o Império do Brasil, a República Argentina, e a República Oriental do Uruguai contra a República do Paraguai será chamado desta forma em referência ao Tratado assinado em 1º de maio de 1865. Este buscava criar uma aliança estratégica para combater ofensivamente e defensivamente os paraguaios (Doratioto, 1994).

Francisco Lopes, proprietário da Fazenda Jardim, tem sua família sequestrada e levada para o Paraguai (Lima; Silva, 2021).

Vale ressaltar que a Força Expedicionária enviada ao SMT era uma iniciativa diversionária¹⁸, realizada em prol do esforço principal a ser efetuada em outra frente de batalha. Na realidade, “o corpo de exercito tinha missão, que devia cumprir a todo o custo, que a sua marcha pelo Norte do territorio paraguayo era absolutamente indispensável no plano do conjuncto da guerra, que essa diversão, seria talvez decisiva em favor do ataque ao Sul (...)” (Taunay, 1874, p. 41).

Ao saber da chegada, nas redondezas, da tropa comandada pelo Coronel Camisão, vai até este militar e se oferece para guiar os forasteiros durante o desafio de repelir a invasão paraguaia. Após ser aceito, ele incorpora à tropa, guiando-os, em um primeiro momento, até as margens do Rio Apa (Guimarães, 1999).

Em tese, a partir desse momento, deveriam retornar, pois o objetivo havia sido cumprido. Porém o sertanejo estava ali não apenas por uma questão patriótica, mas também por ter a esperança de recuperar sua família.

Como a alimentação já começava a escassear, o guia das tropas indica a existência da Fazenda Laguna, em solo paraguaio. Ele argumenta que se fossem até lá, além de obter gado para a subsistência da tropa, retribuiriam a invasão sofrida pelo inimigo (Taunay, 1874).

Assim eles o fazem, deslocando-se até a referida propriedade, mas não encontram nada. Na verdade, os paraguaios já haviam se antecipado e recolhido toda provisão de gado ali existente. Planejava-se atrair a tropa para o interior do Território paraguaio, não passava de uma cilada: era um “laço que o inimigo estava armando para atrair estas forças ao interior da República” (Oliveira, 2008, p. 92).

Diante do infortúnio, decidem voltar ao Brasil. Ao atravessarem de volta o Rio Apa, são surpreendidos por uma carga da Cavalaria paraguaia: a tropa brasileira sofre uma emboscada. Era o prenúncio de uma jornada ingrata (Taunay, 1874).

Este embate ficou conhecido como a Batalha de Nhandipá (11 de maio de 1867), peleja encarniçada, que deu início a carestia entre os brasileiros (*ibidem*). Por conta da vulnerabilidade da tropa brasileira, inicia-se aí uma operação de movimento retrógrado, mais especificamente, uma forma de manobra denominada Retirada. É empreendida com o intuito de evitar o contato

¹⁸ “O plano adotado foi o de criar uma força expedicionária destinada a divertir os paraguaios estacionados em Mato Grosso, enquanto o esforço principal se efetuaría a partir do Rio Grande do Sul” (Esselin; Fernandes, 2017, p. 51).

com o inimigo (Brasil, 2017). Daí surge a emblemática Retirada da Laguna, iniciando após o insucesso da empreitada na fazenda paraguaia.

O efetivo, inicialmente, saiu do Rio de Janeiro em direção ao Mato Grosso, em abril de 1865, encerrando sua jornada em junho de 1867 (Vianna, 1938). Após trinta e quatro dias, chegam a Porto Canuto, às margens do Rio Aquidauana (Taunay, 1874). Mas não foi apenas a guerra o grande desafio: “a constância e o valor”¹⁹ do soldado brasileiro enfrentaram as intempéries naturais, a fome e a doença.

Neste sentido, vale a lembrança de que a Geografia da Saúde prima por analisar a distribuição geográfica da enfermidade (Czeresnia; Ribeiro, 2000). Inclusive, ela pode ser definida como “uma antiga perspectiva e uma nova especialização que se ocupa da aplicação do conhecimento geográfico, dos métodos e técnicas na investigação em saúde, na perspectiva da prevenção de doenças” (Iñiguez Rojas, 2004 *apud* Anute; De Paula; De Farias, 2020, p. 28).

Ao olharmos para a dramática jornada da Coluna Camisão, vale destacar o deslocamento de “uma cidade em marcha” (Guimarães, 1999, p. 133), tamanha era a quantidade de pessoas que arregimentava, a certa altura (Taunay, 1874). Este fato contribuiu para a propagação de doenças, como será visto ao longo deste trabalho. Foi um processo tão peculiar que, até mesmo inovou no tocante à produção espacial²⁰, de acordo com o que será evidenciado ao longo deste trabalho.

A visão lablacheana encara o meio geográfico a partir das diversas possibilidades que são oferecidas ao homem (Vieites, 2008). Porém, os seres humanos são influenciáveis em suas escolhas: a Retirada evidencia de que forma o meio hostil (Espaço e Território), acaba por moldar as decisões tomadas.

As privações sofridas ao longo de toda a trajetória influenciaram as atitudes, sobretudo algumas decisões controversas (o Cambaracê²¹, por exemplo). Sorre refletiu sobre a relação entre o meio e as doenças (Vieites, 2008), sendo proposto aqui verificar as influências sobre os retirantes. Será analisado de que forma o meio através/a partir de suas facetas geográficas e epidemiológicas impactou sobre os rumos tomados.

¹⁹ Referência à medalha concedida às Forças Expedicionárias em operações ao Sul da Província de Mato Grosso, criada pelo decreto 3.926 de 7 de agosto de 1867 (Brasil, 1867).

²⁰ Pelo protagonismo da doença no processo.

²¹ Cada cólico demandava oito pessoas em revezamento para carregá-lo adiante. Quando já se encontravam em terras da Fazenda Jardim, estimava-se que o efetivo de sobreviventes girava em torno de 1.000 pessoas. A esta altura, a disseminação da Cólera alcançava seu auge, com mais de uma centena de pessoas em fase terminal da doença. Com aproximadamente metade da tropa fora de combate, em 26 de maio de 1867, foi resolvido deixar os que estavam em piores condições para trás, de forma que os saudáveis prosseguissem (Taunay, 1874).

Sabe-se que a circulação/movimento é a característica que imprime não apenas os traços/traçados essenciais de uma urbe, mas dá a coesão ao gênero de vida local (Vieites, 2008). A criatividade dos integrantes da Retirada não foi uma mera escolha, foi tão somente a única saída em meio ao caos que foi esta manobra.

As condições de saúde/doença foram determinantes no desempenho da tropa (higidez). A trajetória foi condicionada pelo sofrimento imposto pelas doenças, com destaque para a Cólera. Este meio quadruplicamente hostil (clima/ecossistema/doenças/guerra) foi crucial para os caminhos trilhados.

Conforme já abordado acerca de Sun Tzu, o conhecimento espacial/territorial (do meio/terreno) vai além de questões topográficas. Compreende também toda a dinâmica da vida, que se articula ali: fauna, flora, clima, Hidrologia etc. Muito antes de ser tendência, o entendimento do meio natural provou-se uma vantagem decisiva na guerra.

Dentro do próprio contexto do embate platino, temos uma icônica construção que comprova tal conceito: o Forte de Coimbra. O domínio espacial/territorial favoreceu a resistência às várias investidas sofridas pela fortificação: desde o período colonial até a sua queda em dezembro de 1864, durante a guerra (Campestrini; Guimarães, 1991).

A influência do meio, é inequívoca. Na Retirada da Laguna (Figura 5) realizou-se uma autêntica “seleção natural”²², tanto que apenas 700 militares chegaram ao final desta jornada²³ (Taunay, 2006). Vale ressaltar que o efetivo da Força Expedicionária teve, em seu auge, o efetivo de 3.000 militares. Somando-se os acompanhantes (mulheres, crianças e mascates), chegava-se a 5.000 pessoas²⁴ (Taunay, 1927). Os sobreviventes percorreram, em média, mais de 3.000 quilômetros a pé²⁵ (Guimarães, 1999).

²² Este conceito surge da ideia de que, “comparativamente, os organismos que estão melhor adaptados ao meio apresentam maior chance de sobrevivência, que aqueles menos adaptados. Para Darwin isso seria determinante à perpetuação das espécies” (Nascimento, 2020, p. 166).

²³ “Em 11 de junho reduzira-se a 700 combatentes. Perdêramos 908 soldados pela cólera e o fogo” (Taunay, 2006, p. 179).

²⁴ “Havia talvez alli, contando com paisanos, boiadeiros, mulheres e gente adventicia, para cima de 5.000 pessoas, das quaes 3.000 em armas” (Taunay, 1927, p. 34).

²⁵ Esta distância é contada do início do deslocamento da Força Expedicionária em direção ao SMT, iniciado no Sudeste.

Todo este trajeto percorrido não possui caráter inerte ou mesmo uniforme. O meio apresenta diversas particularidades. A maioria delas, manifestam-se de maneira hostil ao homem. A seguir veremos os atributos físicos e naturais que eternizaram a Força Expedicionária.

3.1 – Aspectos físicos e naturais do SMT

Em qualquer guerra a fisiografia é um fator importante a ser considerado por qualquer exército. Não é à toa que Taunay (1874) relatou exaustivamente os aspectos naturais, não só no contexto cênico das paisagens, mas sobretudo pelas adversidades enfrentadas.

O Pantanal e o Cerrado, cada um à sua maneira, constituíram um meio hostil ao avanço das tropas. Serão destacados a seguir, os seguintes aspectos deste recorte: Geologia, Geomorfologia, Pedologia, Topografia, Hidrografia, Fitofisionomia e Climatologia.

3.1.1 Geologia

Geologicamente, a área de estudo tem predomínio dos depósitos aluvionares, compreendendo “a porção do topo, constituída de sedimentos argilo siltico arenosos. É a Face de maior área no pantanal sul-mato-grossense, com 66.895 Km², isto é, mais de 18,6% do território estadual. Abrange desde o extremo Sudoeste do estado, até o limite com o estado do Mato Grosso” (Magalhães *et al*, 2019, p. 57).

Entre o início da Retirada, ainda em Bela Vista, e o seu fim, em Porto Canuto (atual Anastácio), a Coluna Camisão enfrentou um solo predominantemente arenoso, que tem por característica propiciar uma fácil percolação de água subterrânea.

“A estrada que atravessa essas regiões incultas desenrola-se á maneira de alvejante faixa, aberta que é na arêa, elemento dominante na composição de todo aquelle solo, fertilizado aliás por um sem número de limpidos e borbulhantes regatos” (Taunay, 1930, p. 14-15).

A areia não é um elemento apenas facilitador da infiltração hídrica. Constituiu um grande obstáculo à mobilidade da tropa imperial. “Essa arêa solta e um tanto grossa (...). Em alguns pontos é tão fofa e movediça que os animaes das tropas viajeiras arquejam de cansaço ao vencerem aquelle terreno incerto, que lhes foge de sob os cascos e onde se enterram até meia canella” (*ibidem*, p. 15).

Vale ressaltar que “o arenito Furnas estende-se do norte de Santa Catarina passando pelo Estado do Paraná e São Paulo e aflorando em Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás (...)” (Petri & Fúlfaro, 1983 *apud* Magalhães, 2002, p. 34). Nesse contexto destacamos a sub-bacia do Rio Miranda, na qual, dentre as diversas classes geológicas presentes, temos a Formação Pantanal. Esta, é formada pela subsidência da planície pantaneira, de onde se originaram as coberturas sedimentares que preenchem os vales de drenagens (Leite; Berezuk; Da Silva, 2022).

“Esta formação é constituída por sedimentos arenosos, siltico-argilosos e argilosos, inconsolidados e semiconsolidados (...). Em sua maior parte, (...) variando a granulação de fina e média. Na parte mais inferior, a fração arenosa torna-se mais grosseira(...) (Brasil, 1982 *apud ibidem*, p. 2619).

É válido pontuar que o processo de sedimentação ocorre na época das cheias, durante o extravasamento fluvial. Daí temos a planície de inundação (várzea) argilo-arenosa. “Várzea ou planície de inundação constitui-se de terrenos baixos e mais ou menos planos que se encontram junto às margens dos rios e lagos, englobando basicamente os solos Glei Pouco Húmico, Glei Húmico, Orgânicos e Aluviais” (Curi; Resende; Santana, 1988, p.3).

Lembremos dos quatro canhões de bronze *La Hitte*, trazidos por tração animal aos confins do SMT (Taunay, 1874). Cada peça, com 330 quilos apenas no tubo (Oliveira, 2008), certamente esteve em apuros durante o avanço das tropas. “No princípio das águas e no seu final, pelo embeber das terras e depois pelo seu dessecamento lento, o transito é mais penoso, quando a natureza do sólo não se oponha á formação de atoleiros (...) como em alguns pontos em que prevalece o elemento arenoso” (Taunay, 1868, p. 51).

Se em alguns pontos, o elemento arenoso facilita a percolação hídrica, outros trechos onde prevalece a argila, temos a saturação do solo. “O solo barrento, muito vermelho em largos trechos, (...) está rechupado e todo fendido (...). Quando arenoso, reverbera raios de luz tão intensos e fortes, que, parece, percutem o chão e voltam vibrantes aos ares, produzindo misterioso arruído” (Taunay, 1930, p. 49-50).

Tais áreas saturadas, por conta da “ocorrência de camadas de menor permeabilidade no subsolo, o relevo plano e as inundações são as causas mais comuns do excesso de água presente na maioria dos solos de várzea” (Curi; Resende; Santana, 1988, p.3).

Por conta disso, o deslocamento da tropa imperial, majoritariamente, ao longo dos diques marginais, áreas mais altas e, por conseguinte, menos suscetíveis à inundação. A seguir

veremos o contexto topográfico, intrinsecamente relacionado com os aspectos pedológicos abordados.

3.1.2 Geomorfologia

A porção austral do Pantanal apresenta as seguintes unidades geomorfológicas: “as depressões de Bonito, Miranda, Aquidauana, Bela Vista e Apa; os piemontês da Serra de Maracaju; as encostas elevadas da Serra da Bodoquena e planícies coluviais pré-Pantanal, bem como grande extensão de planícies da borda sul do Pantanal” (Merino, 2011, p.7).

Nos arredores da margem esquerda do rio Miranda predominam patamares mais elevados “de relevo com topos convexos, enquanto que na margem direita as formas tabulares de topo aplanado, com diferentes ordens de grandeza e grau de aprofundamento das drenagens” (Alvarenga *et al*, 1982 *apud ibidem*).

3.1.3 Pedologia

No que tange aos solos existentes ao longo da Sub-bacia do Rio Miranda, são verificados seis principais:

Latossolos, que ocorrem nas áreas pediplanizadas com coloração avermelhada e textura argilosa; Solos Calcimórficos, concentrados na região da Serra de Bodoquena oriundos de rochas carbonáticas e normalmente com perfil incipiente; Litossolos, relacionados a litologias do Grupo Cuiabá, são pouco desenvolvidos e muito pedregosos com fragmentos de quartzo; Solos Hidromórficos, confinados às planícies aluviais dos rios e no Pantanal, são de coloração cinza a cinza escuro com textura argilosa e com alta concentração de matéria orgânica; Solos Halomórficos, presentes no Pantanal em regiões onde em decorrência da intensa evaporação nos períodos de estiagem há concentração de sais; Solos Aluviais, distribuídos ao longo das margens e confluências dos principais rios, de textura arenosa, inconsistente e algumas vezes pedregosa, bastante permeáveis (Merino, 2011, p. 58).

3.1.4 Topografia

Em relação as características superficiais do meio enfrentadas pela tropa, pode-se dizer que foram desafiadoras. Os próprios paraguaios conheciam mais o SMT do que a tropa imperial, majoritariamente constituída de forasteiros. O coronel Resquin, no ano anterior à guerra, “esteve

no Morro do Azeite²⁶ (Figura 6) (...) veladamente, incitava aos moradores que deixassem aquela terra (...)” (Guimarães, 2001, p. 129).

Figura 6. Morro do Azeite, localizado próximo ao Rio Miranda, localizado na Sub-bacia homônima.



Fonte: IHP, 2021 *apud* Zumak; Larcher, 2021, p.14.

Ele agia disfarçado, tendo se apresentado em Corumbá como um “abastado fazendeiro espanhol, de nome Manoel Perez’, que, sabendo da peste-das-cadeiras que dizimava o rebanho eqüino do pantanal, oferecia cavalos (...)” (Guimarães, 2001, p. 128) enquanto levantava o máximo de informações.

E ele não era o único. “Se Resquin vasculhara, por terra, o distrito militar de Miranda, por água, o tenente Herrera subira para conhecer os portos do Dourado, Sará e Alegre, formando

²⁶ “Localização: Município de Corumbá, rodovia BR-262, a 5 Km da localidade de Buraco das Piranhas. Coordenadas: 57000’13“W”-19041’16“S””. Fonte: <https://www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br/geossitios/morro-do-azeite/>. Acesso em: 13 out. 2023.

o trinômio Pereyra, Resquin, Herrera, da espionagem, que daria (...) a López o exato conhecimento do terreno (...)” (*ibidem*, p. 129) onde seria o Teatro de Operações²⁷.

Dessa forma, percebe-se o porquê dos paraguaios levarem tanta vantagem, tendo tomado facilmente o controle de toda a área compreendida, basicamente, entre o Rio Branco e o Rio Apa²⁸, área que desejavam anexar ao Paraguai (Dos Santos, 2014).

Trechos como o do Pantanal da Nhecolândia apresentam elevações e declives muito suaves e alongados (Balbino, 2017). O que diminui a velocidade de percolação da água subterrânea, acarretando um solo de aspecto pantanoso, o que dificulta sobremaneira o deslocamento de qualquer tropa movida à tração animal. Corroborando com isso, Taunay relata que a “ignorancia topographica, a leviandade, a inconsideração atiraram-nos áquellas paragens inhospitas, mais do que isto, mortíferas” (1929, p. 6).

Os povos originários do SMT, profundos conhecedores deste recorte, por sua vez, tiveram efetivos que buscaram refúgio em pontos específicos. Com a invasão paraguaia, “os terenas abandonaram suas terras indo procurar refúgio na serra de Maracaju e na serra da Bodoquena” (Santos; Ferreira, 2017, p.299).

Neste contexto da Retirada, o conhecimento topográfico regional, ainda que empírico, foi a principal razão para a incorporação de José Francisco Lopes às tropas imperiais. Aliás, nada modesto era o Guia a respeito. “Eu desafio, exclamava, a todos os engenheiros com as suas agulhas (bússolas) e os seus, planos. Nos campos de Pedra de Cal e de Margarida sou rei. Só os cadiuéos e eu conhecemos isso tudo” (Taunay, 1874, p. 34).

Ocorre que, ao abandonar as estradas conhecidas com o intuito de despistar os paraguaios, o Guia, por um período, encontra-se perdido. Sendo assim, começa a ter sua liderança e autoridade questionadas.

Para sua redenção, em 21 de maio, percebe que a frente “estava o nosso ponto de orientação, o morro da Margarida (...) já o tínhamos avistado (...), e saudamo-lo então como a um amigo. (...) via-se justificado aos seus próprios olhos, apoz incertezas cruéis” (Taunay, 1874, p. 166).

²⁷ Parte do espaço “necessária à condução de operações militares de grande vulto, para o cumprimento de determinada missão e para o conseqüente apoio logístico” (Brasil, 2009, p. 336).

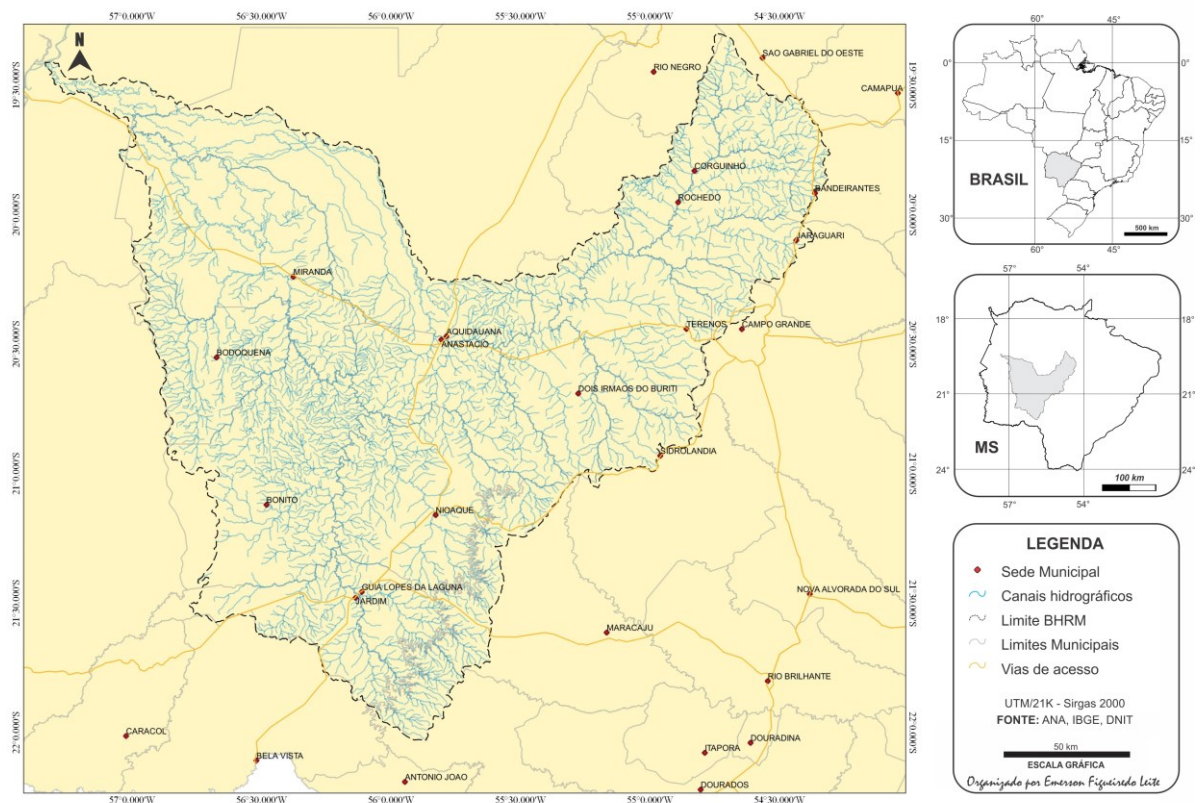
²⁸ O término da presença de tropas paraguaias no SMT pode ser considerado somente a partir da Retomada de Corumbá. “El 8 d la e Marzo de 1868 recibió el Capitán Nuñez la orden de bajar á Asunción con todas sus fuerzas, **evacuándose así la provincia de Matto Grosso**, que durante nuestra ocupación se llamó Departamento del Alto Paraguay” (Decoud, 2017, p. 159, **grifo nosso**).

3.1.5 Hidrografia

A grande capilaridade dos rios no SMT foi um grande facilitador do deslocamento das tropas. Sobretudo diante do Cerrado nativo, procurava realizar a progressão bem próximo aos cursos d'água. Prova disso é que a partir de Miranda, o deslocamento até a Colônia Militar do Miranda (atual Guia Lopes da Laguna-MS) se desenvolveu, majoritariamente, às margens dos cursos d'água presentes no trajeto, como pôde ser verificado na Figura 5.

Vale ressaltar que a Retirada, majoritariamente, espacializa-se na Sub-bacia hidrográfica do Rio Miranda (Figura 7), integrante da “bacia hidrográfica do Alto Paraguai, que abrange uma parte do Pantanal e tem uma área física de 44.740,50 km², estando em território de vinte e três municípios do Estado do Mato Grosso do Sul” (Moreschi; Paes; Calheiros, 2015, p. 88).

Figura 7. Espacialização da Sub-bacia Hidrográfica do Rio Miranda.



Fonte: Leite *et al.*, 2021, p. 14.

O Rio Aquidauana, também integrante da Sub-bacia do Rio Miranda, é descrito de forma esplendorosa por Taunay. Tal habilidade não era obra do acaso. Ele era neto de um pintor paisagista, Nicolas Antoine Taunay (Fonseca, 2019).

Este estabelecia “relação entre o olhar e o real, mesclando paisagismo e história” (Maretti, 2006, p. 114). Tamanha influência fez com que seu olhar fosse “de alguém que escreve a paisagem (...)” (*ibidem.* p.117). É o que pode se comprovar a seguir.

SE ha rio formoso no mundo, é o rio Aquidauana (...). Enquanto encachoeirado e pejado de rochas, recebe os ribeirões Cachoeira, e Cachoeirinha, Dous Irmãos, Taquarussú e Uacôgo pela margem esquerda, e pela direita os correços da Paixão, Paxexi e João Dias. Desde ahí, tem curso desimpedido, livre de qualquer obstaculo e, n'uma extensão de vinte leguas, dá franca navegação a barcos de bom calado, até confundir, com o revolto e quasi sempre barrento rio Miranda, a clara e pura corrente (Taunay, 1930, p. 85-86).

Fica evidente que o Rio Aquidauana tinha um apreço especial da parte de Taunay. Tanto ele como o Rio Miranda foram testemunhas de momentos marcantes da Retirada: seja no encerramento deste evento, às margens do primeiro, bem como o salvamento de um dos canhões pelo Soldado Damásio, enquanto afundava no segundo (Taunay, 1874).

3.1.6 Fitofisionomia

Em congruência com o já pontuado, a área de estudo tem predomínio do Cerrado com manchas de Pantanal²⁹ (De Oliveira Silva; Ab'Saber, 2012). O Cerrado “é caracterizado principalmente por uma típica savana, em seu sentido fisionômico mais difundido (...), uma “formação tropical com domínio de gramíneas, contendo uma proporção maior ou menor de vegetação lenhosa aberta e árvores associadas” (Walter, 2006, p. 37).

“Ora é a perspectiva dos cerrados, não desses cerrados de árvores raquíticas, enfezadas e retorcidas (...), mas de garbosas e elevados madeiros (...); ora são campos a perder de vista, cobertos de macega alta e alourada, ou de viridante e mimosa grama, toda salpicada de flores” (Taunay, 1930, p. 15-16). Definitivamente, “o cerrado é uma savana. Uma savana floristicamente rica” (Walter, 2006, p. 39).

Vale destacar que a vegetação do Cerrado, é altamente inflamável. “Minando á surda na touceira queda a vivida scentelha. Corra d'ahi a instantes qualquer aragem, por debil que seja, e a lingua de fogo levanta-se esguia e tremula, como que a contemplar medrosa e vacillante os espaços immensos que se alongam diante dela” (Taunay, 1930, p. 16).

²⁹ Segundo o mestre Ab'Saber, o Cerrado é considerado um domínio morfoclimático, enquanto o Pantanal seria uma área de transição (De Oliveira Silva; Ab'Saber, 2012).

Neste sentido, observa-se uma característica necessária para a sobrevivência vegetal em um ambiente deste tipo. “Nos cerrados baixos, cujas arvores achaparradas e rachíticas têm a casca grossa e escamosa como dorso de jacaré (...)” (*ibidem*, p. 53). É um aspecto evolutivo bastante evidente, facilmente evidenciado por quem transita por estas áreas.

Uma fitofisionomia a se destacar é o Campo Limpo (Figura 8). Nele, percebe-se que o talvegue de ravina ao ficar encharcado algum período do ano, não permite o crescimento de árvores. Isto ocorre porque a presença de água no solo diminui a quantidade de oxigênio, propiciando o aumento de micro-organismos anaeróbicos, que retiram energia de alguns metais, deixando a água ácida e salina. Somente algumas gramináceas sobrevivem neste ambiente, como algumas palmeiras, por exemplo.

Figura 8. Imagem aérea de área no município de Jardim (MS). Data da imagem: 07/12/2021. Coordenadas: 21 K 567851.25m E, 7618611.23m S.



Fonte: Google Earth.

Este fenômeno é chamado de eutrofização. Ele “altera processos ecológicos como a decomposição e ciclagem de nutrientes (...), a composição e diversidade florística (...), as relações hídricas de plantas lenhosas (...) e estimula a invasão biológica por gramíneas exóticas” (Costa, 2019, p. 12-13).

“O campo limpo úmido é uma das fisionomias de Cerrado onde o lençol freático é superficial durante o ano todo. Em geral ocorrem bordeando as matas de galeria, sendo um local de ligação entre estas e as fitofisionomias bem drenadas de Cerrado” (Munhoz; Felfili, 2008, p. 905).

O Campo Limpo, naturalmente, espaço favorável para o desenvolvimento agropecuária. Este precedente explica o contínuo avanço sobre as margens dos rios, conduta recorrente na região, observada diuturnamente. Em 2021, alcançou-se dez por cento do bioma originário sendo ocupado por soja³⁰.

Figura 9. Lavoura estabelecida no Cerrado.



Fonte: <https://climainfo.org.br/2022/09/13/mapbiomas-avanco-da-soja-acelera-perda-de-vegetacao-no-cerrado/>. Acesso em: 23 dez. 2022.

Em que pese a incidência do encharcamento, a ausência de uma maior vegetação é um facilitador no deslocamento. Sendo assim, a interiorização das tropas no recorte espacial da Retirada foi facilitada pelos campos limpos. Na Figura 8 puderam ser observados, pela coloração, os contínuos campos limpos que margeiam os cursos d’água. Essas eram as verdadeiras estradas naturais (veredas).

³⁰ Disponível em: <https://climainfo.org.br/2022/09/13/mapbiomas-avanco-da-soja-acelera-perda-de-vegetacao-no-cerrado/>. Acesso em: 23 dez. 2022.

Seguindo nestas questões fitofisionômicas existem relatos importantes sobre o advento das estradas carreiteiras. Ao terem de se afastar das proximidades da linha d'água, o solo não apresentava a rigidez necessária para o deslocamento.

Dessa forma, o deslocamento terrestre no SMT, durante muito tempo, só era possível à base de tração animal (Figura 10). Como será visto adiante, por isso foi tão problemática a perda das cabeças de gado durante Nhandipá, fato a ser detalhado mais adiante. Além de ser potencial fonte de proteína, toda a estrutura demandada não poderia ser movimentada de outra maneira.

Figura 10. Carro de boi utilizado no século XIX. Travessia do Rio Caculuar, no Planalto de Mossamedes, Angola.



Fonte: <http://tudosobreangola.blogspot.com/2018/12/a-colonizacao-das-terras-altas-da-huila.html>. Acesso em: 23 dez. 2022.

Ora no Pantanal, ora no Cerrado, a logística dependia exclusivamente da gadaria. Quando era necessária a transposição de curso d'água, os animais mostravam ainda mais seu valor. Conseguiram vencer trechos alagadiços e sujeitos a atolamento. Ainda que alguns animais acabassem por serem perdidos.

Logo depois atravessámos uma campina, coberta por gramíneas muito rasteiras, na qual gastamos mais de uma hora, pela natureza do chão fofo, em que se atolavam os animais. Observamos que, naquelas pradarias pérfidas, não se nota o rastro de nenhum animal, e que, por instinto, procuram sempre desviar-se delas, percorrendo uma fita mais sólida, intermédia entre o campo e os bosques (Taunay, 1930, p. 41).

Por conta de tanta dificuldade, entende-se o porquê de as juntas de boi terem muitos animais puxando apenas uma carreta. Era mais “fácil” andar no brejo³¹ coberto pela macega do que no Cerradão espesso.

3.1.7 Climatologia

Consiste na “característica climática mais marcante do Cerrado, a presença de duas estações bem definidas: uma estação seca de inverno e outra úmida de verão” (Nascimento; Novais, 2020, p. 2). O clima da região (Figura 11) é tropical úmido. O volume pluviométrico é concentrado entre dezembro e março. A média pluviométrica anual apresenta variação de 1000 a 1500 mm (Magalhães *et al*, 2019).

³¹ “O sitio de Miranda é quasi inhabitavel; bordado, em extensão considerável, de brejos que a menor chuva inunda em um momento” (Taunay, 1874, p. 17).

Figura 11. Classificação climática de Köppen para o estado de Mato Grosso do Sul.



Fonte: Ivasko Júnior *et al*, 2020, p. 636.

Por isso foram tão surpreendentes as fortes chuvas em pleno maio, que detiveram as tropas na margem esquerda do Rio Miranda, por cinco dias. A tríade Coronel Camisão, Tenente-Coronel Juvêncio e Guia Lopes, seriam enterrados no acampamento eternizado como Cemitério dos Heróis da Retirada da Laguna (Taunay, 1874). Mais adiante este fato será abordado com maior profundidade.

“Observa-se que o estado de Mato Grosso do Sul está dividido em quatro tipos de classificação: Am, definido como clima tropical de monção, Aw, clima tropical de savana, Cfa,

clima temperado subtropical, e Af, também conhecido como clima equatorial” (Ivasko Júnior *et al*, 2020, p. 636).

A Figura 11 é bastante elucidativa. Segundo esta classificação, o trajeto da Retirada inicia-se em subclassificação climática equatorial (Bela Vista) e se encerra em área entre os subclimas tropical de savana (Anastácio) e tropical de monção (Aquidauana). Este panorama explica as fortes chuvas enfrentadas pela tropa.

É preciso ressaltar que a área equatorial tem “precipitações mais concentradas de março a agosto” (EMBRAPA, 2016 *apud ibidem*). Talvez por terem maior conhecimento dos sertões de Goiás, muito mais explorados até então, em conformidade com o que será visto a seguir, não conheciam esta especificidade local.

Sendo assim, podemos atestar que “as condições climáticas e edáficas exerceram efeitos expressivos na fisionomia e na distribuição do Cerrado, seguido da hidrologia, da geomorfologia, do fogo e do pastejo” (Nascimento; Novais, 2020, p.2).

A Retirada experimentou toda sorte de hostilidade, inclusive climática. O meio desconhecido fez dos diversos aspectos geográficos aqui demonstrados, inimigos implacáveis. Tal ignorância, apesar de compreensível, comprovar-se-ia fatal.

3.2 – Gênese, evolução e consolidação do Mato Grosso: da Capitania à Província

O enfoque da análise é no SMT, no entanto, precisamos tratar do Mato Grosso uno, uma vez que a frente pioneira que iniciou a ocupação da parte austral ocorre a partir da decadência socioeconômica de Cuiabá (Campestrini; Guimarães, 2011). A conquista dos sertões mato-grossenses, importante aspecto da formação territorial, será pormenorizada a seguir.

3.2.1 As Monções e a conquista dos sertões

Os núcleos populacionais mato-grossenses até o final do século XIX eram bastante dispersos. O indígena foi guia e iniciador dos pioneiros “brancos” em sua empreitada na busca pela apropriação dos confins do Oeste do Brasil (Holanda, 2014).

Nos séculos XVII e XVIII, a penetração colonial nos sertões do Oeste se deu pelos seguintes empreendimentos: Entradas, Bandeiras, e por fim, Monções. “As entradas eram expedições oficiais, organizadas pelo governo da colônia (...). Já as bandeiras eram expedições

organizadas e financiadas por particulares, principalmente paulistas, que saíam de São Paulo em direção ao interior do Brasil” (Silva, 2018, p.2).

Ao contrário do que o senso comum indica, os indígenas não tiveram um *modus operandi* homogêneo em relação às iniciativas de interiorização: “reagiram distintamente, de forma pacífica ou agressiva, exerceram o poder, mesmo na condição de dominados, desenvolveram forças que se chocaram com as estratégias de dominação ou sutilmente se aliaram a essas forças em busca da sobrevivência” (Amorim, 2015, p. 48).

A miscigenação étnica e cultural nos atuais Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, tem o protagonismo indígena. “Suas marcas estão visíveis na composição social (...), nos traços físicos, nas formas de uso do espaço, bem como nas práticas culturais carregadas de sincretismos” (França Silva, 2018, p. 101).

As Monções, por sua vez, foram “de certa forma, um prolongamento da história das bandeiras paulistas (...). Desde 1622, numerosos grupos armados procedentes de São Paulo (...) trilharam constantemente terras hoje mato-grossenses, preando índios ou assolando povoações de castelhanos” (*ibidem*, p. 12).

Foram expedições fluviais entre São Paulo e Mato Grosso, sobretudo no período das cheias (março e abril) quando os rios eram mais facilmente navegáveis, recebendo a alcunha de estradas móveis (Holanda, 2014). A capilaridade fluvial do espaço mato-grossense, possibilitava a efetivação de autênticas hidrovias, facilitando todo o tipo de escoamento necessário. Inclusive, existia a prática de “transportar gado em pé nas canoas” (*ibidem*, p. 14).

As Monções tinham dupla finalidade: ao mesmo tempo em que os monçoeiros buscavam ouro e pedras preciosas, abasteciam o mercado por onde passavam, com gêneros e produtos diversos. A jornada iniciava-se entre o Rio Tietê e o Rio Paraná, depois do Rio Pardo até o Rio Coxim e, por fim, chegavam em Cuiabá (Silva; Borges, 2013).

Com a decadência da mineração em Cuiabá, as hidrovias mato-grossenses foram sendo abandonadas. Porém, a introdução da galaria realizada pelas Monções inaugurou uma nova etapa econômica, sobretudo no meridiano mato-grossense.

3.2.2 A introdução da Pecuária

Além das Monções, ao se abrir o caminho de Goiás, o rebanho mato-grossense foi enriquecido grandemente (Sá, 1975). Os animais adaptaram-se muito facilmente, sobretudo em

áreas de Campo Limpo. Já em 1716, atesta-se que o gado se reproduzia altamente, superando em muito o nível de consumo (Alves, 2015).

Eram muito favoráveis as condições da expansão: baixíssimo emprego de mão-de-obra; alta taxa reprodutiva do gado; terras baratas; salinas naturais (Mamigonian, s.d., p.6 *apud ibidem*). Por conta deste panorama, o século XVIII é marcado pela explosão da galaria mato-grossense.

Vale destacar que as salinas naturais são características da região do Pantanal da Nhecolândia. Compreende área de 26.921 km² atualmente situada no Mato Grosso do Sul. Espacializa-se entre Rio Verde do Mato Grosso, Aquidauana e Corumbá, na porção austral do leque aluvial do Rio Taquari. Este, por sua vez, desdobra-se em 50.000 Km². É um dos maiores leques aluviais do planeta, abarcando 37% da planície do Pantanal (Assine, 2012 *apud* Damaceno, 2018).

Apesar deste sucesso inicial, a atividade pecuária não consegue reter os capitais antes investidos na mineração. Um problema enfrentado foi o fato de Goiás também ser um centro de produção pastoril. Como a produção mato-grossense passava, obrigatoriamente por lá, acabava sendo sobretaxada para que conseguisse chegar aos mercados consumidores de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Nesse sentido, foi tentada a abertura de um novo caminho, já no século XIX (Alves, 2015).

3.2.3 A criação da Capitania

Ainda no Período Colonial (1500-1822) foram criadas as capitanias hereditárias, nos idos de 1534 (Da Cruz, 2021). Paulatinamente, “os donatários perdem parte de seu poder exclusivo. Por compra ou confisco, foram aos pouco sendo recuperadas pela Coroa ou simplesmente extintas. Na metade do século XVIII, Pombal, o ministro centralizador e D. José I (1750-1777), acabou com todas elas” (Carvalho, 2005, p. 157).

Antes disso, foram criadas/desmembradas outras capitanias, mas em outro contexto. Em 1718, o grupo liderado por Antônio Pires de Campos desceu o Rio Tietê (conhecido como Anhembí) até o Rio Paraná (conhecido como Grande). De lá alcançou o Rio Pardo e por fim, seu afluente, o Rio Anhanduí. Neste momento foi inaugurada a rota de Vacaria. Subiram a Serra de Maracaju³², alcançando a localidade de Coxiponés, atual Cuiabá. Com seus canoões lotados

³² Conhecida por serra, na verdade se trata de um planalto.

de indígenas apresados, retornaram para São Paulo (Campestrini; Guimarães, 1991). Este trajeto ficou conhecido como a rota de Vacaria.

“Para os sertanistas e monçoeiros que palmilharam todo o sul de Mato Grosso nos séculos XVII e XVIII, Vacaria era a região que os espanhóis chamavam de Província Jesuítica do Itatim ou Campos de Xerez, onde encontravam o gado disperso das missões” (Esselin, 2011, p. 66).

Um ano mais tarde, pela mesma rota, Pascoal Moreira Cabral chega à terra dos Coxiponés, descobrindo ouro abundante e de fácil extração, enviando amostras ao governador de São Paulo. Em 08 de abril de 1719, é fundado o arraial de Forquilha, predecessor da cidade de Cuiabá (*ibidem*).

No mesmo ano, os irmãos Leme, no intento de percorrer a mesma rota, não seguiram pelo Rio Anhanduí, prosseguindo pelo Rio Pardo, alcançando o topo da Serra de Maracaju, local conhecido como Camapuã³³ (*ibidem*). Alcinha que passou a batizar essa nova rota.

Os irmãos Lemes constituem nesse percurso a Fazenda Camapuã. Esta foi o “primeiro núcleo português permanente (...), tornando-se frente de povoamento extremamente importante em uma colônia em que as fronteiras eram móveis e provisórias” (Esselin, 2016, p. 47).

O sucesso do empreendimento minerador ocasionou a criação da Capitania do Mato Grosso, em 1748. Foi fruto do desmembramento da Capitania de São Paulo (Mendonça, 1967). Nomeado pela Coroa Portuguesa, Antônio Rolim de Moura Tavares vem ao Brasil com a missão de guarnecer as imprecisas fronteiras com a América Espanhola. Em 1852, funda a Vila Bela da Santíssima Trindade de Mato Grosso, às margens do Rio Guaporé. Surge a primeira capital mato-grossense (Ariano, 2021).

O Mato Grosso é considerado uma fronteira de fricção, pois sedia o contato entre duas soberanias distintas: portuguesa e espanhola. Tensões acerca de litígios fronteiriços motivaram, entre 1751 e 1822, a nomeação de nove Capitães-Generais para o cargo de governador (Ferreira, 1996).

Era latente sua importância estratégica, política e militar. Tanto é que Vila Bela foi fundada sobre a fronteira natural com os domínios espanhóis, o era Rio Guaporé. As premissas consistiam em preservar, proteger e expandir o território (*ibidem*).

³³ Este nome tem origem em dois morros existentes na região. Cama = seios; poã = belos (Campestrini; Guimarães, 1991).

Agora consolidada, a Capitania apresenta condições de se desenvolver como um todo. Até então, o SMT era apenas “caminho para as minas” (Campestrini; Guimarães, 1991, p. 21). Com o início do século XIX, este panorama estava prestes a ser mudado.

3.2.4 Caminhos e estradas carreteiras: a trilha dos pioneiros

Durante muito tempo, a porção Oeste do território brasileiro foi caracterizada como vazia demograficamente. Vale destacar que os povos originários estiveram pelos sertões desde tempos imemoriais. Porém, da perspectiva estatal, era vista como uma área vazia, uma vez que o modo de vida indígena e sua forma de ocupação territorial eram bastante peculiares para a visão de mundo do aparato burocrático.

Nesse sentido, Fonseca (2014, p. 2) define os vazios demográficos “por regiões ‘despovoadas’ de população branca, no entanto, o estado de Mato Grosso era muito povoado por populações indígenas. O sertão mato-grossense era visto (...) como uma terra sem lei (...), habitada por (...) selvagens”.

Em 1822, com a independência, as Capitânicas se tornam Províncias (Aguiar, 2018). O adensamento populacional do SMT ocorre a partir de 1830. No entanto, vale ressaltar que, a esta altura, já existiam os seguintes núcleos populacionais no Mato Grosso austral: Fazenda Camapuã (1719); Forte de Coimbra (1775); Albuquerque (1778); Presídio de Miranda (1797); Pequiri (1800); Sertão dos Garcias (1829) (Campestrini; Guimarães, 1991).

Recém-independente, “o Brasil se viu dividido em dois setores que disputavam poder: de um lado os nativos (liberais), que desejavam uma maior autonomia provincial; do outro lado os portugueses (conservadores) que desejavam a manutenção da sua condição privilegiada socialmente” (Lima; Silva, 2021, p.5).

Por conta da crise da mineração, Cuiabá decaía materialmente. A situação se deteriora ainda mais por conta da Rebelião Cuiabana, também conhecida como Rusga³⁴, em 1834. Tratou-se de um “‘movimento nativista’ que se voltou contra a burguesia Comercial portuguesa, então dominante: comerciantes foram mortos e perseguidos, casas comerciais foram saqueadas, e os que conseguiram colocar-se a salvo fugiram da Província em seguida” (Alves, 2017, p. 12).

³⁴ Philogonio Corrêa afirma que “a Rusga nem foi um fenômeno só cuiabano e nem só matogrossense. Ela foi um reflexo do que se passava pelo Brasil inteiro, como consequência da rivalidade entre adoptivos e natos e do temor da restauração de D. Pedro I no throno de nossa pátria, para satisfação do elemento português aqui residente” (1984, p. 22 *apud* Peraro; Borges, 2018, p. 67).

Diante da profunda crise econômica, a Rusga foi o estopim para a diáspora dos contingentes populacionais reunidos em Cuiabá. Neste momento tem início uma nova etapa da produção espacial e da formação territorial: surge o embrião do atual Mato Grosso do Sul. Pioneiros realizam importante migração neste contexto.

Os Campos de Vacaria nunca mais seriam os mesmos: a pecuária passa a ser a principal atividade econômica. As extensas faixas de terra disponíveis, constituíram importante meio de produção para a economia local (Lima; Silva, 2021).

“Atingindo o vácuo (como então era conhecido o Bolsão), (...) encontraram fazendeiros ali estabelecidos desde 1829; (...), trazidos pelo fazendeiro José Garcia Leal a ocupar (a partir de 1836) o cargo de ‘diretor da povoação’” (...) (Campestrini; Guimarães, 1991, p. 35).

“José Garcia Leal pode ser considerado vanguardista, visionário, empreendedor original do ‘sonho sul-mato-grossense’. Sem qualquer apoio estatal, de certa forma, agindo clandestinamente, trouxe os primeiros brancos para a região” (Lima; Silva, 2021, p.6).

Os pioneiros compreendiam, aproximadamente, 110 homens. Destacando-se “algumas figuras que tiveram relevo na história de Mato Grosso do Sul, como Antônio Gonçalves Barbosa (primeiro morador de Vacaria), Gabriel Francisco Lopes (genro de Antônio) e José Francisco Lopes (mais tarde o Guia Lopes da Laguna)” (Campestrini; Guimarães, 1991, p. 35).

Antônio Gonçalves Barbosa que se instalara, inicialmente na atual Santana do Parnaíba, adentra aos sertões, em direção ao Sul, estabelecendo-se na região de Vacaria³⁵. A escolha da localidade não foi fruto do acaso.

Relatos monçoeiros afirmavam a existência de gadaria selvagem nas imediações dos Campos de Vacaria, abandonados pelos jesuítas, expurgados das terras portuguesas. “Antônio Gonçalves Barbosa, segundo a tradição, capturou sessenta dessas reses para começar sua criação” (Campestrini; Guimarães, 1991, p. 161).

Neste contexto, foi aberto em 1840 o caminho do Pequiri. Recebeu este nome por conta de um destacamento militar margeado por córrego homônimo, ponto marcante deste trajeto que marcou a porção austral mato-grossense (Silva; Borges, 2013).

Foi uma tentativa de dar competitividade à pecuária do SMT, frente à concorrência goiana. Foi uma das primeiras vias terrestres a ligar “com outras províncias, que partindo da

³⁵ Inclusive, ele foi o “inspetor de quartirão da Vacaria (espécie de delegado)” (Campestrini; Guimarães, 1991, p. 44).

capital provincial, Cuiabá, alcançava Sant’Anna do Paranyba, no extremo leste, de onde permitia o acesso a Minas Gerais e São Paulo” (*ibidem*, p. 337).

Nesse período formaram-se as primeiras estâncias de gado no SMT. Ligando-as, as famigeradas estradas carreteiras, somente vencidas pelos carros de boi. As rotas terrestres até então acessórias, começam a ganhar protagonismo (Rosa; Ghirardello; Constantino, 2020).

No entanto, mais de vinte e cinco anos depois, uma epidemia de zoonose provocou o fracasso desse empreendimento (Mamigonian, s.d., p. 7 *apud* Alves, 2015). Inclusive, este evento atingiu em cheio a Coluna Camisão, tendo a Cavalaria Imperial ficado a pé. Em abril de 1865, em Coxim, perdeu-se a cavaliça para o “mal das cadeiras”³⁶. Taunay relata que os “cavallos e mulas morriam aos centos” (...) (Taunay, 1927, p. 22). Este fato será retomado adiante.

Não ha cavalo que resista áquella peste, depois de poucos annos de trabalho, ele modo que, em certas épocas, qualquer animal attinge preços despropositados. Em alguns annos, a difficuldade em obter cavallhada tem impossibilitado o costêo, sem o qual o gado se torna arisco e bravio, como o que avistamos na base da serra de Maracajú. Transportada da Bolivia em 1857, começou aquella enfermidade a grassar entre os cavallos, com todos os caracteres de epizootica. Hoje tomou-se enzootica. A destruição foi quasi completa; mal escaparam alguns em localidades salubres, e aos quaes se poupára excesso de serviço. Desde então annualmente reaparce: ora, atacando com pouca intensidade, ora, levando cavallos aos centos, argumentando com o calor na estação das aguas, diminuindo com o frio e lavrando sobretudo na razão da agglomeração de animaes muares, como aconteceu com os da expedição, durante a estada no Coxim, onde morreram quasi todos os burros, não escapando um só cavallo. A zona em que actua esse mal estende-se do sul do districto de Miranda até Cuyabá, exactamente em todos os pontos encharcados (Taunay, 1929, p. 60).

Desse modo, a tropa imperial ficaria, dali em diante, vulnerável às cargas da Cavalaria paraguaia (Maestri, 2018). A Força Expedicionária só não foi dizimada pelos paraguaios em função dos quatro canhões arrastados através do Cerrado espesso e dos charcos do Pantanal. A potência das bocas de fogo somada à destreza da Artilharia Imperial³⁷ foram fiadores da continuidade da Retirada até seu encerramento, nas margens do Rio Aquidauana (Taunay, 1874).

³⁶ “A enfermidade conhecida como ‘Mal das Cadeiras’ ou ‘Surra’ é uma doença de ampla distribuição geográfica, responsável por inúmeros surtos com mortes de equinos no Brasil. Causada por um protozoário (...)” (De Sá Rodrigues *et al*, 2016, p. 119).

³⁷ A competência da Artilharia Imperial era reconhecida pelos próprios paraguaios. Tanto que, na década anterior à guerra, João Carlos Vilagran Cabrita serviu na “Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai, tendo regressado ao Brasil em 1852” (Tavares, 1981, p. 62).

3.3 – As condições ambientais e sua influência na Retirada da Laguna

De que maneira as intempéries climáticas foram limitadoras do avanço da tropa? De que forma o meio inóspito enfrentado, seja no Cerrado nativo ou no Pantanal influenciou para que decisões controversas fossem tomadas? Taunay relata em diversas obras (1874; 1929; 1930) todas as limitações impostas aos combatentes.

Rousseau (2011) apresenta o conceito de que o homem é influenciado pelo meio em que está inserido. É fato que os comandados do Coronel Camisão tiveram de enfrentar as agruras da guerra sem o apoio logístico necessário. Somado a isso, temos uma tropa de forasteiros, desacostumada ao clima hostil do sertão mato-grossense (Taunay, 1874).

Neste contexto serão pontuados: o calor, os insetos, as enxurradas, os raios e a fome. Inimigos que somados às doenças forjaram a constância e o valor do soldado brasileiro. Atributos atestados pelo Major José Thomaz Gonçalves, ao fim da Retirada da Laguna, consoante Ordem do Dia relatada na obra homônima (*ibidem*).

3.3.1 O calor e o frio: amplitude térmica

Quem vive no Mato Grosso do Sul é testemunha das bruscas variações térmicas incidentes neste recorte. “Succedia quasi todos os dias que o sol, fraco de manhã apoz noites glaciaes, abria depois com ardor sufocante, variação perenne que acabava de arruinar a saúde de todos. (...) Morríamos de frio (...)” (Taunay, 1874, p. 158-159).

Trata-se do fenômeno da continentalidade, que “está relacionado com o afastamento das regiões do mar, pois quanto maior a distância da localidade em relação ao mar, menos recebe umidade oriunda do oceano (...)” (Martins, 2022, p.20). Comprovadamente, a umidade é um dos elementos que influencia na temperatura.

“Sobre o continente ocorre um aquecimento e um resfriamento mais rápido, em comparação com os oceanos, gerando grandes contrastes de temperatura, menor umidade do ar e pouca precipitação” (Martins, 2022, p.20). Quanto mais afastado do litoral, maiores serão os efeitos da continentalidade. Porém existem outros fatores envolvidos no processo.

A “variação da temperatura é motivada pelo balanço de energia na superfície. Fatores como irradiância solar, nebulosidade, atuação eólica, umidade atmosférica e relevo exercem influência sobre a temperatura” (Muniz; Caracristi, 2021, p. 2).

O relevo, em especial do atual Sudoeste do Mato Grosso do Sul, apresenta baixa amplitude altimétrica. Se tomarmos novamente como recorte a Sub Bacia Hidrográfica do Miranda, encontramos variações “dos 100 aos 300m de altitude” (Leite *et al*, 2021, p. 21).

Sendo assim, as massas de ar não encontram como fator perturbador a “orografia (altitude e declividade)” (Santos *et al*, 2018, p. 2), podendo chegar, sair, ou mesmo dispersar-se, sem maiores dificuldades. Dessa forma, podemos compreender essas grandes variações térmicas experimentadas por Taunay e seus companheiros. Porém esta é apenas uma das diversas adversidades enfrentadas pelos expedicionários.

3.3.2 Os insetos

Na primeira passagem da Coluna pelas margens do Rio Aquidauana, antes de sua marcha até o Norte do Paraguai, a ela foi apresentado mais um inimigo. A localidade situada na porção meridional do Pantanal, é plena de terrenos alagadiços, *habitat* de insetos aquáticos. Vale ressaltar que a “inundação também propicia o desenvolvimento de ricas comunidades de insetos aquáticos associadas às macrófitas aquáticas que servem de alimento aos peixes” (Resende, 2008, p.11).

A localidade é espacializada em uma faixa de contato entre o Pantanal e o Cerrado, configurando um ecótono³⁸. Tal conjuntura implica na “existência de uma área com valores intermediários para diversos parâmetros ambientais (...). O que, (...), pode gerar um aumento na biodiversidade, dado o fato dessas áreas apresentarem representantes de fauna e flora dos dois ecossistemas” (...) (Algarve *et al*, 2020, p. 72).

O relato de 22 de fevereiro de 1866, corrobora acerca da extensa plêiade de insetos nesta localidade. Em pleno aniversário de Taunay (1929), ele e seus companheiros tiveram “que passar uma noite trepados nas arvores e sujeitos a mosquitos em quantidade medonha. Ah! que ferroadas dos pernilongos de cervo (...). Os nossos animaes desesperados com a tal mosquitada, romperam peas e cordas e dispararam para traz” (*ibidem*, p. 15).

Em 11 de junho de 1867, a Força Expedicionária chega ao Porto do Canuto, atual Anastácio, de volta aos arredores por onde já havia passado. Os “anfitriões”, mais uma vez, não

³⁸ Consiste em “uma zona de transição entre sistemas ecológicos adjacentes com uma série de características definidas exclusivamente por escalas espaciais e temporais e pela intensidade das interações entre sistemas ecológicos adjacentes” (Milan; Moro, 2016, p. 80).

pouparam os sobreviventes, como atesta Taunay. “Ahi despimos emfim os míseros andrajos que nos cobriam, libertando-nos ao mesmo tempo desses insectos dos campos que penetram na pelle e nella produzem ulceras tenazes” (1874, p. 225).

Outra implicação deste ambiente favorável à proliferação de insetos, é a existência de numeroso efetivo de possíveis vetores de doença, como carrapatos, moscas e pulgas³⁹. Esta foi mais uma das mais cruéis barreiras à empreitada da tropa.

3.3.3 As enxurradas

Ao referir-se às enxurradas, Taunay descreve fortes chuvas enfrentadas no SMT. Cada chuva que cai é resultado de “um processo de transformação físico-químico da água gerado pela dinâmica existente entre os oceanos, a atmosfera e o continente, tornando-se um dos elementos climáticos mais importantes para o desenvolvimento e perpetuação da vida” (Muniz; Caracristi, 2021, p. 1).

Apesar da água ser elemento fundamental da perpetuação da vida, sua incidência excessiva tende a causar problemas, sobretudo em um efetivo bastante fragilizado em sua imunidade, por conta de todo o sofrimento inerente. Por ocasião da incidência de fortes chuvas, o clima tropical da região tem suas altas temperaturas arrefecidas pela pluviosidade, ainda que momentaneamente.

“As enxurradas das tardes cahem grossas, pesadas; não são aguas que reguem; antes torrentes, que se despejam caudalosas, rasgam fundos sulcos nos terrenos e somem-se de subito, como sorvidas por sedento trago. Refrigeram tão somente por poucas horas a temperatura (...)”. (Taunay, 1930, p. 50). Chuvas nessa proporção não eram esperadas pela tropa.

Ocorre que Miranda, assim como Aquidauana, é abrangida pelo subclima tropical de monções, segundo o modelo de Köppen (Figura 11). Esta “caracteriza-se por apresentar duas temporadas bem definidas, a quente e chuvosa com outra mais amena e seca” (Peel *et al*, 2007; Alvares *et al*, 2013 *apud* Borges *et al*, 2022, p. 3156).

Por ignorarem este detalhe climático, enfrentaram o Pantanal em Miranda na época de grandiosa pluviosidade, em período que julgavam ser de seca.

³⁹ Inclusive, a região tem como uma de suas alcunhas o seguinte: Campo Erê. “Significa ‘campo da pulga ou do bicho de pé’” (D. Angelis *apud* Brazil, 2017, p. 19).

“A estação de Abril a Setembro não é a das chuvas (...) os aguaceiros desde o dia 13 tinham sido taes que o Miranda crescera- de modo assustador, bramindo e espumando nas raizes descobertas das arvores da margem, e não dava esperança de se lhe poder descobrir um vau sinão muitos dias depois: era entretanto o único meio que a columna tinha para passar” (Taunay, 1874, p. 187).

As enxurradas, em consonância com o que será visto adiante, ainda seriam obstáculos à Força Expedicionária novamente no episódio da travessia do Rio Miranda. A questão hidrológica teve, inclusive, influência direta para o surgimento de um simples cemitério, no sertão do SMT, que entraria, no futuro, para a eternidade.

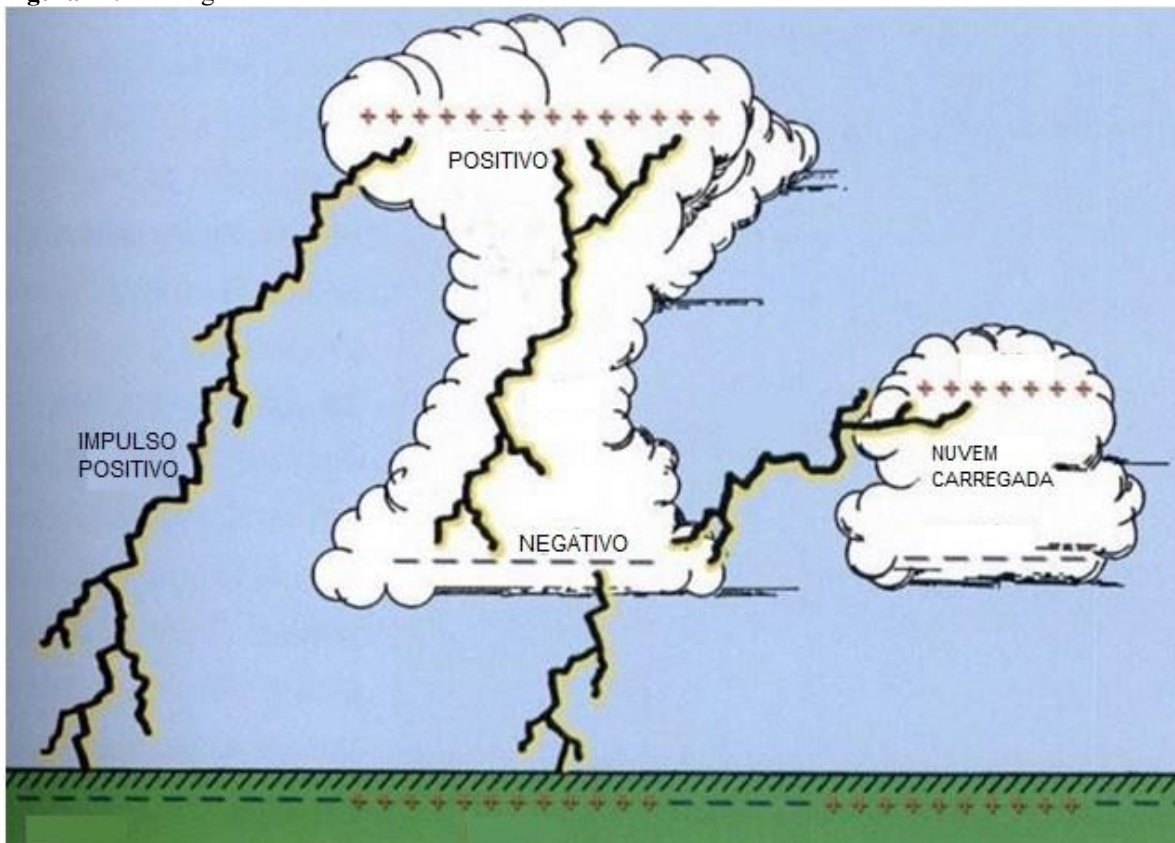
3.3.4 Raios durante temporal

Popularmente denominados como raios e relâmpagos, as “descargas elétricas atmosféricas (...) são fenômenos meteorológicos recorrentes na região tropical. (...) são resultados de processos que transportam enormes quantidades de elétrons a cerca de um terço da velocidade da luz em frações de segundo” (Paulucci, 2017, p.13).

Após a incidência das fortes chuvas, é comum, ainda hoje, a observação de descargas elétricas (Figura 12). Elas constituíram mais um perigoso adversário, dentre os vários experimentados no hostil no Teatro de Operações do SMT.

“Os raios normalmente ocorrem durante tempestades com chuvas e ventos intensos em nuvens denominadas de Cumulusnimbus (...). Portanto, regiões com maior ocorrência de tempestades são as com grande atividade elétrica” (*ibidem*).

Figura 12. Descargas elétricas na nuvem.



Fonte: Marzagão, 2021, p. 23.

A combinação do relevo, hidrografia local, clima tropical além de períodos chuvosos e de seca bem definidos⁴⁰, formam um cenário favorável para uma maior incidência de descargas elétricas (Barretto; Novais; Barbosa, 2021).

As quatro peças de Artilharia de posse da Coluna Camisão, fora os demais armamentos de dotação pessoal, formavam um verdadeiro arsenal de “para-raios”. Mortes foram contabilizadas em função deste terrível fenômeno natural.

A’s quatro horas, tudo escureceu de momento, como que por imposição. (...) Bem no meio do nosso acampamento caíam os raios, attrahidos pelas peças de artilharia; fulminavam soldados e com os contrachocos derrubavam-nos por terra, embora sentados e encolhidos debaixo do capote varado pela chuva. Não houve toldo, abrigo que aguentasse, quando madeiros alentados eram torcidos pela mão possante do vendaval, sacudidos de terra, arrancados e atirados ao longe como leves projectis. Tudo voou pelos ares (Taunay, 1930, p. 65-66).

⁴⁰ “Depois de prolongada sêcca costuma, já o dissemos, transformar-se a trovoada em temporal. (...) Era a 4 de Maio de 1867” (Taunay, 1930, p. 63).

Era inviável, abandonar, ainda que momentaneamente, tanto os canhões como os armamentos. Diante do implacável *modus operandi* que qualquer inimigo adota em contexto bélico, não existe perdão para o menor indício de desguarnecimento do seu oponente.

Por fim, nesta marcha descritiva no cenário dantesco dos fatores limitadores das ações da Força Expedicionária, a miséria alimentar é a última a ser relatada. Longe de ser a menos importante. Seguramente, um fator dentre os mais fatais.

3.3.5 A fome

A carestia, por razões óbvias, é um limitador das ações humanas, sobretudo no contexto de uma guerra. Tanto é que é perpetuada a seguinte máxima, atribuída a Napoleão Bonaparte: “um exército é uma criatura que marcha sobre seu estômago” (Daróz, 2012, p. 44).

Uma tropa mal alimentada, naturalmente, tem arrefecido o seu ímpeto, diminuindo, por conseguinte, a impulsão da manobra em execução. Daí a condição de quase inércia notada em alguns momentos. “A marcha foi lenta; a demora dependia de muitas causas, e principalmente da dificuldade de fornecimento de viveres” (Taunay, 1874, p. 12).

No percurso de vinda, desde Goiás, o Comando buscava apoio junto às autoridades locais por onde passavam, em prol da obtenção de alimentos. Aconteceram, inclusive, deserções em função de tamanha escassez (Esselin; Fernandes, 2017).

A fome impactou decisivamente a Força Expedicionária. “Se não fosse esta continua imminencia de fome, dizia a todos o Commandante-, eu marcharia já para o Apa, occupava o forte de Bella Vista e all'i ficaria a observar os acontecimentos” (Taunay, 1929, p.52).

A tropa imperial foi vítima de grandiosa negligência logística por parte do Império. Restava à tropa buscar obter alimento por onde passavam. Porém, a estratégia conhecida como terra arrasada era outro artifício a contribuir com a inanição da Coluna Camisão (Esselin; Fernandes, 2017).

Qualquer tipo de alimento, seja de origem animal ou vegetal era levado ou inviabilizado o seu consumo pelos paraguaios. Nem mesmo as crianças eram poupadas pelo flagelo da fome. “Outra creança de peito pereceu de inanição, tendo passado da mãe moribunda para o marido, e deste para os camaradas do mesmo batalhão, eles também sem alimento algum” (Taunay, 1874, p. 169).

Da mesma forma que anos antes, “um esfomeado exército napoleônico entra em 14 de setembro numa Moscou em chamas” (Magnoli, 2006, p. 209), uma famélica Força Expedicionária atravessa os banhados pantaneiros e a aridez dos Cerrados. Fragilizada em sua saúde, desnutrida, tornou-se presa fácil para diversas enfermidades.

3.4 – Principais doenças enfrentadas

A expansão comercial britânica, durante o século XIX, inaugurou um novo tempo para a Humanidade. A expansão comercial provocou não somente uma globalização econômica, mas também microbiana. O surgimento e propagação de epidemias e até pandemias é decorrente do aumento dos fluxos de pessoas, mercadorias, bens e serviços, a partir de então (Sampaio, 2021).

A Retirada, ainda que por motivação distinta, acaba por refletir esta tendência de maior circulação de pessoas, inclusive por espaços ainda pouco explorados, como era o SMT. Nesse sentido, em que medida o deslocamento da tropa contribuiu para a propagação de doenças, com destaque para a Cólera, por onde passou?

O evento conhecido como Retirada da Laguna, poderia perfeitamente ser chamado de Retirada das Doenças, afinal elas foram determinantes para os rumos deste episódio. A presença de enfermidades e pestes no Teatro de Operações passa longe de ser obra do acaso. São causas: condições extremas; exposição ao clima, falta de remédios; carestia de alimentos; cadáveres insepultos; péssimas condições de higiene.

Este panorama favorecia a proliferação exponencial de bactérias. Ademais, temos o desequilíbrio ecológico/natural provocado pelo numeroso deslocamento de pessoas no *habitat* de agentes patogênicos (Dourado, 2014). O efetivo de pessoas em deslocamento em um contexto sanitário tão precário foi perfeito para que as enfermidades grassassem os sertões do SMT.

Sendo assim, vale ressaltar o conceito de complexo patogênico. Ele enfatiza a interdependência dos fatores físicos e sociais envolvidos na produção de doenças (Vieites, 2008). Ele “amplia o poder analítico e explicativo” (Ferreira, 1991, p. 305).

“As condições para a existência de um foco natural de doença infecciosa só estão presentes em nichos específicos da paisagem geográfica (...) altera a circulação do agente infeccioso” (Pavlovsky, 1939, *apud* Vieira, 1995, p. 75).

Na “teoria dos complexos patogênicos (...) a articulação entre fatores biológicos e a ação humana é mais bem desenvolvida” (Vieites, 2008, p. 36). Os complexos funcionariam como um “dossiê de uma doença” (*ibidem*), por conta de coincidirem com a área de distribuição das doenças.

Ou seja, o quadro é este: o hospedeiro, as causas da doença e seus vetores, conjugados com todas as formas de vida condicionantes ou que comprometam a vida humana. Este arranjo corporifica a proliferação de doenças em geral.

“Nesse contexto epidêmico urbano, os soldados que saíam de várias regiões do Brasil para combater e sem uma política de prevenção e meio eficazes para isolar os doentes, espalhavam as doenças em todo o cenário da Guerra” (Dourado, 2014, p. 132).

Na Retirada, a figura humana assume tanto o papel de hospedeiro como de vetor, ao disseminar diversas doenças contagiosas ao longo de sua trajetória. Tal interdependência entre diferentes organismos no desenvolvimento de uma doença configuraria uma espécie de organismo superior: o complexo patogênico (Sorre, 1951).

O complexo (eminentemente colérico) seria autodeterminado: com início, meio e fim. “Sorre ocupa-se com a ação humana de transformação do ambiente e com seu possível impacto epidemiológico” (Ferreira, 1991, p. 306). A Retirada comprova esta tese, sendo pródiga em exemplos de aspectos epidemiológicos que limitaram/condicionaram seus desdobramentos.

Início, meio e fim nada mais constituem do que um ciclo vital. Enquanto urbe em movimento, teríamos um ciclo vital epidemiológico. A tropa imperial foi sendo engrossada por civis, arrastando milhares de pessoas no auge do seu desenvolvimento. Por fim, a Coluna Camisão teve alguns “fins” de ciclo. No entanto, sua vocação para a eternidade não permitiu que seu legado fosse encerrado, como veremos adiante.

A seguir pontuamos as doenças que integram o complexo patogênico que foi determinante para a produção espacial e formação territorial do meridiano da Província. O SMT nunca mais seria o mesmo após a fatídica passagem das tropas.

3.4.1 Varíola

Até a primeira metade do século XX, foi responsável por 5 milhões de mortes, sendo considerada a doença mais mortífera de todos os tempos. O contágio acontece por meio do contato com infectados, por meio de saliva ou objetos contaminados. Em que pese o período de

incubação (12-14 dias), os sintomas podem aparecer a partir do segundo dia de contaminação (Gomes; Ruas, 2019).

A Variola (Figura 13) consiste numa “enfermidade cuja presença na história humana é bastante longa. Trata-se de uma doença viral, (...) que não necessita da presença de um hospedeiro, atacando diretamente o corpo humano” (Rodrigues, 2021, p. 14).

Figura 13. Dois meninos: um vacinado contra a Variola e outro não vacinado. Originalmente publicada em 1901 e tirada pelo Dr. Allan Warner no Hospital de Isolamento de Leicester, Inglaterra.



Fonte: <http://cienciaviva.org.br/index.php/2020/04/05/breve-historia-do-movimento-anti-vacina/>. Acesso em: 23 dez. 2022.

“A introdução da varíola em território brasileiro ocorreu com os primeiros colonizadores e escravos no século XVI, e a primeira epidemia registrada data de 1563, na ilha de Itaparica, na Bahia, de onde se disseminou para o resto do país” (Dourado, 2014, p. 141).

Os sintomas iniciais “são: mal-estar, forte cefaleia, dor na lombar e febre elevada (...). No Brasil, amostras do patógeno chegaram no ano de 1840, e delas foram desenvolvidas as

vacinas, utilizadas inicialmente para a imunização de famílias nobres” (Rodrigues, 2021, p. 26-27).

No início do século XX a enfermidade foi motivo de um grande motim popular na então capital do Brasil, na primeira década do período republicano: a Revolta da Vacina. O sanitarista Oswaldo Cruz sofreu grande resistência ao anunciar campanha de vacinação obrigatória (Sevcenko, 2010).

“Ainda que a vacina contra a varíola foi a primeira a ser criada e se provou eficaz contra a doença, a erradicação desta no mundo ocorreu apenas em 1980, durante o Programa de Erradicação da Varíola, da Organização Mundial da Saúde (...)” (Martins; Gianezini; Martins, 2021). No SMT, a doença apareceu primeiramente em Corumbá, contaminando primeiramente a população local, além dos paraguaios (Marin; Squinelo, 2019), que controlavam a cidade desde o início da guerra (Taunay, 1874).

A partir daí, “os militares brasileiros foram contaminados, e, devido à falta de hospitais, medicamentos e tratamento adequado, a doença acabou se espalhando por toda a província” (Marin; Squinelo, 2019, p. 99). Na Retirada, a “cruel epidemia de varíola” (Taunay, 1874, p.11) impediu o engrossamento das Forças Expedicionárias, durante o ano de 1867 (Queiroz, 2009).

O caos sanitário foi tão grande que as escolas e as casas dos populares precisaram ser transformadas, emergencialmente, em hospitais. É estimado que 12000 pessoas morreram durante a guerra em decorrência da Varíola (Marin; Squinelo, 2019).

O desastre só não foi ainda maior por conta da importante medida preventiva tomada em relação à tropa, em Coxim, em 26 de maio de 1866. “Todas as praças do Batalhão de Caçadores e da Companhia de Voluntários da Pátria, e os do esquadrão de cavalaria foram vacinados antes da partida, o que era raro” (Dourado, 2014, p. 138).

3.4.2 Beribéri

Não se trata de “uma doença infecciosa, mas uma doença de carência específica” (Sorre, 2021, p. 15). Possui relação direta com o flagelo da fome. Seria, segundo Josué de Castro, causada por: “quadros nosológicos de carências alimentares” (1984, p. 32).

Figura 14. Vítima da Beribéri.



Fonte: <http://historiadefriburgo.blogspot.com/2010/03/o-sanatorio-naval-em-nova-friburgo.html>. Acesso em: 23 dez. 2022.

O surgimento da enfermidade na Força Expedicionária é relatado por Taunay (1927, p. 89). “Começou então a aparecer um mal (...) que atacava de diversos modos, mas sempre grave, senão mortal logo, ora perfida e lentamente, ora de chofre, com os symptomas mais aterradores e cruéis, trazendo paralyrias mais ou menos generalizadas”.

A Beribéri tem como causa o déficit da vitamina B1, conhecida também como tiamina. Pode ser encontrada no trigo, no amendoim e no arroz (Collie *et al*, 2017). São sintomas: dificuldade de memória, problemas na respiração, perda de apetite, mal estar, fraqueza muscular, cansaço e insônia. Em casos particulares pode haver taquicardia, sendo observado aumento da área cardíaca (Ferreira *et al*, 2020).

“A’s vezes o doente accusava formigamentos nas plantas dos pés e dificuldade na locomoção, sentindo de dia agravarem-se esses signaes (...) outras, tudo isso se atropelava e em breves horas fallecia quem pouco antes, se mostrara forte e são” (Taunay, 1927, p. 89-90). Foi o que aconteceu com o Coronel José Antônio da Fonseca Galvão, um dos primeiros

comandantes da tropa. Ele morre em decorrência da “paralisia reflexa, ou beribéri” (Taunay, 2006, p. 49), nas margens do Rio Negro, nas imediações da atual Aquidauana.

3.4.3 Malária

A Malária possui grande incidência em populações com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (Louzada, 2020). Consiste em “uma doença infecciosa febril aguda, cujos agentes etiológicos são protozoários do gênero *Plasmodium* transmitidos pelo mosquito *Anopheles*” (Azevedo *et al*, 2020, p. 3).

Figura 15. Mosquito do gênero *Anopheles*, transmissor do parasita *Plasmodium*, causador da Malária.



Fonte: <https://observatorio.medicina.uc.cl/enfermedad/malaria/>. Acesso em 23 dez. 2022.

“Os sintomas costumam começar entre 10 e 35 dias depois de um mosquito ter injetado o parasita na pessoa. Em geral, os primeiros sintomas são febre ligeira e intermitente, dor de

cabeça e dor muscular, calafrios juntamente com uma sensação de mal-estar geral” (*ibidem*, p. 4).

Apesar de todo avanço científico observado, ainda não temos uma vacina definida para o combate à Malária (Carrieri, 2021). A profilaxia consiste no enfrentamento ao protozoário causador, interrompendo sua multiplicação no organismo (Tecchio; Dinon; De Moraes, 2021).

Na Retirada, as baixas chegaram, aproximadamente, a uma média de 400 mortes por dia (Dourado, 2014). Nem mesmo o apoio de Saúde foi poupado pela doença. “O pessoal do nosso corpo de saúde fora muito perseguido pelas febres paludosas⁴¹ de Miranda; muitos dos seus membros tinham-nos deixado (...)”, relatou Taunay, em maio de 1867 (1874, p. 105).

Dados atuais indicam que a incidência da Malária tende a se concentrar nas Unidades da Federação que apresentam o bioma amazônico, tais como: Tocantins; Roraima; Rondônia; Pará; Mato Grosso; Maranhão; Amazonas; Amapá; Acre⁴².

Sendo assim podemos questionar: de que forma ocorreu este surto⁴³ em meio ao Cerrado e ao Pantanal? Um detalhe que pode passar despercebido é que a Artilharia que integrou a Coluna Camisão veio do Amazonas (Vianna, 1938).

É factível que estes militares tenham vindo para o SMT já tendo a inoculação do protozoário em suas correntes sanguíneas. Como os sintomas podem se manifestar em até trinta e cinco dias, é possível que já integrados ao restante da tropa, tenham passado adiante a doença.

A partir do momento em que alguma espécie de mosquito tenha picado alguém infectado pela Malária, a doença pode ter se disseminado de forma tão fatal e incomum.

3.4.4 Cólera

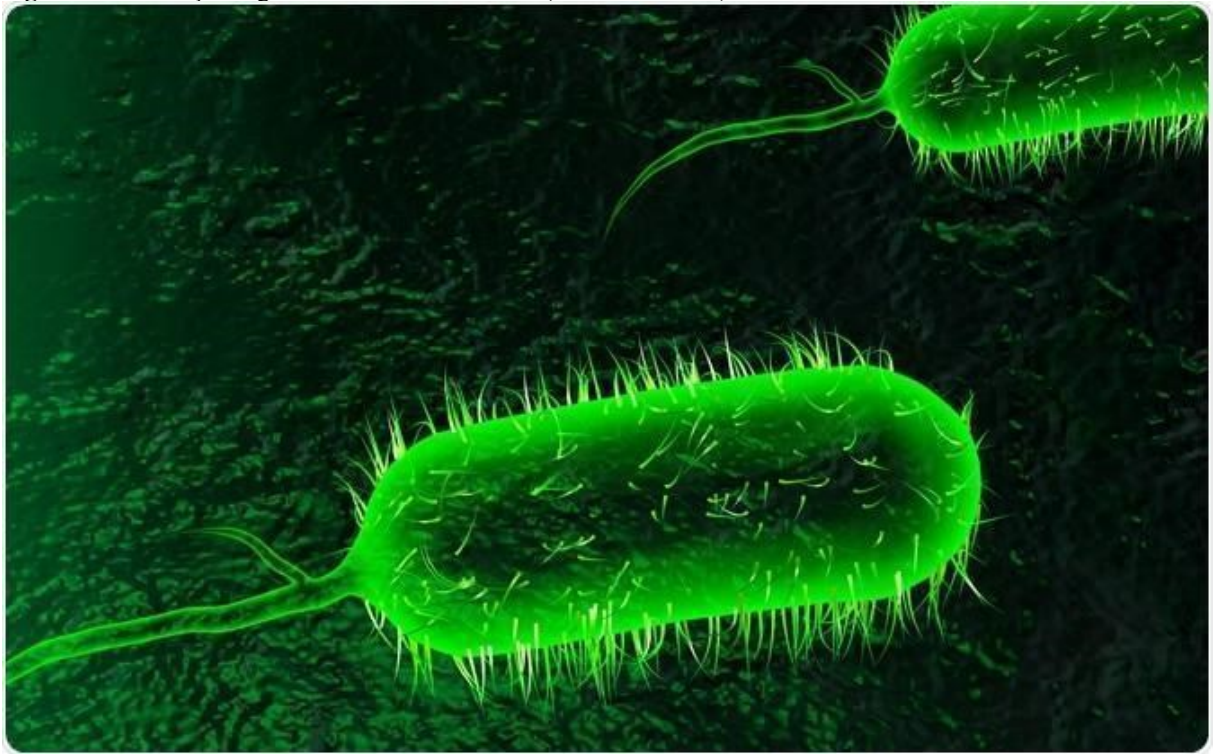
A Cólera (Figura 16) foi protagonista da Retirada da Laguna. Na primeira versão do livro homônimo (1874), o termo “cholera” aparece 15 vezes. Já o termo “cholericos” aparece 11 vezes. Além disso, dois “espaços” produzidos pela Coluna Camisão, têm ligação íntima com a doença (a Mata do Cambaracê e o Cemitério dos Heróis, em Jardim/MS). Estes detalhes serão evidenciados mais adiante.

⁴¹ Nesse período a Malária era conhecida por “febres paludosas (...) ou febres palustres” (Silva, 2020, p. 101).

⁴² Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/m/malaria>. Acesso em: 23 dez. 2022.

⁴³ “O surto de uma doença acontece quando há um aumento brusco de casos em uma determinada região específica” (Silva, 2022, p. 29).

Figura 16. Ilustração digital da bactéria da Cólera (*Vibrio cholerae*).



Fonte: <https://www.news-medical.net/news/20191008/Cholera-causing-bacteria-steal-large-stretches-of-intact-DNA-to-become-more-efficient.aspx>. Acesso em: 23 dez. 2022.

A Cólera é oriunda da “Índia, sobretudo o delta do Rio Ganges. Desse foco a doença fez incursões a várias outras regiões do globo, causando pandemias com milhares de mortos” (Dourado, 2014, p. 131). “A cólera é uma patologia causada pela enterotoxina produzida pela bactéria *Vibrio cholerae*” (...) (De Almeida Vaz; Chamma; Alves, 2018). Este tipo de organismo minúsculo foi o inimigo mais duro que a tropa imperial enfrentou (Taunay, 1874).

Ela é transmitida pelas fezes. Os sintomas iniciam-se com diarreia. Podem ser causadas ainda: arritmias cardíacas, câimbras, choque e hipotensão (De Almeida Vaz; Chamma; Alves, 2018). “O principal tratamento para a cólera é a reposição hidroeletrólítica que pode ser feita através do preparo de solução de reidratação oral e atualmente existem vacinas indicadas para áreas endêmicas ou que estão com surto epidêmico” (*ibidem*, p.46).

Taunay deixa evidente que, à época, pensava-se que restringir o consumo de água aos doentes, era o mais adequado para evitar a propagação da Cólera (1874). “A terapêutica hoje é fundamentalmente dirigida contra a desidratação” (Dourado, 2014, p. 132).

A partir de 1855 são encontrados os primeiros registros de incidência desta enfermidade no Brasil (Witter, 2021). “O mundo vivenciou ao menos seis pandemias de cólera-morbo. A

que atingiu a Bahia, o Grão-Pará, Pernambuco e o Rio de Janeiro foi a terceira.” (Sampaio, 2021, p. 249).

A disseminação da Cólera está muito ligada às condições dos efluentes. Com o crescimento das cidades, o saneamento básico tornou-se elemento indispensável à qualidade. Os primeiros registros no tocante ao saneamento, remonta ao ano de 1561, quando Estácio de Sá ordena a escavação de um poço para abastecer o Rio de Janeiro. O primeiro chafariz foi concebido somente em 1744 (Tochetto, 2021).

“No período colonial, ações de saneamento eram feitas de forma individual, resumindo-se à drenagem de terrenos e instalação de chafarizes. A partir dos anos 1940, se iniciou a comercialização dos serviços de saneamento” (*ibidem*, p. 24). Sendo assim, era natural que quando a pandemia da Cólera ao chegar no Brasil, grassasse todo o país.

Na Guerra da Tríplice Aliança, ela foi a doença que acarretou mais “vítimas entre os combatentes (...). Embora decorridos dez anos da terrível epidemia de cólera na Bahia, (...) a burocracia e a Medicina ainda não haviam alcançado avanços significativos (...)” (Dourado, 2014, p. 132).

Infere-se que a Coluna Camisão, ao iniciar sua jornada no Sudeste, já levasse consigo alguns infectados, tendo recebido a adição de efetivos em sua jornada em direção ao SMT. No primeiro quartil do ano de “1865, partiu do Rio de Janeiro com destino a Santos, por terra, (...), seguiram alguns contingentes de infantaria, recrutados no Rio, S. Paulo e Goyaz, aos quais se anexaram o corpo de artilharia do Amazonas e algumas viaturas para transporte de munições, viveres e bagagens” (Vianna, 1938, p. 15).

“A água foi fonte de constantes problemas durante a época da Guerra do Paraguai, tanto na corte como em toda a região em que se desenvolveram os conflitos, pois não havia um controle eficaz sobre sua qualidade” (Dourado, 2014, p.120). Se a logística como um todo já foi bastante precária durante a expedição, o suprimento hídrico foi mais um triste desdobramento.

A epidemia de Cólera se desenvolve na província mato-grossense em 1867 (Queiroz, 2009). Ou seja, a tropa brasileira configurou-se como foco antropofúrgico da doença ao longo de sua trajetória. O Espaço da Retirada é fruto da “transformação do espaço de circulação de agentes de doença pela ação humana” (Vieites, 2008, p. 31).

O SMT, naquele período, foi reflexo da ação inicial do homem sobre o meio e a circulação de doenças (Vieites; Freitas, 2009). Foi transformado pois seus integrantes foram agentes da disseminação de doenças, principalmente a Cólera.

Nem mesmo os indígenas foram poupados. “O cholera fez nesse dia nove victimas: mais do duplo deste numero foi atacado, e entre elles o chefe dos terenas, Francisco das Chagas, a quem os seus tinham trazido moribundo em uma rede” (Taunay, 1874, p. 163).

Este recorte transformado pela Coluna Camisão, da forma mais trágica possível, consubstanciou-se em foco natural de doenças: todas as condições naturais e humanas envolvidas reforçavam-se mutuamente em prol da progressão contínua deste desastre sanitário.

Até mesmo a banda de música, elemento fundamental para a manutenção do moral da tropa em níveis elevados, teve seu acorde silenciado pela doença. “O cholera viera completar a obra de destruição, arrebatando-nos quatorze músicos, dos que tinham pertencido ao batalhão de voluntários de Minas” (*ibidem*, p. 214).

Esta produção trágica do Espaço através do Território alcançaria seus momentos mais tenebrosos. “O continuo estrebuchar dos agonisantes tornava horrivelmente penosa a tarefa, sob o peso da qual a nossa gente fatigada punha-se também de repente, como á porfia com os cholericos, a soltar gritos selvagens de impaciência (...)” (*ibidem*, p. 168).

O ápice deste Calvário ainda estava por vir. Adiante veremos o desfecho desse drama.

3.5 – A produção de “espaços” no contexto da Retirada da Laguna

Este trabalho adota o Espaço enquanto uma de suas categorias de análise. No contexto bélico, a partir da disputa territorial a produção espacial também acontece. Uma leitura apressada pode dar uma ideia de pensar o Espaço como mera abstração.

Vale destacar que a “produção do espaço pode se referir (...) à emergência de novas significações” (Souza, 2013, p.42). Neste sentido, a produção espacial na Retirada manifesta-se, peculiarmente, em consonância com o já abordado, a partir/através das condições de saúde/doença, nas seguintes perspectivas: o Espaço percebido (praticado); Espaço concebido (representado); Espaço vivido (simbólico).

O Território, no recorte sul-mato-grossense, por sua vez, foi produzido a partir de rios, de sangue. A Retirada é rica neste sentido: diversos “espaços” foram produzidos, eternizados à base de muito sofrimento. Serão destacados: Fazenda Jardim, Cambaracê e Cemitério dos Heróis da Retirada da Laguna.

Eles são pontos nodais da formação territorial do SMT, afinal, “Toda prática espacial, mesmo embrionária, induzida por um sistema de ações ou de comportamentos se traduz por

uma ‘produção territorial’” (Raffestin, 1993, p. 150). Tais pontos são frutos da construção desses fixos, de seus respectivos fluxos, combinados com a representação e a vivência da Força Expedicionária, ao longo do Território do SMT. Veremos a seguir o porquê de toda mística e transcendência perpetuados no imaginário coletivo regional.

Antes de avançarmos, para uma melhor compreensão, será destacado a seguir o panorama político do Segundo Reinado. Este é o período histórico em que se desenvolve a Retirada da Laguna, inserida na Guerra da Tríplice Aliança.

3.5.1 Contexto político interno

O Segundo Reinado foi o período em que o Brasil foi governado por Dom Pedro II. Teve início com o Golpe da Maioridade, de 1840. Ele governou o Brasil até 1889 (Sikora; Guidi, 2021). Consistiu basicamente em uma manobra política para permitir que D. Pedro II assumisse o trono brasileiro com apenas 14 anos (a lei brasileira só permitia com 18 anos) (Costa, 2020).

O reinado de Dom Pedro II passou por três fases. O primeiro período foi de consolidação (1840-1850). Nesse período, Dom Pedro II consolidou seu poder e lidou com as disputas políticas entre liberais e conservadores. Introduziu o chamado "parlamentarismo às avessas", onde ele nomeava os ministros do gabinete de acordo com seus interesses, dissolvendo a Câmara dos Deputados quando necessário (Afonso, 2013).

O segundo período, foi de auge (1850-1870). Dom Pedro II firmou-se como uma figura respeitada e as disputas políticas foram controladas durante esse período. Neste recorte ocorreram as diversas campanhas platinas que desencadearam a Guerra da Tríplice Aliança (Miranda Filho, 2014).

Já no período de declínio (1870-1889), o prestígio de Dom Pedro II diminuiu, especialmente após a Guerra da Tríplice Aliança, e movimentos contrários à Monarquia começaram a surgir no Brasil. Ao final, foi proclamada a República (Coronato, 2013).

Enfim, no âmbito interno, o Segundo Reinado no Brasil foi marcado por intensas disputas políticas entre abolicionistas, que defendiam o fim da escravidão, e escravistas, que queriam mantê-la. A questão da escravidão já existia desde o Primeiro Reinado, mas a pressão internacional, especialmente da Inglaterra, levou à aprovação da Lei Eusébio de Queirós em

1850, proibindo o tráfico de escravos. Isso tornou a mão de obra escrava mais rara e cara, levando os produtores de café a comprar escravos do Nordeste (Alonso, 2015).

No decorrer do século XIX, leis como a do Ventre Livre (1870) e dos Sexagenários (1884) foram decretadas como passos gradualmente progressivos em direção à abolição oficial da escravidão. A abolição ocorreu em 1888 com a Lei Áurea (Ramos, 2008).

Em convergência com o já apontado, na esfera econômica, o café emergiu como o principal produto do Brasil, inicialmente cultivado no Vale do Paraíba fluminense e paulista, expandindo-se para o Oeste Paulista. Os cafeicultores impulsionaram a imigração, principalmente na década de 1880, quando a escravidão estava em declínio. Imigrantes de várias origens contribuíram para esse crescimento econômico (Toledo; De Almeida; Ferreira, 2022).

3.5.2 Contexto político externo

A partir de 1840, ocorreu a consolidação territorial e o crescimento econômico centrado na produção de café no Brasil (De Borba, 2011). Nesse período, o Brasil se destacava como a única Monarquia na América do Sul, caracterizada pela prevalência da escravidão e por possuir o maior território no subcontinente (Maestri, 2017).

Enquanto isso, no restante do continente sul-americano, a tendência era de fragmentação política e territorial. Além disso, havia uma série de situações específicas em relação a outros países envolvidos: Paraguai, com governo centralizado e autoritarismo crescente; Argentina, com a disputa entre Unitaristas e Federalistas; Uruguai, que estava dividido entre os Blancos e Colorados, que se confrontavam em uma luta pelo poder (Maestri, 2016).

A Bacia Platina vivenciava uma alta instabilidade política, com movimentos de independência em andamento, disputas de fronteiras, aumento da importância da navegação comercial e um grande envolvimento do capital inglês nas economias locais (Dos Santos, 2014).

Nesse contexto de afirmação das nacionalidades, as rivalidades e os conflitos armados se intensificaram. Dom Pedro II, no Brasil, lutava contra o caudilhismo (Gomes, 2010), enquanto Juan Manuel de Rosas buscava reeditar o Vice-Reino do Prata, incorporando a Banda Oriental (Uruguai) liderada por Oribe. Paralelamente, os líderes paraguaios, López pai e filho, buscavam consolidar o poder e afirmar a influência do Paraguai na região (Maestri, 2016).

Apesar da distância geográfica, os britânicos desempenhavam um papel crucial na região. Eles eram a potência mundial da época, com grande influência na América do Sul,

incluindo um significativo investimento na economia brasileira (Bandeira, 2014). Além disso, mantinham laços próximos com os Colorados no Uruguai e os Unitaristas na Argentina (Maestri, 2016).

As alianças políticas na Bacia do Prata se configuravam da seguinte forma: o Império do Brasil, os Colorados no Uruguai, os Colorados no Paraguai, os Unitaristas argentinos e os britânicos de um lado, e os Federalistas argentinos, os Blancos uruguaios e os Blancos paraguaios do outro (Maestri, 2014).

É importante ressaltar que também ocorreram questões diplomáticas com os britânicos, especialmente durante a Questão Christie (1862), que resultou em dois anos de ruptura nas relações diplomáticas. No entanto, houve uma retomada das relações antes do início da guerra (Youssef, 2019).

3.5.3 Prelúdio da Guerra da Tríplice Aliança

Entre 1851 e 1864 houve uma escalada nas tensões geopolíticas, desencadeando uma série de conflitos bélicos, de acordo com o que se segue. O primeiro evento de destaque é a Guerra contra Oribe e Rosas (1851-1852).

Ela origina-se da pretensão do presidente argentino Juan Manuel de Rosas, unido ao então ministro da guerra do Uruguai, Manuel Oribe, de constituir um país único. O Império enfrentou os Blancos uruguaios de Oribe e os Federalistas argentinos de Rosas. Os combates se desenrolaram na Fronteira com o Rio Grande do Sul. Como consequência houve a deposição de Oribe, derrota de Rosas e a ascensão de aliados do Império (Tamae, 2020).

Entre 1861 e 1863 houve os seguintes fatos: a morte de Carlos Antônio López e a ascensão de seu filho, Francisco Solano López; consolidação dos Unitaristas na Argentina com a ascensão de Bartolomeu Mitre; os Blancos voltavam ao poder no Uruguai com Atanásio Aguirre; aliança entre Aguirre e Lopez; tensão com o Império (Maestri, 2017).

A seguir, ocorre a Guerra contra Aguirre (1864). Nela, o Uruguai enfrentou uma prolongada guerra civil desde sua independência em 1828, com os partidos Blanco e Colorado, que eram mais facções lideradas por caudilhos do que partidos políticos. Aproveitaram a fraqueza do Estado uruguaio e a pobreza da população, usando-a como peões e guerreiros em uma relação clientelista. Mantinham exércitos particulares, muitas vezes maiores e mais

poderosos do que o exército oficial, para perseguir seus próprios interesses e os do partido (Menegat, 2015).

As guerras na região do Rio da Prata surgiram de instabilidades nas fronteiras, disputas políticas internas e rivalidades pela hegemonia na Bacia do rio Prata. A intervenção imperial no Uruguai resultou na queda de Aguirre, do partido Blanco, e na ascensão dos Colorados, liderados por Venâncio Flores. Esses eventos foram considerados razões para a guerra pela Tríplice Aliança, comandada por Solano Lopez, que começou alguns meses depois (Ramos, 2009).

Finalmente, lembremos da eclosão da guerra: lócus de produção espacial territorializada no/pelo sofrimento. Este prefácio à Retirada diz muito sobre sua jornada nos sertões do SMT.

3.5.4 Guerra no Prata: o Território vale ouro

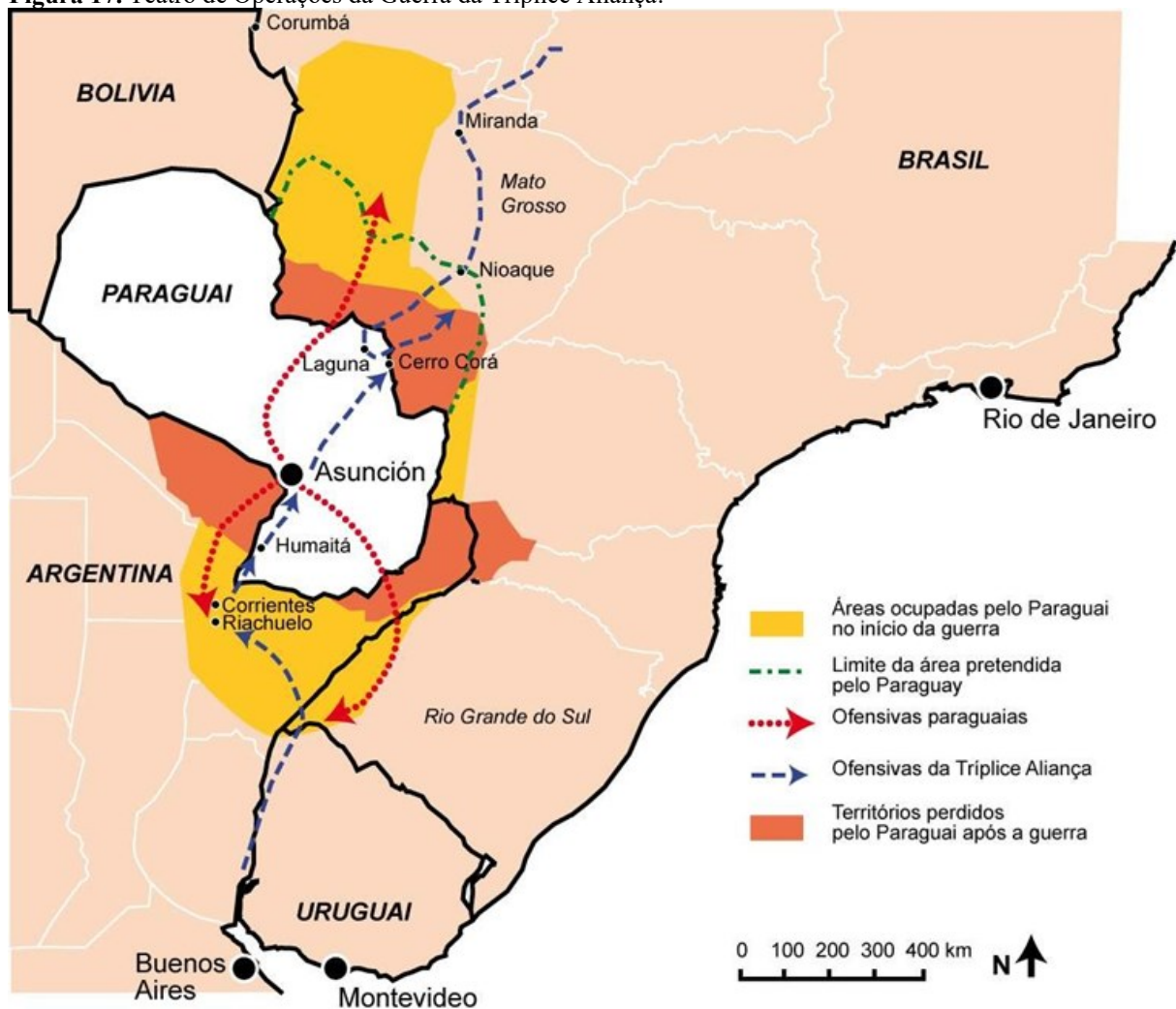
O Território, ainda que fluvial, vale muito. Tanto que o controle da navegação da Bacia do Prata foi a principal motivação para a eclosão da Guerra da Tríplice Aliança (Esselin, 2018). Por ironia do destino, a deflagração do embate ocorreu em uma via fluvial.

Em 12 de novembro de 1864, o Vapor Marquês de Olinda navegava pelo Rio Paraguai em direção à Cuiabá, capital de Mato Grosso. Encontrava-se na embarcação o Coronel Frederico Carneiro de Campos, que a assumiria a presidência da Província. A embarcação foi abordada pela Canhoneira Taquari, de bandeira paraguaia. O Marquês de Olinda foi obrigado a retornar ao Porto de Assunção, de onde havia zarpado (Figueiredo Neto, 2019).

Esta atitude ocorreu em retaliação à interferência imperial na guerra civil que se desenrolava na Banda Oriental (atual Uruguai). Em 12 de setembro de 1864, as tropas brasileiras invadem e se unem às forças do colorado Venâncio Flores. Em fevereiro, a coalizão depõe o blanco Atanásio Aguirre, colocando o caudilho no poder. Este era favorável aos interesses do Império (Marin; Squinelo, 2019).

Em seguida, conforme a Figura 17, os paraguaios invadiram o “Mato Grosso, no dia 24 de dezembro de 1864, com duas colunas. A primeira, comandada pelo Coronel Vicente Barrios, seguiu pela calha do rio Paraguai, conquistou Forte Coimbra, em 27 de novembro de 1864; ocupando a Cidade de Corumbá, em 4 de janeiro do ano seguinte” (Figueiredo Neto, 2019, p. 1).

Figura 17. Teatro de Operações da Guerra da Tríplice Aliança.



Fonte: Théry; Velut, 2016, p.3.

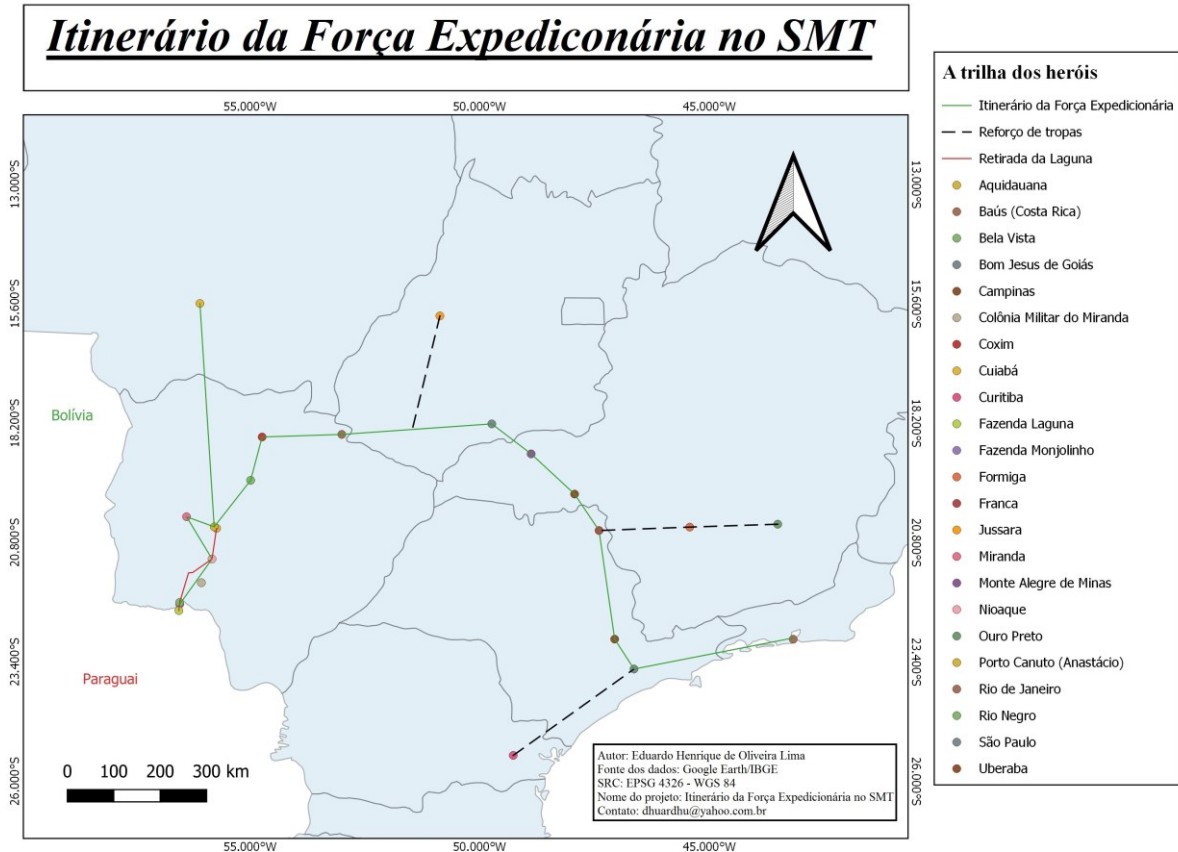
A segunda coluna, comandada pelo Coronel Francisco Isidoro Resquín seguiu pelo Sul, “conquistando a Colônia Militar de Dourados, em 29 de dezembro de 1865. O objetivo estipulado por Francisco Solano López, então Presidente do Paraguai, era a conquista de Cuiabá” (Figueiredo Neto, 2019, p. 1).

Ao início do ano de 1865 começa a ser organizada a Força Expedicionária ao Mato Grosso. Em 31 de março, zarpa do Rio de Janeiro em direção a Santos, o Vapor Santa Maria. Nele estavam a bordo o Imperador, o Coronel Manoel Pedro Drago, comandante original da expedição, e grande efetivo de oficiais (Martins, 2016).

No primeiro quadrimestre de 1866, são realizados importantes reconhecimentos entre os rios Taquari e Miranda (Taunay, 1868). A tropa, finalmente, “chegou a Nioac a 24 de Janeiro de 1867, às onze horas da manhã” (Taunay, 1874, p. 29). Foram, aproximadamente, dois anos

para que a Força Expedicionária chegasse até as imediações da Fronteira (Figura 18). Tamaña foi a demora que Nioaque já havia sido “abandonada pelo inimigo a 2 de Agosto de 1866” (*ibidem*, p. 27).

Figura 18. Itinerário percorrido pela Força Expedicionária entre 1865 e 1867.



Fonte: produzido pelo autor.

Este atraso na chegada da contraofensiva à invasão paraguaia deve-se a alguns fatores: a falta de mobilidade terrestre por conta das diversas manchas de Pantanal e do Cerrado nativos; as péssimas condições das estradas existentes, somente vencidas pela tração animal; toda a natural dificuldade de mobilização do esforço de guerra em um país ainda carente de maior integração (Lima; Mattos, 2018); um Exército enfraquecido diante do protagonismo das Guardas Nacionais de cada província (Doratioto, 2002).

Neste ínterim, foram percorridos “2112 km. E já um terço da nossa gente perecera. Foi em 1º de janeiro de 1867 que o Coronel Carlos de Moraes Camisão (...) assumiu o comando” (Taunay, 2006, p. 49-50) vindo a substituir o então comandante, Coronel José Antônio da Fonseca Galvão, vitimado pela Beribéri (Taunay, 1874), em conformidade com o visto anteriormente.

Nioaque deveria, efetivamente ser, segundo Taunay, “nossa base de operações” (1874, p. 217). No dia “25 de fevereiro, as nossas fôrças abalaram de Nioac, e, em 4 de março, ocuparam a colonia de Miranda⁴⁴” (Pereira, 1952, p. 4). Nesta localidade, em 10 de abril, José Francisco Lopes “se apresentara ao coronel Camisão” (*ibidem*).

Este encontro seria determinante para os rumos da tropa em expedição ao SMT: de um lado, Camisão tido como covarde diante do abandono que fez de sua posição na defesa de Corumbá, por ocasião da queda do Forte de Coimbra, na “manhã de 2 de janeiro de 1865” (Maestri, 2015, p. 115); de outro, o futuro Guia Lopes da Laguna, que teve sua família capturada e levada ao exílio na aldeia paraguaia de Horcheta (Taunay, 2006). Ambos tinham motivação mais que suficiente para avançar sobre o território paraguaio, independente do custo a ser pago. Isto faria total diferença.

O Império planejava invadir o Paraguai em duas frentes: uma passando pelo Passo da Pátria, Humaitá e Assunção, enquanto outra deveria perseguir o invasor no Mato Grosso até o Rio Apa, esperando ordens para prosseguir (Duarte, 1984).

Como relatado em mensagem enviada aos paraguaios, os objetivos imperiais eram bem claros. “A invasão do norte, bem como a do sul da vossa republica, não tem outro fim mais do que reagir contra uma injusta agressão de nacionalidade” (Taunay, 1874, p. 82).

Ocorre que “a falta de gado tornava já a própria posição de Bella Vista insustentável; pois começava a ser insuficiente a distribuição de viveres” (*ibidem*, p. 85). O Coronel Camisão, insultado pelos paraguaios com a alcunha de “cabeça pellada” (*ibidem*, p. 84), decide, mesmo assim, adentrar ao Paraguai.

O objetivo era alcançar a “fazenda chamada Laguna, cerca de quatro léguas de Bella-Vista, pertencente aos domínios do presidente da republica⁴⁵ e destinada á criação de ‘gado’” (Taunay, 1874, p. 86). A partir daí temos a produção de novos “espaços”, a partir de denso derramamento de sangue, mas não por acaso.

Este elemento “apresenta notável rendimento simbólico nas cosmologias indígenas das terras baixas sul-americanas, sobretudo pela sua importância nas concepções de pessoa [e] corpo” (Velder, 2007, p. 275). O elemento sanguíneo é repleto de significados. Em relação ao Espaço e ao Território, não seria diferente.

⁴⁴ Localizava-se no município da atual Guia Lopes da Laguna (MS). “Tratava-se de uma pequena guarnição militar, nas cercanias do Rio das Velhas, afluente do Rio Miranda” (Lima; Silva, 2022, p. 251).

⁴⁵ Uma clara referência ao então presidente paraguaio, Solano López.

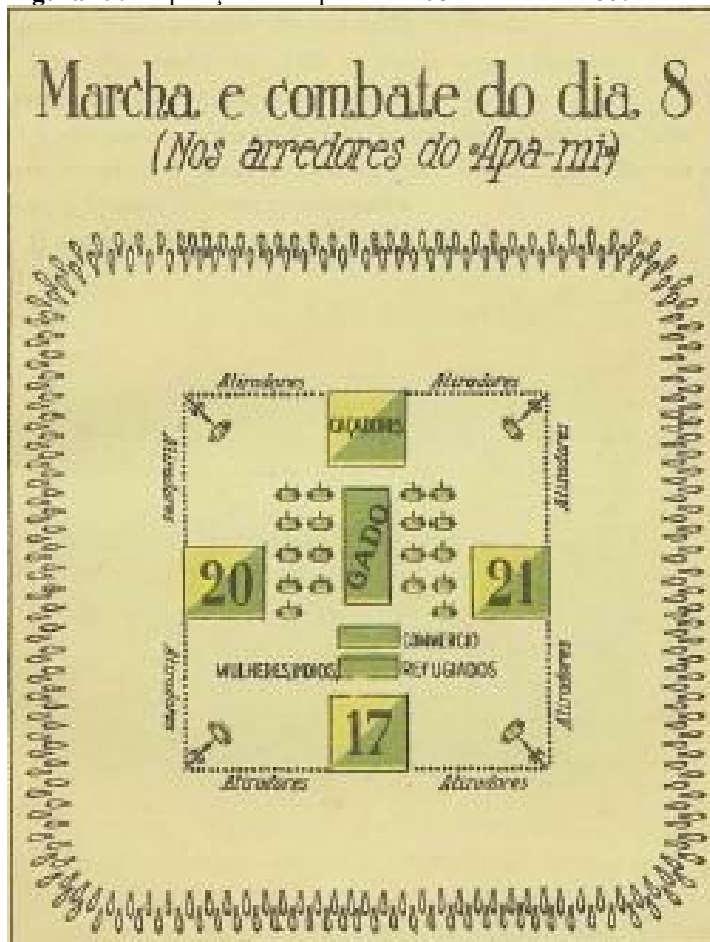
Esta produção espacial a partir do sangue, a ser demonstrada a seguir, está intimamente ligada ao conceito de “geograficidade, ou seja, sobre o papel que o espaço e o meio têm na vida dos homens, sobre o sentido que eles lhes dão e sobre a maneira pela qual eles os utilizam para melhor se compreenderem e construírem seu ser profundo” (Claval, 2006, p.89-90).

3.5.4.1 Nhandipá: o sangue que escorre

Foi a única batalha travada pela Coluna Camisão. Ela tem origem em uma emboscada empreendida pelos paraguaios após atrair a Força Expedicionária para o interior de seu território. A tropa chegou até a Invernada da Laguna, porém o quadro era desolador. Tirando as cinquenta cabeças de gado obtidas a duras penas e de um esforço heroico de um mercador italiano que chegou até a tropa, não houve qualquer envio de suprimentos. Tais medidas concederam algum alento, no entanto, não era o suficiente para sustentar uma continuidade da operação em território inimigo (Taunay, 1874).

Dessa forma, restou a opção de retornar ao Brasil, na esperança de obter algum apoio logístico: além da insuficiência de víveres, havia carência de munição desde o início da campanha. Porém, na manhã do dia 08 de maio de 1867, quando a Força Expedicionária (Figura 19) se deslocava em retorno ao Rio Apa, foi surpreendida por ataque da Infantaria inimiga. Diante dos graves danos infligidos da tropa brasileira, evidenciando grandíssima desvantagem, inicia-se aí a Retirada da Laguna (*ibidem*).

Figura 19. Disposição da tropa no dia 08 de maio de 1867.



Fonte: Vianna, 1938, p. 76-77.

Em 11 de maio, ocorreu a batalha “mais importante da retirada” (*ibidem*, p. 127). Nela, o sangue de brasileiros e paraguaios escorreu, grudou, aderiu de forma indissociável àquele local. Do interior de uma escarpa, a Infantaria paraguaia surpreendeu a Coluna Camisão. Logo em seguida, uma carga da Cavalaria paraguaia veio a somar esforços em busca da aniquilação da Força Expedicionária. Este embate ficou conhecido como Nhandipá.

Nhandi (nhã-di) significa a seiva, o líquido que escorre, o látex, o grude (Sampaio, 1987, p.274) e pa refere-se, dentre outros, àquilo que está concluído, acabado (Sampaio, 1986, p.122). O primeiro formante da designação é de origem tupi, enquanto o outro advém do guarani. A junção das duas partículas resultou numa palavra híbrida que exterioriza o sentimento daqueles que estiverem presente na localidade naquela data (Souza, 2006, p. 169).

Esta hibridez etimológica é bem simbólica, uma vez que o sangue de brasileiros e paraguaios foi o marco da fundação do município de Bela Vista (MS), homônimo de Bella Vista Norte, na margem oposta do Rio Apa.

O combate de Nhandipá resultou em mais de 230 homens mortos (brasileiros e paraguaios). A fim de prestar uma homenagem àqueles que lutaram firmemente pela sua pátria, o Major Martim Urbieta fincou uma grande cruz naquele local, sem saber que na verdade estava estabelecendo o marco inicial da cidade de Bela Vista, no Brasil. No fim da tarde, os brasileiros acamparam perto do córrego José Carlos, na fazenda Machorra (Taunay, 1978, p.92-95).

Após “lucta encarniçada” (Taunay, 1874, p. 123), cessaram as hostilidades. Os paraguaios limitaram-se a cercar alguns animais que haviam se dispersado (estouro da boiada), do já reduzido e magro rebanho conduzido pela Força Expedicionária (*ibidem*).

Apesar do alívio, de até certo entusiasmo pelo fim da batalha, o quadro era desolador. Além da carnificina recém realizada, a tropa brasileira passava a não ter mais a força animal, seja para fins de deslocamento das carretas, ou mesmo para consumo. Neste local fica o atual Cemitério Municipal da cidade (Figura 20).

Figura 20. Imagem aérea do local onde foi travada a Batalha de Nhandipá. Nela ficam evidenciados: o trajeto em retorno ao Brasil, percorrido pela tropa imperial (em amarelo); a direção que foi executada a carga da Cavalaria paraguaia sobre a Coluna; a disposição do efetivo, da bagagem e das bocas de fogo da Força Expedicionária.



Fonte: arquivo do autor.

Dessa forma foi produzido o “espaço” conhecido como Nhandipá. A partir dali não haveria mais combate, efetivamente. Porém, a via-crúcis dos brasileiros ainda estava longe de acabar. Assessorados pelo Guia Lopes, o Comando resolve abandonar, dali em diante, as estradas conhecidas, no intento de despistar os inimigos (Taunay, 2006). Abandonar, aliás, seria um verbo tragicamente presente no próximo “espaço” a ser produzido.

3.5.4.2 Cambaracê: o duplo martírio dos coléricos

Indubitavelmente, a Cólera foi o maior obstáculo enfrentado pela Coluna Camisão. Em 10 de maio, dois dias após o início da Retirada, é registrado o primeiro caso⁴⁶ (Vianna, 1938). Em um momento adiante, com a agudez da epidemia, a situação fica insustentável.

Eram “130 doentes de cholera, agonizantes, entregues” (Pereira, 1925, p. 41). Dessa forma, vale ressaltar que “metade da força era empregada (...) pois cada padiola ocupava oito homens” (D’Angrogne, 1926, p. 382) se revezando no transporte. Naquele momento, isto representaria grande efetivo fora de combate. Por conta disso, no dia 26 de maio, prevendo a continuidade do alastramento da epidemia, o Coronel Camisão opta por abandonar os moribundos, prosseguindo com os ainda saudáveis.

Apesar de mensagem deixada suplicando por clemência, os paraguaios ao chegarem na posição, executam os que ainda agonizavam pela sobrevivência, a golpes de lança (Taunay, 1874). Este foi o duplo martírio dos coléricos, que neste local “viveram o seu Calvário particular” (Lima, 2022, p.381).

“A peste não cessava. No outro dia, alcançaram as imediações onde nasce um córrego e tomou-se uma difícil decisão: em prol da saúde do restante da Coluna, abandonaram-se os coléricos no trecho que mais tarde será denominado pelos paraguaios de Cambaracê” (Taunay, 1978, p.127-132).

Além das questões sanitárias e do temor de serem alcançados pelos paraguaios, todo um contexto desfavorável influenciou esta opção pelo abandono. Primeiramente, naquela altura, o Comando já não tinha qualquer esperança de obter qualquer reforço ou mesmo apoio logístico. Consoante já citado aqui, a Base de Operações prevista para Nioaque não se efetivou (Taunay, 1874).

⁴⁶ Vianna afirma que “no dia dez de Maio, na Bella Vista, foi-me trazido á consulta um Indio que sofria de diarrhéa abundante e que no dia seguinte falleceo. Este doente, por causa da longa marcha e dos muitos outros que tinhamos a tratar, falleceo, sem que tivessesmas bem observado sua enfermidade (1938, p. 163-164).

Aos brasileiros não restava muita coisa. “Era curvar a cabeça e ir andando sempre, que alli estavam quatro bandeiras e quatro canhões que para essa columna de miseros representavam a unica cousa que convinha salvar: a honra” (Pereira, 1925, p. 41).

Psicologicamente, o emocional de toda a tropa estava em frangalhos, dificultando a manutenção do mínimo de lucidez para a tomada de decisão. Mesmo assim, desistir não era uma opção. O abandono dos coléricos só veio a ocorrer quando a manutenção destes junto à tropa anularia qualquer possibilidade de sobrevivência do restante dos integrantes.

Taunay narra esse fato:

tudo, a cada momento, se entenebrecia em torno de nós. Nada mais digno de inspirar a simpatia e a compaixão do que o aspecto do Coronel, depois da ordem que dera [...] Certo é que, pálido como um espectro, parava, para ouvir, como involuntariamente. Por mais silenciosos e tristes houvessem sido os preparativos, não foi sem gritos e ruídos estranhos ao ouvido e cuja causa assombrava o espírito, que chegou o momento do abandono. A todos nós foi intolerável. Deixávamos entregues ao inimigo mais de cento e tinta coléricos, sob a proteção de um simples apelo à sua generosidade, por intermédio destas palavras escritas, sobre um cartaz pregado num tronco de árvore: ‘Compaixão para com os coléricos!’ (1978, p. 132).

Pesava sobre os ombros do Coronel Camisão a alcunha de covarde, por conta de sua fuga durante a queda do Forte de Coimbra, em congruência com o visto anteriormente. Desta vez, resta evidenciado que ele não se eximiu do seu dever de zelar pelo bem da sua tropa como um todo, mesmo que para isso tivesse que entregar parte dela à própria sorte.

No entanto, talvez por ignorância de todo o contexto detalhado aqui, ainda hoje exista quem condene a decisão tomada pelo então Comandante da Força Expedicionária, na mata em que hoje se situa a Fazenda Mimoso (Figura 21), no município de Jardim (MS). Sendo assim, nada melhor do que trazer a visão de alguém que foi testemunha dessa “imagem pavorosa do sofrimento” (Lima, 2022, p.380).

Figura 21. Marco que identifica a Mata da Cambaracê.



Fonte: arquivo do autor.

“Todos nós os comandados, teríamos infalivelmente morridos da peste, se não houvesse sido tomada aquela deliberação cruelíssima, porém única no caso de nos salvar. Quem não assistiu aquela cena pavorosa, não pode imaginar o que foi” (Taunay, 1927, p. 136).

Este “espaço”, que serviu de altar para o sacrifício de tantas vidas, seguiu sendo produzido a partir de uma perspectiva memorialista. Constitui, dessa forma, merecida homenagem às vítimas deste Calvário sediado nos sertões do SMT.

3.5.4.2.1 Do abandono à eternidade

Quanto à Etimologia, o termo “Cambaracê significa em guarani: onde o negro chorou” (Campestrini *et al*, 2014, p.64). Era uma clara referência à maioria escrava de origem africana que compunha a Força Expedicionária, principalmente no nível das praças (Toral, 1995).

Todo o sofrimento dos coléricos abandonados não poderia jamais ser relegado ao esquecimento. “Em 1926, o Tenente Moreira acompanhado de José Francisco Lopes, filho do Guia homônimo, realizou um reconhecimento em busca de identificar o local conhecido como Mata do Cambaracê” (Lima; Silva, 2019, p.43).

Localiza-se “a matta de Cambaracê numa baixada. É cortada por uma sanga ou vasante que só tem agua durante as chuvas, na direcção geral de O. e pela estrada que vae de Nioac a Bella Vista, em rumo N.-S. O cerrado desenvolve-se mais para E. desta estrada e em direcção S” (D’Angrogne, 1926, p. 383).

Chegando ao local, foi buscado meio de fortuna para a demarcação daquele espaço. Segue o relato: “procurei uma arvore ainda verde e de madeira forte, que estivesse bem visível. Encontrei á entrada, lado de Nioac, á margem da estrada uma grande *brauna*⁴⁷. Fiz lavar no tronco uma face de um metro de comprido por 25 cm de largura e ahi entalhar o nome do cerrado” (*ibidem*).

A partir desse momento tal árvore passa a ser ícone da memória dos mártires do Cambaracê. Esta árvore, provavelmente, não foi contemporânea aos fatos. Porém, nasceu sob os restos mortais dos abandonados que não tiveram nem mesmo o direito a um sepultamento. Este contexto nos faz crer que, um pouco de alguns daqueles que ali deram seu último suspiro formou as fibras deste lenho histórico.

No final do século passado, o tronco se encontrava em avançado estágio de decomposição. Sendo assim, foi retirado de lá (Dalmolin, 2018). Ele foi recuperado parcialmente, envernizado, integrando atualmente o acervo da Sala de Exposição da Retirada da Laguna (SERL), em Jardim (MS) (Figura 22). Este equipamento cultural é administrado pela 4ª Companhia de Engenharia de Combate Mecanizada.

⁴⁷ A Braúna-Preta (*Melanoxylon brauna*) é encontrada na Mata Atlântica, na Caatinga e no Cerrado (Carvalho, 2010). A “brauna vem do tupi ibirá-una, que quer dizer ‘madeira-preta’” (*ibidem*, p. 89). É uma espécie ameaçada de extinção (Santos *et al*, 2020).

Figura 22. O lenho do Cambaracê em dois momentos: por ocasião de sua retirada do sítio histórico (à esquerda); condição atual, verificada no acervo da SERL (à direita).



Fonte: arquivo do autor.

Voltando à Retirada, do dia 26 para 27 de maio, a Coluna Camisão prossegue em direção à sede da Fazenda Jardim. Porém, a Cólera permanece sua marcha fúnebre nos sertões do SMT.

3.5.4.3 Um cemitério para os heróis

Passado o dramático abandono dos coléricos, a Força Expedicionária segue em direção à sede das terras de José Francisco Lopes. Lá, no pouso do Velho Guia, a expectativa era de obter um pouco de refrigério diante do penoso cotidiano da Retirada. No entanto, assim como a tropa, a epidemia também era itinerante. Só que agora, a enfermidade ceifaria a vida de personagens cruciais para a tropa até ali.

Desde o dia 13 de maio, fortes chuvas elevaram o nível do Rio Miranda, que devido à tamanha força de suas águas, impediram a transposição do curso d'água. Daí, foi necessário fixar acampamento na margem esquerda, de 27 até 31 de maio (Taunay, 1874).

“Alguns, desesperados com os efeitos do cólera, em busca de alcançar (...) o alívio nas doces laranjas de Lopes, jogaram-se na água e foram levados pela correnteza. Nem mesmo o traçado meandrante do Miranda foi capaz de arrefecer a violência das águas” (Lima; Silva, 2019, p. 28).

O primeiro a sucumbir foi o José Francisco Lopes⁴⁸.

Voltava pouco depois colocar-se nos ao lado, pálido e como exausto do cansaço, dominando-se, contudo. Sob os nossos olhos se dilatavam a sua imensa propriedade⁴⁹; assinalou-nos diversos pontos, por ele consagrados pelas recordações da vida plácida que ali fora sua. Naquele ponto, ao longe iam as suas vacas beber a água em um solo nítido. Em outro encontrava o seu gado, do qual parte era meio alçado, pastagens das melhores que o detinham ou logo fazia voltar. Outros lugares despertavam-lhe imagens de cenas patriarcais; dominava-o febril expansão que não conseguia reprimir (Taunay, 2006, p. 151).

Em 27 de maio, “sem voz, o Coronel Camisão carregado sobre um reparo de peça, Lopes sobre outro e o Tenente-Coronel Juvêncio⁵⁰” (*ibidem*, p. 153). Para qualquer tropa em iminência de combate, ter o Comando em condições tão frágeis, é desestimulante. Porém, as más notícias se aprofundariam.

“Via-se, à margem oposta, a casa do guia (...). No momento de ali chegar, expirou o nobre velho (...). Foi enterrado no meio do nosso acampamento, em terra que era a sua” (*ibidem*). À semelhança da figura bíblica de Moisés, o Guia não entra na sua “Terra Prometida”, o oásis tão sonhado, a sede da Fazenda Jardim.

Determinou-se o ponto do pouso: No meio da Mangueira de Lopes⁵¹. Estava a findar o desempenho completo da missão do velho Guia e este dever parecia ser o último liame que a vida o prendia. Dissera-nos algumas horas antes: ‘Reparem neste campo verde-escuro; é o meu retiro. Não chegarei até lá. Os Senhores é que breve estarão em Nioac’ (Taunay, 2006, p. 152).

⁴⁸ Nascido em 26 de fevereiro de 1811 na atual São Roque de Minas em Minas Gerais. Dessa forma, guiou a tropa e morreu aos cinquenta e seis anos, em 1867 (Nascimento, 2007).

⁴⁹ “Segundo a Escritura de Terra, do ano de 1905, consta a área com uma metragem de mais de 42.000 hectares” (Dalmolin; Souza, 2011, p. 27).

⁵⁰ Era o Imediato, o equivalente na atualidade, ao Subcomandante da tropa (Taunay, 1874).

⁵¹ “Sede da outra parte da Fazenda, mais tarde foi escriturada pelo nome de Fazenda do Prata” (Dalmolin; Souza, 2011, p.27). Somente em “1874, registramos (...) o traslado dos restos mortais do Guia Lopes para junto aos dois Comandantes” (*ibidem*, p. 34), no atual Cemitério dos Heróis da Retirada da Laguna.

Dois dias depois, o Coronel Camisão deu seu último suspiro. Porém, antes de se entregar à morte, deixa a sua última ordem.

No dia 29 tornou-se evidente que o coronel morria. O sofrimento tinha por varias vezes dominado essa dignidade que elle tanto zelara: « Já que dizem que a água é «mortal, dizia, dê-m'a; quero morrer! » Caiu em um estado de torpor e de somnoleneia; o corpo cobriu-se-lhe de manchas roxas. As sete horas e meia fez um esforço supremo; levantou-se do couro em que estava deitado, apoiou-se no capitão Lago e perguntou-lhe onde estava a columna, repetiu ainda que a salvara; depois, voltando os olhos já vidrados para o seu camarada: « Salvador, disse com voz de commando, dá-me a minha espada e o meu revolver. » Tentou afivellar o talim, e nessa mesma occasião, deixou-se cahir no chão, murmurando: « Mandem seguir as forças, eu vou descansar » (Taunay, 1874, p.193).

O Coronel Juvêncio não deixou seu Comandante sozinho no campo de batalha celeste. Logo em seguida, foi também vencido pela Cólera.

O nosso chefe Juvencio Cabral de Menezes foi salteado pela enfermidade de modo sensivelmente fraco, mas não houve como tratá-lo por falta de medicamento e cuidados de regimen (...). De manhã, o misero estava todo desfigurado, a ponta do nariz fina, puxada para baixo pelos dedos da morte, os olhos encovados com grandes círculos roxos, cyanoticos. A voz era um fiozinho de falsete, a voz característica dos cholericos (...). Que tarde sombria essa de 29 de Maio! Ameaçava chuva e as pressas entregamos a terra os cadaveres do Camisao e do Juvencio, cujas ossadas foram, em 1874, reconhecidas por causa dos botões das fardas de artilharia e engenheiros (Taunay, 1927, p. 138-141).

Após a partida de três grandes personagens da Retirada, a tropa, com o arrefecimento da força das águas, transpôs o Rio Miranda. Entre o dia 31 de maio e 1º de junho, chegam à sede da Fazenda Jardim. De lá, sob o comando do Major José Thomaz Gonçalves, partem em direção à Nioaque (Taunay, 1874).

À esta altura, o efetivo já era reduzidíssimo, o Corpo de Artilharia estava dizimado, as carretas de boi já não mais existiam. A Banda de Música, fundamental para a manutenção do moral elevado da tropa também, estava desmantelada: restavam alguns clarins e tambores. Intactos apenas os canhões e as bandeiras (Guimarães, 1999).

Após este período, os sobreviventes chegam até a margem direita, sede da antiga Fazenda Jardim, e de lá prosseguem até a localidade de Porto Canuto (atual Anastácio), de onde a coluna se dispersou (Taunay, 1874).

3.5.4.3.1 Da Catacumba de Camisão ao cenotáfio: o Cemitério dos Heróis

O último espaço onde estiveram ícones da Retirada teve um longo processo de produção e construção simbólica. Ainda em 1873, foi descrito como local das “sepulturas daqueles dous officiaes uma lapide comemorativa, abrangendo também a sepultura de José Francisco Lopes, o abnegado guia da expedição” (Mendonça, 1967, p. 283).

“Os desgraçados chefes repousam na margem esquerda do rio Miranda a pouca distancia da entrada da mata na altura em que está, na margem direita, a estância do Jardim” (Taunay, 1874, p. 194). Apenas em 1874, os restos mortais do Guia Lopes, falecido e sepultado no trajeto entre o Cambaracê e o Passo do Jardim, foram trazidos para junto do Comandante e Imediato da Força Expedicionária.

A “comissão de limites (...), cumpriu o piedoso encargo de reconhecer os restos do comandante e immediato da columna (...)” (D’Angrogne, 1926, p. 376). O General Malan, figura histórica de grande importância, descreve esta iniciativa. “A declaração do Visconde de Maracajú é categórica: ergueu um monumento sobre o tumulo Camisão-Juvêncio; trasladou para uma sepultura de pedra e cal os restos do Guia – que fora, (..), inhumado quase sobre a estrada, a uns 50 metros do cemitério” (D’Angrogne, 1926, p. 384).

Em 1905, tivemos a passagem do então Major Cândido Mariano da Silva Rondon, no contexto da “Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, também conhecida como ‘Comissão Rondon’”⁵² (Lima; Silva, 2019, p. 31). Nesta ocasião, aquele ponto era descrito como sendo as “sepulturas do Coronel Camisão, Juvêncio e do Guia” (Dalmolin; Souza, 2011, p. 31).

É interessante observar, neste contexto de construção simbólica, a intenção “de passar a linha telegráfica exatamente em frente ao cemitério (...), próximo à bifurcação entre os rios Miranda e Cachoeirinha, deixando claro sua pretensão” (Lima; Silva, 2019, p. 32) de eternização daquele espaço.

Destaca-se aqui a materialização do poder simbólico, de “construção da realidade” (Bourdieu, 1989, p. 9). Não havia a necessidade de se passar a linha telegráfica exatamente por ali. Todavia, buscou-se com esta medida garantir a perpetuação de um sentido específico àquele “espaço”.

⁵² Este empreendimento objetivava “estender uma linha telegráfica entre as cidades de Cuiabá e Porto Velho, às margens do Rio Madeira, atualmente localizadas respectivamente nos estados de Mato Grosso e Rondônia” (Domingues, 2010, p. 1).

“O poder simbólico, (...), pode fazer uso de elementos espaciais, representações e símbolos, constituindo uma identidade territorial” (Saquet; Briskievicz, 2009, p.6). A propósito, o Território e o Espaço vivido são conceitos muito próximos, intrínsecos mutuamente.

Tanto que este simbolismo comprova que o CHRL é um exemplar do Espaço vivido, como já visto anteriormente. Não compreendendo apenas a sua dimensão física, mas também todo o imaginário coletivo de quem o habita: com seus signos e representações (Lefebvre, 1991).

Esta construção é formada pelas experiências e percepções cotidianas dessa população, que moldam a forma como ela vê e interpreta o Espaço. Ocorre que o Cemitério vai além: ele não só se relaciona com a história dos que ali habitam, ele é a história de cada um deles.

Prosseguindo, em 1925 é feita a referência ao local como sendo lócus dos “túmulos de Camisão, Juvêncio e Guia Lopes” (Pereira, 1925, p. 43). Em 1926, é relatado um “pequeno cemitério existente á margem do rio Miranda, conhecido por *Catacumba de Camisão*” (D’Angrogne, 1926, p. 385).

“O Tenente Luiz Moreira em seu relatório ao General Malan, após os reparos efetuados em 1927, trata o local pela denominação de Cemitério e Campo Santo” (Dalmolin; Souza, 2011, p. 31). A alcunha de Cemitério acaba por prevalecer, identificando o espaço até os dias de hoje.

A partir dos anos de 1940, com o advento da “fundação (...) de Guia Lopes da Laguna, Jardim e a presença da instituição Militar da antiga CER/3⁵³, o local passou a ser visitado e cultuado (...), adquirindo a denominação que configura atualmente por Cemitério dos Heróis da Retirada da Laguna” (*ibidem*).

Durante os anos seguintes à guerra, o abandono da área foi relatado por Pereira (1925) e D’Angrogne (1926) (Figura 23). Durante a Era Vargas (1930-1945), mais precisamente durante o Estado Novo⁵⁴, foi construído e inaugurado um monumento. O intuito era disponibilizar um local onde os heróis pudessem repousar de forma digna.

⁵³ A Comissão de Estradas de Rodagem nº 3 (CER-3) implantou o modal rodoviário no SMT. Destacam-se as obras da BR-262, BR-267 e BR-419 (Lima; Mattos, 2018).

⁵⁴ A Era Vargas divide-se em “Governo Provisório (1930-1934), Governo Constitucional (1934-1937) e Estado Novo (1937-1945)” (Comiran, 2020, p. 66).

Figura 23. Abandono do “Campo Santo” na década de 1920.



Fonte: Pereira, 1925, p. 44-45.

Entre 1940 e 1941, os restos mortais existentes no Cemitério foram trasladados para o Rio de Janeiro, onde foram depositados no Mausoléu aos Heróis de Dourados e da Retirada da Laguna. Este monumento é situado na Praça General Tibúrcio, na Praia Vermelha, bairro da Urca, Rio de Janeiro (Dalmolin; Souza, 2011).

Dali em diante, oficialmente, não existe mais nenhum corpo sepultado. Aquele espaço se transmuta em cenotáfio⁵⁵. São preservadas as sepulturas dos militares e do Guia, além do túmulo de João Lopes, um dos filhos de José Francisco Lopes, erigido já no século XX.

No Cemitério dos Heróis da Retirada da Laguna (CHRL), foi preservada, ainda, a lápide de mármore⁵⁶, erigida ainda em 1874, pelo Visconde de Maracaju, trazendo o texto a seguir.

A' MEMORIA dos Benemeritos Cel. Carlos de Moraes Camisão e Tt.e. Cel. Juvencio M. Cabral de Menezes Comte. e Imto dais forças em operação ao sul desta Provincia

⁵⁵ “Monumento fúnebre erigido em memória de alguém cujo corpo não se encontra ali sepultado”, segundo o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cenot%C3%A1fio/>. Acesso em: 17 out. 2022.

⁵⁶ Os corpos do Coronel Camisão e do Tenente-Coronel Juvêncio foram colocados numa “sepultura baixa, uma simples caixa rectangular, de ardósia cinzenta, esburacada nos cantos, com uma placa de marmore medindo 98 por 129 centímetros” (Pereira, 1925, p. 43).

Fallecidos na memorável retirada das mesmas forças em 29 d'e Maio de 1867 O Governo Imperial mandou erigir este Monumento em 1874 (Pereira, 1925, p. 43).

Somente em 2006, a área do Sítio Histórico é doada ao Exército Brasileiro. Foi feita “a assinatura do termo de doação das terras, pela Senhora Iva Maciel Monteiro onde está assentado o CHRL” (Dalmolin; Souza, 2011, p. 83). Este evento se deu durante “a Quarta Marcha da Retirada da Laguna, (...) feita ao comandante da 4ª Companhia de Engenharia de Combate Mecanizada, Major Mauri Félix” (*ibidem*).

Porém, somente dez anos depois foi finalmente reconhecido como Patrimônio Cultural. A “Portaria nº 127, do Ministério da Cultura, de 30 de agosto de 2016, que homologou o tombamento do cemitério, define aquele espaço como ‘lugar onde estiveram sepultados o Guia Lopes, o Coronel Camisão e o Coronel Juvêncio (...)’” (Lima; Silva, 2019, p. 34).

Figura 24. Imagem atual dos túmulos do CHRL.



Fonte: arquivo do autor.

Enfim, podemos observar que as condições de saúde e doença na Retirada estabeleceram a diferenciação do Espaço em sua condição originária, em diferentes “espaços”. Daí podemos atestar ser o Espaço esse “conjunto de formas que, num determinado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (Santos, 2017, p. 103).

Uma natureza não mais intocada: cênica, idealizada, patogênica. Base material da produção espacial peculiar efetuada pelos mártires da Retirada da Laguna. Se formos elencar os protagonistas deste evento, as doenças jamais podem ser consideradas coadjuvantes.

3.5.5 Retirada: produção espacial epidêmica

A Retirada da Laguna é inovadora na perspectiva de estabelecer um processo de produção espacial epidêmica: tendo como base a propagação de doenças, especialmente a Cólera. É intrigante observarmos este fenômeno que marca este evento tão peculiar no contexto da Guerra da Tríplice Aliança, que é a jornada da Força Expedicionária ao SMT.

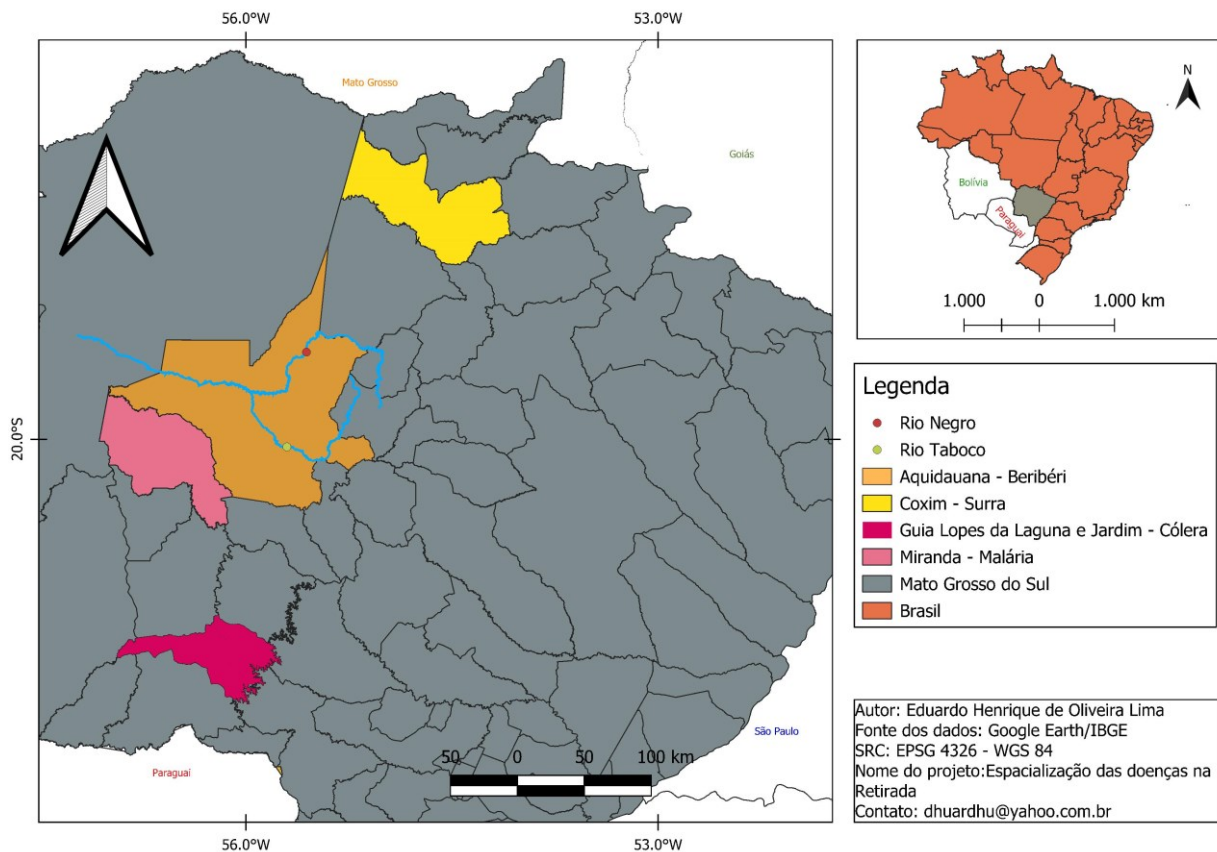
É fato que “não existe apenas uma única maneira de interpretar e focalizar a ‘produção do espaço’” (Souza, 2013, p. 40). Majoritariamente, condiciona-se a análise da produção espacial às perspectivas economicista e materialista (*ibidem*). Contudo, ela supera esta visão reducionista.

Podemos aqui voltar ao conceito de poder simbólico: aquele que tem o “poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo” (Bourdieu, 1989, p.14).

Por mais simbólica, subjetiva, transcendental que possa parecer, a produção espacial epidêmica é efetivada no espaço do SMT. Existem sítios históricos fundamentais para a compreensão da Retirada da Laguna, que possuem profunda relação com a doença, mais especificamente, a Cólera, como pode se observar na Figura 25⁵⁷.

⁵⁷ Não foi incluída a incidência da Varíola pelo fato de que ela ocorreu no momento em que a Força Expedicionária, estava ainda em formação. Era um período anterior a janeiro de 1867 com a tropa se deslocando entre São Paulo e Minas Gerais. Dessa forma, encontrava-se fora tanto do recorte espacial bem como do recorte temporal adotado.

Figura 25. Espacialização das doenças na Retirada da Laguna.



Fonte: produzido pelo autor.

Ainda em Coxim ocorreu a Surra, que dizimou a cavalaria da tropa imperial. A partir daí, a mobilidade dos expedicionários ficou gravemente prejudicada. Ademais, a gaderia foi sobrecarregada em virtude da ausência dos cavalos.

Os equinos, durante a guerra, eram usados para transportar além de pessoas, cargas leves, como alimentos, água e alguns doentes. O gado que já tinha a responsabilidade de condução das carretas, arrastando por distâncias colossais canhões, além de toda a sorte de materiais não suportados pelos cavalos, foram onerados ainda mais. Além da Cavalaria ter ficado a pé, literalmente, os bois foram majorados em seu sofrimento (Taunay, 1874).

Entre os rios Negro e Taboco, no atual município de Aquidauana, tivemos a Beribéri, que ceifou a vida do então comandante da Força Expedicionária. Fato que fez com que o Coronel Camisão assumisse a tropa a partir de Miranda, conforme já relatado. Esta substituição pode, em um primeiro momento, parecer um fato corriqueiro, sobretudo em um contexto bélico.

Porém, qualquer um que possua um mínimo conhecimento das peculiaridades da caserna, sabe que a personalidade de quem está em posição de comando é determinante para os

rumos da fração que se encontra sob sua responsabilidade. Isto vale para a realização tanto das tarefas administrativas mais simples, bem como para uma realidade de conflito deflagrado. As motivações pessoais do Comandante da Coluna já foram destacadas neste trabalho, não restando dúvida de sua influência nos rumos tomados.

Em Miranda temos uma doença exótica, estranha ao SMT. Porém, é provável que a Malária já tenha sido inoculada a partir da origem dos artilheiros que trouxeram os canhões do Amazonas. A média assustadora de quatro centenas de mortes diárias pode ser explicada pelo ambiente úmido conjugado às altas temperaturas, condições favoráveis à proliferação de insetos, panorama característico do espaço amazônico. Tudo isso já apontado ao longo do trabalho.

Entre Jardim (MS) e Guia Lopes da Laguna (MS), entre o Cambaracê, o Cemitério dos Heróis e a sede original da Fazenda Jardim tivemos a Cólera materializada de forma tangível e intangível. É fato que os primeiros casos foram registrados ainda em 10 de maio, nas imediações de Bela Vista, em consonância com o apontado anteriormente. Porém, foi nas terras de José Francisco Lopes que o *cholera morbus* foi eternizado pelo seu auge mortífero e seu fim nos laranjais irrigados pelo Rio Miranda.

Sendo assim, ficam evidentes algumas questões. Em primeiro lugar, a variedade do dimensionamento através da qual a produção espacial se manifesta. Isto porque o “termo ‘produção’ é suficientemente amplo e plástico para comportar essa multiplicidade de dimensões” (Souza, 2013, p. 41).

Em segundo lugar, a trajetória da Coluna Camisão foi limitada/condicionada pelas conjunturas de saúde e doença. Diferentes pontos do deslocamento foram marcados pela incidência de doenças, deveras favorecida pelas péssimas condições sanitárias da tropa. Concomitante, o deslocamento da tropa contribuiu para a propagação de doenças, com destaque para a Cólera.

A seguir, podemos destacar que o meio inóspito enfrentado (terreno), seja no Cerrado nativo ou no Pantanal, influenciou para que decisões controversas fossem tomadas. As grandiosas baixas em uma tropa em retirada, em um ambiente tão hostil foi determinante para a ocorrência do Cambaracê.

Por fim, as intempéries climáticas foram limitadoras do avanço da tropa. A existência do Cemitério dos Heróis enquanto “espaço” produzido pela Retirada é devida às fortes chuvas que detiveram por cinco dias uma tropa ávida pela transposição do curso d’água do Miranda.

Este é apenas um exemplo. Poderíamos citar as diversas queixas de Taunay ao microclima de Miranda, ou às bruscas variações térmicas no SMT.

Prosseguindo na reflexão sobre a produção espacial epidêmica da Retirada, é possível lembrar que a produção do Espaço, sob a ótica marxista, atenderia à reprodução contínua do capital (Alvarez, 2019). Toda esta produção do espaço intangível abordada possibilita a reprodução perene do simbólico.

Transcendendo o itinerário representado na Figura 25, a espacialização das doenças em “espaços” como Cambaracê, o CHRL e a antiga sede da Fazenda Jardim (Figura 26), faz com que a produção destes seja perpétua. Um fenômeno evidenciado por quem trilhou estes caminhos.

Figura 26. Imagem atual do local em que funcionava a sede da Fazenda Jardim⁵⁸.



Fonte: arquivo do autor.

⁵⁸ Este sítio histórico fica em propriedade situada às margens da Rodovia MS-382, situada entre Guia Lopes da Laguna (MS) e Bonito (MS). Este espaço é conhecido como “Comitiva Sertaneja”.

A cada revitalização, a cada visita, a cada pesquisa, a cada aula, a cada evento, a cada trecho da tradição oral passado adiante, os acontecimentos ali ocorridos revigoram estes “espaços” produzidos, atualizam seus simbolismos.

Por outro lado, estes possuem diferentes significados, concretizados a partir da visão que cada pessoa atribui. Cada um, através de sua cosmovisão e a depender do seu nível de identificação com cada um destes sítios históricos, terá moldada e modulada sua relação simbólica com estes.

Daí, podemos inferir que, concomitantemente, a “produção do espaço pode se referir tanto à sua (re)produção, (...), quanto à emergência de novas significações, novas formas e novas práticas (...)” (Souza, 2013, p. 42). Ambos os processos se retroalimentam, reforçam-se, materializando a marcha inexorável destes “espaços” há mais de 150 anos.

Todo este simbolismo tem gênese em uma produção espacial epidêmica: a doença é determinante na produção de novos “espaços”, a partir de seus fluxos e fixos simbólicos ou tangíveis. Este protagonismo da doença enquanto produtora do Espaço é efetivo, pelo fato de que os “atores são assim chamados na medida em que agem, não sendo necessariamente um indivíduo” (Vanacor, 2020, p. 20). O Cambaracê, o CHRL e a sede da Fazenda Jardim, foram produzidos em decorrência da ação patogênica.

No caso do abandono dos coléricos na Mata do Cambaracê, com mais de uma centena de enfermos terminais e a perspectiva da continuidade da disseminação da doença, uma difícil decisão precisava ser analisada. No exato momento em que se chegou à conclusão que ao abandonar aqueles que se encontravam em condições terminais seria dada chance de sobrevivência aos ainda saudáveis (Taunay, 1874), aquele recorte espacial foi apropriado. Assim foi produzido o espaço do Cambaracê.

No caso do CHRL, a tropa fica detida junto à margem esquerda do Rio Miranda, em ponto oposto à então sede da Fazenda Jardim, durante cinco dias, por conta de fortes chuvas que elevaram o nível do leito e provocaram fortíssima correnteza. A transposição do curso d’água pela tropa, em um primeiro momento, foi inviabilizada por questões climáticas e hidrológicas (*ibidem*).

No entanto, aquele recorte do espaço se tornou o Cemitério dos Heróis, pela tríade que tombou por conta da doença. O Guia Lopes faleceu dois dias antes da chegada a este local. Sendo posteriormente seus restos mortais trazidos para próximo do Comandante Coronel

Camisão e do Imediato, Tenente-Coronel Juvêncio (Dalmolin; Souza, 2011). Mais uma vez a doença sendo determinante para a produção espacial.

Por fim, a então sede da Fazenda Jardim, também teve no patógeno o fator determinante. Ainda que a intenção do Guia Lopes fosse alcançar a sede da sua propriedade, na esperança de obter algum refrigerio, não havia muito a se encontrar. Os paraguaios já haviam levado toda e qualquer espécie de suprimento a ser aproveitado pela Força (Taunay, 1874).

Os laranjais foram os únicos atrativos poupados pelos inimigos. Os sobreviventes, ainda impactados pela Cólera, recobriram suas forças ao consumir as laranjas. Estas eram “devoradas com casca e tudo, tal era a fome e sede (...). A sua maturidade e doçura convidavam além disso ao abuso pelo que o principio medicinal, que reside na essência da fructa obrou mais eficazmente: a epidemia diminuiu, e quasi cessou” (*ibidem*, p. 196).

Ou seja, estes três “espaços” perfazem uma dimensão peculiar da produção espacial: a espacialização epidêmica. A epidemia de Cólera os produziu, sendo que seus significados transcendem o próprio Espaço e o Tempo. Estes recortes perpetuam-se por conta da envergadura de suas relevâncias para a identidade sul-mato-grossense até os dias de hoje.

Tamanha magnitude desta produção espacial torna também a formação territorial um processo singular.

3.5.6 Do Espaço vivido ao Território

Este trabalho evidencia a íntima relação entre o Espaço vivido e Território. Considerando a anterioridade do Espaço em relação ao Território (Raffestin, 1993), o Espaço vivido seria a dimensão espacial indutora do processo de Territorialização: a construção/produção do Território.

É sabido que o “território é uma reordenação do espaço na qual a ordem está em busca dos sistemas informacionais dos quais dispõem o homem enquanto pertencente a uma cultura” (Raffestin, 1988, p. 272). Ou seja, o homem ao buscar organizar o seu entorno, sendo pertencente a uma cultura, desenvolve uma gama de conhecimentos, valores, crenças, normas e símbolos, influenciado por determinada visão de mundo. Isto permite aos indivíduos compreender e interagir no Território em elaboração.

Esta sistematização do Espaço, que irá construir/produzir o Território, fará com que este desenvolva três dimensões: jurídica e política; econômica; cultural (Haesbaert; Limonad, 2007).

Território da/na Retirada as contempla claramente: tem origem de uma disputa jurídico-política (embate entre países pelo controle da navegação da Bacia do Prata), com desdobramentos econômicos relevantes (dominar esta hidrovia fundamental para o escoamento da produção das Nações Platinas possibilitaria grandes ganhos monetários); possui significativa expressão cultural (a guerra também reverbera no plano simbólico, no imaginário e nas Territorialidades produzidas).

Outro ponto de destaque consiste no fato que ocupar um Território consiste em um fato “gerador de raízes e identidade, ou seja, um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto” (Souza, 2000, p. 84). Este estabelecimento de vínculos com o Espaço tem um sentido de apropriação. Ao viver no Espaço imprime nele suas marcas, seus vínculos, aquilo que seus habitantes são, a forma como se reconhecem.

Logo, em um primeiro momento, a partir/através da vivência do Espaço da/na Retirada temos nele a projeção das identidades socioculturais ali existentes, materializando a dimensão espacial conhecida por Espaço vivido. Tais identidades vívidas ao se apropriarem do Espaço vivido são induzidas por este à configuração do Território. As vivências espaciais transmutam-se em Territorialidades.

Vale destacar que a Territorialização “inclui a vivência concomitante de diversos territórios (...), ou mesmo a construção de uma territorialização **no e pelo movimento**” (Haesbaert, 2007, p. 20, **grifo nosso**). A trajetória da vivência do Espaço na/da Retirada, induziu a uma Territorialização (apropriação) itinerante. À medida que a tropa se deslocava, as doenças se alastravam, novos “espaços” foram sendo produzidos e o Território sendo produzido, imprimindo nele Territorialidades delineadas pelas enfermidades.

Vale pontuar que “a territorialidade, (...) seria composta de três elementos: senso de identidade espacial, senso de exclusividade, compartimentação da interação humana no espaço” (Soja, 1971, p.34 *apud* Raffestin, 1993, p.162). A indentidade territorial/territorializada apresenta três vertentes inescapáveis desta análise.

O senso de identidade espacial consiste na percepção simultânea de que um determinado recorte espacial pertence a um determinado grupo ou indivíduo e que este conjunto de pessoas pertence a esta parcela do Espaço. É aquilo que conhecemos como sentimento de pertencimento. Pode ser construído a partir de fatores como a história, a cultura, a religião ou a língua de um povo.

O senso de exclusividade, por sua vez, é a crença de que um determinado espaço só pode ser utilizado por um determinado indivíduo, grupo ou ente estatal. Tem relação direta com o conceito de Soberania. Esta, por sua vez, é o exercício da propriedade privada exercida por um Estado sobre um recorte espacial que entende por seu Território. Esse senso de exclusividade pode ser expresso de diferentes maneiras, como por meio de legislações, tradição, costumes ou símbolos.

A compartimentação da interação humana consiste na divisão do Espaço em diferentes áreas, cada uma com suas próprias regras e normas. Indo ao encontro a concepção clássica do Território, consagrada por Ratzel. É curioso destacar que mesmo nesta corrente mais tradicional, a influência cultural é relevante.

Friedrich Ratzel (*apud* Haesbaert, 2003, p. 14) entende haver um “‘laço espiritual’ ou uma ‘ligação psicológica’ ao solo (...) é criado ‘no costume hereditário da co-habitação [que ‘dá nascimento ao sentimento nacional’], no trabalho comum e na necessidade de se defender do exterior.’”

Deste vínculos dos membros de um povo ao solo “onde jazem os restos das gerações precedentes, [...] surgem os laços religiosos com certos lugares sagrados, laços muito mais sólidos do que o simples costume do trabalho comum” (Ratzel, 1988, p. 22 *apud ibidem*). Por fim, essa compartimentação pode ser expressa de diferentes maneiras, como por meio de fronteiras físicas, fronteiras simbólicas ou fronteiras sociais.

Esses três elementos estão interligados e se reforçam mutuamente. O senso de identidade espacial é necessário para que o senso de exclusividade seja possível. A compartimentação da interação humana no espaço é uma forma de expressar o senso de exclusividade e o senso de identidade espacial.

A Territorialidade é um fenômeno complexo que pode ser observado em diferentes escalas, desde o nível individual até o nível global. Ela está presente em todas as sociedades humanas, e desempenha um papel importante na organização do espaço e na interação social.

Neste sentido, é evidente que a vivência do Espaço epidêmico em movimento é um dos componentes da singularidade da Retirada. Este Espaço vivido, vívido e vivenciado é o ponto de partida para o advento do Território, efeito próprio da Territorialização do Espaço.

Se a produção do Espaço da Retirada é de natureza diferenciada, a consequente Territorialização não seria trivial. O agente apropriador/territorializador do Espaço epidêmico

da Retirada é o complexo patogênico, o conjunto de enfermidades que teve a Cólera como seu maior expoente. A vivência espacial é o caminho que conduz ao Território.

Neste sentido, temos o modelo sindêmico, que destaca o papel dos fatores sociais no agrupamento e na interação das doenças, sublinhando a necessidade de uma abordagem mais holística da saúde (Tsai *et al*, 2017). Este conceito, tal como proposto por Singer *et al* (2017), é uma abordagem holística da saúde que considera a interação entre as doenças e os seus determinantes sociais e ambientais. Ele desafia a visão tradicional das doenças como entidades separadas e enfatiza a necessidade de abordar sistemicamente os fatores que contribuem para o agrupamento de doenças e a vulnerabilidade dos infectados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Retirada da Laguna é simbólica por natureza. Porto Canuto marcaria o fim ou o começo dessa marcha no inconsciente coletivo sul-mato-grossense? É difícil determinar. Acerca deste evento marcante, existem mais perguntas do que respostas. Seu horizonte de sentido é amplo, repleto de significados: seja como contingência da Guerra da Tríplice Aliança, bem como evento da produção do Espaço através/ a partir do Território Sul-mato-grossense e nacional.

Este trabalho buscou analisar aspectos geohistóricos da Retirada da Laguna a fim de entender como o meio, as intempéries climáticas e as doenças que acometeram a tropa impactaram nas decisões tomadas na guerra, a partir da identificação de elementos produzidos no Espaço.

A produção espacial é um processo orgânico, permanente, acessível a todos os habitantes do Espaço. Ainda que não haja intenção, cada indivíduo está inserido neste processo. Novos “espaços” podem ser/são produzidos a qualquer momento, sobretudo se considerarmos não apenas a realidade objetiva, mas também todo o plano simbólico.

Cada recorte espacial se transmuta em um novo “espaço” de acordo com novos significados atribuídos na vivência cotidiana de seu povo. Não cabe a nenhum teórico restringir ou estabelecer uma elite de agentes produtores espaciais. É um grandioso equívoco ignorar a vivência do Espaço como força preponderante neste processo.

A Retirada não apenas perpassa, ela transpassa a pedra e o cal. Ela prova que os fixos, bem como seus fluxos são tangíveis e intangíveis. Estes, por sua vez, são reflexos um do outro em suas respectivas realidades, retroalimentando-se, transcendendo qualquer lógica ou senso comum.

Dentro destes elementos produzidos no Espaço, são destacados novos “espaços” produzidos epidemicamente: Cambaracê, Cemitério dos Heróis e Fazenda Jardim. Foram utilizadas nestas análises as seguintes dimensões espaciais lefebvrianas: Espaço percebido (praticado); Espaço concebido (representado); Espaço vivido (simbólico).

Comprovou-se que esta última dimensão está intimamente ligada à apropriação do Espaço em si. As identidades desenvolvidas no Espaço vivido por seu povo serão ingredientes da Territorialização espacial, produzindo o próprio Território.

Durante este percurso, ficou evidente a simbiose entre o Espaço vivido e Território. A apropriação do Espaço, sua vivência diuturna, conduz inexoravelmente ao Território. O Espaço vivido é o liame, o elo entre as categorias Espaço e Território.

Ao abordar a simbiose entre estas duas categorias de análise geográficas, no contexto da Retirada da Laguna, este trabalho buscou responder a alguns questionamentos, conforme se segue. De que forma o meio inóspito enfrentado (terreno), seja no Cerrado nativo ou no Pantanal, influenciou para que decisões controversas fossem tomadas? De que maneira as intempéries climáticas foram limitadoras do avanço da tropa? Em que medida o deslocamento da tropa contribuiu para a propagação de doenças, com destaque para a Cólera, por onde passou?

Em busca de respondê-las, foram pontuados alguns tópicos. Primeiramente, a respeito das condições ambientais e sua influência na Retirada da Laguna foram abordados: o calor e o frio: amplitude térmica; os insetos; as enxurradas; os raios durante temporal; a fome. Diversos infortúnios foram relatados, decorrentes destes fatores, integrantes de um ambiente hostil por natureza, agravado pelo fato de a tropa ser formada por forasteiros, majoritariamente.

A seguir, tratou-se acerca das principais enfermidades enfrentadas. Foram pontuadas: a Varíola; a Beribéri; a Malária; a Cólera. A doença foi um inimigo maior do que os próprios paraguaios. A Geografia da Saúde tem no Território da Retirada um amplo campo de pesquisa, considerando que a distribuição espacial das condições de saúde/doença é seu objeto de análise.

No momento seguinte, foi abordada a produção espacial. Foram tratados os seguintes assuntos: a disputa pelo controle da Bacia do Prata; Nhandipá; Cambaracê; o Cemitério dos Heróis; a peculiar espacialização produzida pela/a partir da Retirada.

Ficou evidenciado que a trajetória da Coluna Camisão foi influenciada pelas condições precaríssimas de saúde e doença. Este meio quadruplicamente hostil (clima/ecossistema/doenças/guerra) fez da Retirada este acontecimento único, comparável à Retirada dos Dez Mil de Xenofonte, relatada na obra *Anabásis*⁵⁹.

O meio inóspito (Cerrado e Pantanal nativos somados à questão sanitária) influenciou para que decisões controversas fossem tomadas, sendo seu exemplo maior o Cambaracê. O

⁵⁹ *Anabásis* é uma obra atribuída a Xenofonte, antigo soldado e historiador grego, no século IV a.C. Narra a expedição dos Dez Mil, um exército de mercenários gregos contratados pelo príncipe persa Ciro, o Jovem, em sua tentativa de se rebelar contra o rei Artaxerxes II, seu irmão. O relato detalha os eventos da campanha na Pérsia e o subsequente empreendimento da manobra de retirada pelos gregos, por se encontrarem em grande desvantagem. Esta transcorreu através de territórios hostis, até retornarem à Grécia (Boiteux, 2017).

altíssimo custo cobrado pela Cólera aos ainda saudáveis para a manutenção do impulso da manobra ficou insustentável. Prosseguir daquela forma significaria a morte: pela enfermidade ou pela lança paraguaia. Daí, a opção pelo abandono foi considerada viável.

Outro ponto a ser destacado consiste nas limitações colocadas pelas intempéries climáticas ao avanço da tropa. A principal delas foram as fortes chuvas que mantiveram a Força Expedicionária estacionada na margem esquerda do Rio Miranda. Por cinco dias, foi impossibilitada a transposição do curso d'água devido a violência das águas.

A partir do tombamento de importantes personagens, consumidos pela Cólera, tivemos a concepção de um dos marcos da produção espacial epidêmica: o Cemitério dos Heróis. Seus fixos, materiais e imateriais compõem toda a mística que envolve aquele “espaço”.

As condições ambientais foram limitadoras do avanço da tropa. Neste trabalho foram destacados: calor & frio; insetos; enxurradas; raios, fome. Ainda no contexto da produção espacial, o CHRL decorre das fortes chuvas entre 27 e 31 de maio de 1867.

Tal fato impediu que o Rio Miranda fosse transposto, ainda que momentaneamente, devido à altura e violência das águas. Sendo assim, a tropa foi obrigada a ficar estacionada por aproximadamente cinco dias. Só então foi possível seguir. Neste ínterim, tombaram e foram sepultados personagens ilustres e anônimos.

Este Território banhado pelo sangue de tantos, combatentes e civis, voluntários e agrilhoados; brancos, negros e indígenas, é testemunha de um fato: a propagação de doenças, em especial da Cólera, em função do deslocamento da Coluna Camisão. Ainda que de forma involuntária, o Mato Grosso do Sul, assim como todo o restante do Teatro de Operações, viveu uma guerra biológica. Afinal, vírus, bactérias, fungos e parasitas, foram verdadeiras armas contra todos os envolvidos.

Neste sentido, a Retirada se configurou em complexo patogênico. Ao longo de sua rota de deslocamento, a interação de diferentes patógenos e fatores que contribuíram para além da propagação de doenças, foram determinantes nas nuances da produção espacial no Território do SMT.

Se já era dificultada a mobilidade nos caminhos conhecidos, com a opção pelos caminhos desafiados mata adentro, em decorrência da perseguição empreendida pelos paraguaios, o Cerrado nativo impôs ainda maiores sacrifícios à Coluna. O próprio Pantanal, mais especificamente na altura de Miranda, foi causa de muitas reclamações de Taunay, consignadas em sua obra.

Os fixos materiais vão além dos túmulos e da placa instalada pelo Império. Em 1874, estes são apenas o início de uma série de intervenções ainda em curso. Temos também uma série de relíquias, que seguem sendo encontradas ainda hoje naquelas imediações (ferramentas, botões, peças de armamento e vestuário etc.).

Já os fixos imateriais se desdobram, primeiramente, em aspectos culturais: lendas; crenças; costumes; tradições. Existem também aspectos subjetivos que são também, personalíssimos: sentimentos; emoções; experiências; percepções; preconceitos. Evidencia-se aqui uma dimensão espacial abundante nestes aspectos.

O Espaço vivido conhecido como Cemitério pulsa há mais de 150 anos, contando parcela importante da trajetória do povo sul-mato-grossense. Sua identidade traz cicatrizes ainda abertas que continuam a sangrar no altar do Território do terrível fratricídio platino. Esta identidade territorial amarga, nada mais é do que a expressão da Territorialidade, da vivência espacial da Retirada.

Tratando-se de guerra, é complexo definir uma única motivação para a sua eclosão. Porém, neste caso em particular, a principal razão político-econômica para a escaramuça reside na importância de obtenção do controle fluvial do Prata. Esta conquista implica o Cambaracê, o Cemitério e a antiga sede da Fazenda Jardim, cada um à sua maneira.

São três dos principais “espaços” produzidos pela Coluna Camisão. Grandioso sofrimento materializado nestes locais, diferenciou-os dos demais, fazendo com que além dos monumentos/marcos erigidos, suas coordenadas fossem inapagáveis. Estas, cartesianamente, são bidimensionais (eixos x e y), no caso da Retirada, são bicategoriais (Espaço e Território).

Aqui fica evidenciada uma produção espacial peculiar. Vale destacar que, geralmente, ao lançar o conceito de produção espacial, busca-se trazer a ideia de um fenômeno meramente abstrato. Porém, a Retirada produziu “espaços”, material e imaterialmente.

Mais do que isso, esta produção espacial é peculiar, por ser epidêmica. A epidemia de Cólera, que devastou o Teatro de Operações da Guerra da Tríplice Aliança, produziu “espaços” através/a partir dos rumos percorridos pela Coluna Camisão na porção meridional da Província do Mato Grosso.

Daí, infere-se um outro conceito: o materialismo sanitário. Influenciado por todas limitações e sofrimento impostos pela Cólera, majoritariamente, além de outras doenças. Este conceito aplica-se, uma vez que decisões como o abandono dos coléricos no Cambaracê, tem relação direta com as condições sanitárias. Este fica como uma possibilidade de pesquisa futura.

Outro fator de destaque é o paradoxo inerente ao contexto da Retirada: do abandono do Cambaracê ao refrigério dos laranjais da Fazenda Jardim, a dialética entre o fracasso e a vitória configura a tônica deste evento. Esta dualidade inerente à Retirada faz dela uma alegoria da própria vida.

O simbolismo permeia cada linha da narrativa do brilhante Taunay. Da mesma forma que nossa memória tende a ressignificar os eventos, a Retirada prossegue há mais de 150 anos se ressignificando. Nela, os diferentes dialogam como se fossem iguais. A guerra que seria o auge da desavença, pode sim ser espaço de diálogo, território de conciliação.

Posto isso, é preciso falar da dimensão regional da Retirada. Ela pode e deve ser conhecida, reconhecida, pesquisada, ensinada em sala de aula. Mesmo no Mato Grosso do Sul, a temática é pouco explorada, restrita a uma elite formada por pesquisadores, acadêmicos, militares e aficcionados no tema. Espera-se que este trabalho estimule que o conteúdo seja mais trabalhado em aulas de Geografia, História e demais disciplinas.

A Retirada, antes de ser das doenças é do seu povo. O povo sul-mato-grossense é herdeiro de todo o legado geohistórico, cultural, socioeconômico, político etc. Mais do que um direito, é um dever da escola trabalhar este importante evento da formação espacial no Território do Mato Grosso do Sul.

À guisa de conclusão, este trabalho abordou a produção espacial no Território da Retirada. Foram múltiplos os fatores que limitaram, condicionaram os rumos tomados. A produção do Espaço, debate tão antigo dentro da Geografia, tem nos antigos “espaços” da Retirada sua atualização permanente, há mais de um século e meio.

O Espaço vivido, vivenciado, ressignificado, simbólico no Território em disputa, não é mera abstração. Guerras em andamento no mundo atual nos mostram que os mais diversos vínculos, presentes ou pretéritos, atuais ou resgatados conforme conveniências de momento, são muito significativos no tabuleiro da Geopolítica mundial.

A seguir, será pontuado um dos principais embates em andamento. Vale ressaltar que não se pretende aqui fazer nenhum juízo de valor sobre a legitimidade ou não das ações dos envolvidos, apenas trazê-lo para enriquecimento da discussão.

Destarte, na guerra russo-ucraniana, a visão russa sobre a invasão da Ucrânia é baseada em uma interpretação histórica que remonta ao século IX, quando a Rússia Kievana foi fundada. Tratava-se de um Estado eslavo que englobava a maior parte da Ucrânia moderna, bem como

partes da Rússia, Belarus e Polônia. A Rússia Kievana foi dissolvida no século XIII, mas sua herança cultural e histórica continua a ser importante para os russos.

Na visão russa, a Ucrânia é uma parte integral da história e da cultura russas. Os russos acreditam que os ucranianos são seu povo irmão, e que a Ucrânia é uma parte natural da esfera de influência russa. Ou seja, a Ucrânia seria parte do Espaço vivido russo e por consequência, do Território da Rússia.

Por mais que os ucranianos contestem esta visão, a retomada/ressignificação de todo o simbolismo do lado russo, juntamente a todo o histórico que envolve os povos, faz-se presente neste contexto, em pleno século XXI. Algo que é milenar, antigo e que permanece atual, movimentando as máquinas de guerra em uma época em que se julgava não haver mais possibilidade para isso.

O grande Yves Lacoste tem obra publicada, originalmente, em 1976, com o seguinte título: “A Geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”. Este título segue sendo atual. O Espaço vivido nos mais diversos rincões do Território, nas mais diversas escalas, é ingrediente para se fazer a guerra e os decorrentes rearranjos que consagram a nova ordem mundial, a vigorar dali em diante.

O Espaço vivido do Território da Retirada não fomenta disputas na atualidade, tendo em vista a iminente operacionalização da Rota Bioceânica que envolve Brasil e Paraguai, além de outras obras de infraestrutura como a Ponte da Amizade, sem contar a gigante iniciativa Itaipu Binacional.

Nessa direção, todo o resgate memorialista que se faça das vivências espaciais através/a partir do Território da Retirada é uma retomada da própria identidade sul-mato-grossense. Vale ressaltar que o Território, em um primeiro momento, seria a base material do Estado. Ocorre que o ente estatal tem como condição de sua existência além de suas terras, povo e soberania.

A soberania antes de ser estatal, para ser materializada, é individual. Os vínculos criados, entre os habitantes do Espaço vivido, em suas relações interpessoais, é que garantem a propriedade privada da terra pelo Estado: o seu Território.

Cada vivência espacial projetada no Território produz uma Territorialidade. Esta nada mais é do que a identidade do seu povo territorializado. Se a Guerra da Tríplice Aliança traduz, em grande parte, a essência dos povos platinos, a Retirada traz muito da identidade do povo sul-mato-grossense.

Este trabalho, em parte, é um tributo a todo o legado geohistórico da Retirada. Esta é patrimônio do povo do Mato Grosso do Sul. Este, por sua vez, é patrimônio da Retirada. Patrimônios um do outro, validando-se, conferindo-se, mutuamente, idiossincrasias. Da mesma forma, o Espaço vivido imprime suas marcas no Território, as Territorialidades.

Estas Territorialidades da Retirada, sul-mato-grossenses em seu bojo, congregam as mais diversas vivências pretéritas e contemporâneas. Constroem um Espaço vivido que é, simultaneamente, fugaz e ao mesmo tempo permanente, perpetuando-se a cada novo instante, a cada nova lembrança dessa verdadeira odisseia dos sertões sul-mato-grossenses.

Iniciei esta Dissertação falando da minha vivência com a Retirada. Encerro da mesma maneira, destacando o Espaço vivido da Retirada no Território da minha vida. As Territorialidades produzidas em mim desde o primeiro contato com este episódio, formam a minha própria identidade.

Identidade tem o sentido de diferenciação. Porém, também denota enxergar em algo ou alguém o que reconhece em si: uma igualdade. O que constrói a identidade de uma pessoa, uma comunidade, ou mesmo de uma Nação são, primordialmente, as igualdades que nos vinculam. A Retirada faz parte da minha identidade, diz muito sobre quem eu sou, sobre quem eu venho me tornando, sobre os vínculos que criei desde que cheguei nas terras da lendária Fazenda Jardim.

O Espaço da Retirada vivido no Território de quem eu sou continua me transformando. Já não sou o mesmo de quase oito anos atrás, não sou o mesmo que escreveu a Introdução deste trabalho. Sou também outro que ora escreve estas Considerações Finais.

Da mesma forma que a Retirada se atualiza a partir da produção espacial em andamento permanente, apropriando-se ainda hoje do Território, eu também sigo sendo transformado por este marcante evento geohistórico regional sul-mato-grossense.

Enfim, quanto mais vivencio o Espaço da Retirada, quanto mais penso que me aproprio do seu Território, é ela que se apropria do meu Espaço de vivência, territorializando a minha identidade. Os canhões e as bandeiras que foram defendidos pela Coluna, a preço de muitas vidas, seguem sua marcha vivendo também no meu Espaço, apropriando-se do Território pessoal de quem eu sou. Já não sei onde termina o meu Espaço vivido da Retirada. Não faço ideia de onde começa em mim o seu Território.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Rogério Natal. **A dimensão política do pensamento de José de Alencar (1865-1868). Liberalismo e escravidão nas cartas de Erasmo**. 2013. 185 f. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.
- ALONSO, Gustavo. **Cowboys do asfalto: música sertaneja e modernização brasileira**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2015.
- AGUIAR, Rodrigo Luiz Simas de. (Org.) **Arte rupestre em Mato Grosso do Sul**. Dourados: Ed. UFGD, 2014.
- ALBUQUERQUE, Adenilson de Barros de. **A “palavra armada”: ficcionalizações da Guerra Grande (1864-1870)**. 2020. 199 f. Tese (Doutorado em Letras) – UNIOESTE, Cascavel, 2020.
- AGUIAR, Patricia Figueiredo. “Modernizar, Ordenar, Progredir”: a província do Mato Grosso no contexto do Primeiro Reinado e Regências (1822-1840). *In: X Mostra da Pós-Graduação: Direitos Humanos, trabalho coletivo e redes de pesquisa na Pós-Graduação*. 2018.
- ALGARVE, Bruna Barba; SANTOS, Fabiana de Abreu dos; FREIRE, Luciane Gomes; MELO, Silvia Thais Pereira de; LIMA, Tatiane do Nascimento. Efeito da Sazonalidade em Área de Ecótono Cerrado e Pantanal na Abundância de Insetos. **Revista Pantaneira**, V. 17, UFMS, Aquidauana-MS, 2020.
- ALVAREZ, Isabel Pinto. A noção de mobilização do espaço em Henri Lefebvre. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, v. 23, n. 3, p. 494-505, dez. 2019.
- ALVES, Gilberto Luiz. **Educação e História em Mato Grosso: (1719-1864)**. 3 ed. Campo Grande, Editora da UFMS, 2015.
- ALVES, Gilberto Luiz. Mato Grosso e a História: 1870-1929 (Ensaio sobre a transição do domínio econômico da casa comercial para a hegemonia do capital financeiro). **Boletim Paulista de Geografia**, n. 61, p. 5-82, 2017.
- AMORIM, Marcos Lourenço de. A presença indígena nas rotas bandeirantes e nas monções. **MONÇÕES Revista do Curso de História da UFMS/CPCX**, v. 2, n. 2, 2015.
- ANUTE, Pollyana Furtado; DE PAULA, Iago Sales; DE FARIAS, Cleilton Sampaio. AS CORRENTES FILOSÓFICAS NA GEOGRAFIA DA SAÚDE. **UÁQUIRI-Revista do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Acre**, v. 2, n. 2, p. 16-16, 2020.
- ARIANO, Heloisa Afonso. “Festança” de Vila Bela: tradição, autenticidade, conflitos. **Anuário Antropológico**, v. 46, n. 2, p. 271- 287, 2021.
- AZEVEDO, Suellen Alves de; BRAGA, Geovania Maria Silva; ABREU, Dailson Coelho;

BELFORT, Marcia Guelma Santos; LUCENA, Vanderlene Brasil. Prevalência da Malária no Município de Imperatriz, Região Sudoeste Do Estado Do Maranhão, Brasil. **Revista Saúde e Meio Ambiente**, v. 10, n. 1, p. 60-72, 2020.

BALBINO, Marcelo de Almeida. **Gênese de solos afetados por sais no entorno de uma lagoa salobra no Pantanal da Nhecolândia, Mato Grosso do Sul**. 2017. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Física, Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Brasil, Argentina e Estados Unidos: conflito e integração na América do Sul (da Tríplice Aliança ao Mercosul)**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2014.

BARRETTO, Uiraci Alves Muniz; NOVAIS, Renato Lima; BARBOSA, Frederico Jorge Ribeiro. Uma análise visual da espacialização das descargas elétricas atmosféricas e do comportamento das mortes causadas por raios no estado da Bahia. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 14, n. 04, p. 1909-1923, 2021.

BOITEUX, Nylson Reis. Retirada da Laguna X Retirada dos dez mil. **Verde Oliva**, n. 236, p. 32-33, 2017.

BORGES, Pedro Hurtado de M.; CAVALCANTE, Charles Esteffan; MORAIS; Pedro Hurtado de M.; MENDOZA, Zaíra Morais dos Santos H. de. Demanda e disponibilidade hídrica para a pecuária na microrregião de Aripuanã, Mato Grosso, Brasil: Water demand and availability for livestock in the microregion of Aripuanã, Mato Grosso, Brazil. **Brazilian Journal of Animal and Environmental Research**, v. 5, n. 3, p. 3153-3170, 2022.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa e Rio de Janeiro: Difel e Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. **Decreto 3.926 de 7 de agosto de 1867**. Rio de Janeiro: Império do Brasil, 1867.

BRASIL. **Glossário de termos e expressões para uso no Exército - C 20-1**. Brasília, 2009.

BRASIL. **Manual de Campanha - Operações - EB70-MC-10.223**. Brasília, 2017.

BRAZIL, Maria do Carmo. A invenção dos Campos de Erê. *In*: BRAZIL, Maria do Carmo; DOURADO, Maria Teresa Garritano; CANCIAN, Elaine. (Orgs.). **Campos de Erê: estudos sobre a formação do ambiente rural no Sul de Mato Grosso (1829-1892)**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2017.

CAMPESTRINI, Hildebrando; GUIMARÃES, Acyr Vaz. **História de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1991.

CAMPESTRINI, Hildebrando; MENEZOZI, Arnaldo Rodrigues; LAURINO, Ângela Antonieta Athanázio; JÚNIOR, Francisco José Mineiro. **Enciclopédia das águas de Mato Grosso do Sul**. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2014.

- CARRIERI, Carolina Roberto. **Abordagens inovadoras para o desenvolvimento de vacinas**. 2021. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Farmácia) – Universidade Federal de São Paulo, Diadema, 2021.
- CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e Bordados: Escritos de História e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- CARVALHO, P. E. R. Braúna-preta: *Melanoxylon brauna*. v. 4. *In*: CARVALHO, P. E. R. **Espécies arbóreas brasileiras**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2010. v. 4, p. 87-94.
- CASTRO, J. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro, pão ou aço**. 10. ed. Rio de Janeiro: Antares, 1984.
- CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. *In*: Castro, Iná Elias de; Gomes, GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 89-117.
- COLLIE, Jake T.B; GREAVES, Ronda F.; JONES, Oliver A. H.; LAM, Que; EASTWOOD, Glenn M.; BELLOMO, Rinaldo. Vitamin B1 in critically ill patients: needs and challenges. **Clinical Chemistry and Laboratory Medicine (CCLM)**, v. 55, n. 11, p. 1652-1668, 2017.
- COMIRAN, Vitória. O mundo rural na Era Vargas através de discursos, constituições e processos civis. *In*: MACHADO, Ironita A. Policarpo; TEDESCO, João Carlos; GERHARDT, Marcos. (Org.). **História do Mundo Rural**. Erechim: All Print, 2020, p. 65-82.
- CORDEIRO, Inês Franja. **Cidade (in) formal a tríade espacial de Lefebvre na análise da informalidade no Bairro Cova da Moura**. 2022. 127 f. Dissertação (Mestrado Integrado em Arquitetura) - Universidade de Coimbra, Coimbra, 2022.
- CORONATO, Daniel Rei. **Distensão e universalismo: a política externa das últimas décadas do Império brasileiro (1870-1889)**. 2013. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.) **Geografia: conceitos e temas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 16-47.
- CORRÊA, Valmir Batista; CORRÊA, Lúcia Salsa. A Grande Guerra nos confins da fronteira. *In*: ESSELIN, P. M.; JÚNIOR, C. M. **A Retirada da Laguna e a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai**. Porto Alegre: FCM, 2018.
- COSTA, Ana Cristina Bezerra. **O império e o imperador através da viagem de Dom Pedro II à província de Pernambuco em 1859**. 2020. 81 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História) - Universidade Católica de Pernambuco, Pró-reitoria de Pesquisa e Graduação, Programa de Pós-graduação em História, Recife, 2020.
- COSTA, Alexandra Martins. **Efeito da adição de nutrientes em longo prazo nas interações acima e abaixo do solo de espécies lenhosas do Cerrado**. 2019. 63 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

CURI, N.; RESENDE, M.; SANTANA, D.P. Solos de várzea de Minas Gerais. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v.13, n.152, p.3-10, 1988.

CZERESNIA, Dina; RIBEIRO, Adriana Maria. O conceito de espaço em epidemiologia: uma interpretação histórica e epistemológica. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 16, p. 595-605, 2000.

DA CRUZ, Maria Leonor García. Baía, séculos XVI-XVIII: Posse, Distribuição e exploração da terra, fronteira, formas de inclusão do ameríndio. **Politeia-História e Sociedade**, v. 20, n. 2, p. 132-140, 2021.

DALMOLIN, José Vicente. **Memorial Histórico do Cambaracê**. 2018.

DALMOLIN, José Vicente; SOUZA, Edmilson Lima de. **Memorial Descritivo do Cemitério dos Heróis da Retirada da Laguna**. Jardim: Livraria e Editora Tira-Teima, 2011.

DAMACENO, Flávia de Oliveira. **Propriedades físicas de solos afetados por sais nos arredores de lagoas no Pantanal da Nhecolândia, Mato Grosso do Sul**. 2018. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Ambientais) – Instituto de Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas, Universidade Federal de São Paulo, Diadema, 2018.

DARÓZ, Carlos Roberto Carvalho. Le Grande Armée. **Revista do IGHMB**, v. 71, n. 99, p. 16-50, 2012.

D'ANGROGNE, Alfredo Malan. **Heróis Esquecidos – Perfazendo o itinerário da Retirada da Laguna**. 1926.

DE ALMEIDA, Denise Ribeiro. O Mito da desterritorialização: do fim dos territórios à Multiterritorialidade. **Revista Formadores**, v. 7, n. 1, p. 74-77, 2014.

DE ALMEIDA VAZ, Pâmela Augusto; CHAMMA, Rafael Pitanguy; ALVES, Maria de Fátima Malizia. Cólera. **ACTA MSM-Periódico da EMSM**, v. 6, n. 1, p. 46-58, 2018.

DE BORBA, Pedro dos Santos. O Brasil do império à república: economia e política externa na transição hegemônica mundial. **Revista Cadernos Internacionais**, v. 4, n. 1, 2011.

DE OLIVEIRA SILVA, Andrezza Karla; AB'SÁBER, Aziz Nacib. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 29, n. 1, p. 252-258, 2012.

DE SÁ RODRIGUES, Renan Paraguassu; SANCHES, Marina Pinto; SOARES, Leticya Lorrayne da Silva; BARBOSA, Maria Angélica Parentes da Silva; ARAÚJO, Jefferson Rodrigues; PESSOA, Gerson Tavares. Análise epidemiológica, clínica e patológica da tripanossomíase “Mal das Cadeiras”. **Pubvet**, v.10, n.2, p.118-124, fev., 2016.

DECOUD, Arsenio Lopez. A retomada de Corumbá vista pelos paraguaios. **Albuquerque: Revista de História**, v. 2, n. 4, 20 jun. 2017.

DOMINGUES, Cesar Machado. A comissão de linhas telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas e a Integração do Noroeste. **XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro:[s.n.], v. 19, 2010.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. Há 130 anos o Tratado da Tríplice Aliança. **Revista Brasileira de Política Internacional**, 1994.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita guerra**. Editora Companhia das Letras, 2002.

DOS SANTOS, Valdemar Alves. A quem interessou a Guerra do Paraguai? **Hegemonia**, n. 13, p. 59-59, 2014.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. **A história esquecida da Guerra do Paraguai: fome, doenças e penalidades**. Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

DUARTE, Paulo de Queiroz. **Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai**. v. 2 – t. III. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

ESSELIN, Paulo Marcos. A Fazenda Camapuã. **Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)**, v.13, n. 26, p. 47-65, 2016.

ESSELIN, Paulo Marcos. **A pecuária bovina no processo de ocupação e desenvolvimento econômico do pantanal sul-mato-grossense (1930-1910)**. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

ESSELIN, Paulo Marcos. Mato Grosso e a definição da fronteira: da colonização a guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. *In: Anais do XIV Encontro de História da ANPUH-MS*, v. 8, 2018.

ESSELIN, Paulo Marcos; FERNANDES, Luiz Henrique Ferreira. Os cento e cinquenta anos da Retirada da Laguna. **Revista do Exército Brasileiro**, v. 153, n. 3, p. 50-66, 2017.

FERNANDES, Luiz Henrique Ferreira. A Guerra da Tríplice Aliança (1864 – 1870): a consolidação das Fronteiras Platinas. *In: XII Encontro da Associação Nacional de História, Seção de Mato Grosso do Sul*, 2014, Aquidauana: ANPUH, 2014.

FERREIRA, Maria Delfina do Rio. **Das Minas Gerais a Mato Grosso. Gênese, evolução e consolidação da uma Capitania. A ação de Caetano Pinto de Miranda Montenegro**. 1996. 223f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História Moderna) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 1996.

FERREIRA, Marcelo Urbano. Epidemiologia e Geografia: o Complexo Patogênico de Marx Sorre. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 3, p. 301-309, 1991.

FERREIRA, Viviane; MORAIS, Pablo Lisandro Tavares dos Santos; REIS, Alexsandro Guimarães; GUSMÃO, Dilvanir; NEVES, André dos Santos; VICTOR, Elis Cabral; BELFORT, Ilka Kassandra Pereira; BARROSO, Rodrigo Antonio; NETO, Pedro Martins Lima; SAMINESES, Selma Gomes. 14 anos após o surto de Beribéri no Maranhão: desafios da gestão pública em situações de emergência em saúde *In: MOLIN, Rossano Dal Molin. Saúde em foco: temas contemporâneos*. vol. 3. Guarjuá: Científica Digital, 2020.

- FIGUEIREDO NETO, Luiz Duarte de. **Guerra do Paraguai: uma análise da decisão paraguaia de deflagrar o conflito com base na avaliação do Poder Nacional daquele país à época.** 2019. 101 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialista em Política, Estratégia e Administração Militar) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2019.
- FONSECA, Vinicius Rajão da. Discussões acerca da necessidade de instalação de colônias agrícolas no sul de Mato Grosso (1889-1920). **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 23, p. 145-145, 2014.
- FONSECA, Thayane Marins da. Céus e terras do Brasil: uma leitura do relato. *In: Anais do IX SAPPIL-Estudos De Literatura*, v. 1, n. 1, 2019.
- FRANÇA SILVA, Gilian Evaristo. No século XVIII, uma encruzilhada de povos: os indígenas na formação da capitania de Mato Grosso. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 31, p. 86-103, 22 out. 2018.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas SA, 2008.
- GOMES, Bruno D. M.; RUAS, Eduardo A. Variola: potencial arma biológica. **Revista Militar de Ciência e Tecnologia**, v.36, n. 2, p. 25-28, 2019.
- GOMES, Laurentino. **1822: como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil – um país que tinha tudo para dar errado.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa; BERDOULAY, Vincent. Imagens na geografia: importância da dimensão visual no pensamento geográfico. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, v. 27, n. 2, p. 356-371, 2018.
- GUIMARÃES, Acyr Vaz. **Seiscentas léguas a pé.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.
- GUIMARÃES, Acyr Vaz. **Mato Grosso do Sul, sua evolução histórica.** 2. ed. Campo Grande, MS: UCDB, 2001.
- HAESBAERT, Rogério da Costa. Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina.** Universidade de São Paulo. 20 a 26 de março de 2005.
- HAESBAERT, Rogério da Costa. Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 29, n. 1, 2003.
- HAESBAERT, Rogério da Costa, LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. **Etc..., espaço, tempo e crítica. Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas.** n.º 2(4), Vol. 1, 15 de agosto de 2007.
- HAESBAERT, Rogério da Costa. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, Rogério da Costa. **Regional Global: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HAESBAERT, Rogerio da Costa. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17, p. 19-45, 2007.

HARTSHORNE, Richard. A Natureza da Geografia: Uma Pesquisa Crítica do Pensamento Atual à Luz do Passado. *In: Anais da Associação de Geógrafos Americanos*, v. 29, n. 3-4, p. 173-658, 1939.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções e Capítulos de expansão paulista**. Editora Companhia das Letras, 2014.

ISTO É DINHEIRO. **Os curdos, um povo sem Estado em busca de reconhecimento**. 2019. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/os-curdos-um-povo-sem-estado-em-busca-de-reconhecimento/>. Acesso em: 13 out. 2023.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO DO SUL. **Roteiro da Força Expedicionária de Mato Grosso (1866-1867) (Retirada da Laguna)**. 2018.

IVASKO JÚNIOR, Severo; MASTELLA, Alexandre Dal Forno; TRES, Andressa; TETTO, Alexandre França; WENDLING, William Thomaz; SOARES, Ronaldo Viana. Classificação do Estado de Mato Grosso do Sul segundo sistema de zonas de vida de Holdridge. **Revista Brasileira de Climatologia**, v. 26, 2020.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus editora, 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. Trad. D. Nicholson-Smith. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

LEITE, Emerson Figueiredo; BEREZUK, André Geraldo; DA SILVA, Charlei Aparecido. A vulnerabilidade ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Miranda, Mato Grosso do Sul. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 15, n. 05, p. 2613-2639, 2022.

LEITE, Emerson Figueiredo; BEREZUK, André Geraldo; SILVA, Charlei Aparecido da; CARVALHO, Elisângela Martins de. O relevo e o uso da terra da bacia hidrográfica do Rio Miranda, MS. *In: LIMA, Tatiane do Nascimento; Rogério Rodrigues FARIA (Orgs.). Ecótono Cerrado Pantanal: meio ambiente e história natural*. Campina Grande: Editora Amplla, 2021.

LIMA, Eduardo Henrique de Oliveira. O museu como instrumento no ensino de geografia: a interdisciplinaridade a partir do uso da imagem. *In: Anais do VI SINAPEQ*, UEMS, 2022.

LIMA, Eduardo Henrique de Oliveira; MATTOS, E. dos S..CER-3: Pavimentando a identidade brasileira no sul do então Mato Grosso. **GEOFRONTER**, Campo Grande, n. 4, v. 4, p. 100-123, 2018.

LIMA, Eduardo Henrique de Oliveira; SILVA, Evandro Dias da. A formação territorial da conurbação Guia Lopes-Jardim-MS: da Laguna à CER-3. **GEOFRONTER**, v.7, p. 01-21, 2021.

LIMA, Eduardo Henrique de Oliveira; SILVA, Evandro Dias da. Equipamentos culturais em Jardim-MS: por que valorizá-los? **GEOFRONTER**, Campo Grande, n. 5, v. 4, p. 21-50, 2019.

LIMA, Eduardo Henrique de Oliveira; SILVA, Evandro Dias da. Croquis, canhões & bandeiras: relíquias de uma marcha que não acabou. *In*: SILVA, Douglas Alves da; LIMA, Caciano Silva; SENA, Melly Fátima Góes; NASCIMENTO, Elisângela Castedo Maria do; MONTEIRO, Luciane Toledo; SANTOS, Sarita Souza dos; PEROSA, Vanessa Basso; QUEIROZ, Leandro; SOARES, Marco Aurélio de Almeida. (Orgs.) **Patrimônio cultural em Mato Grosso do Sul**. 1 ed. São João de Meriti: Desalinho, 2022.

LIMA, Eduardo Henrique de Oliveira; SILVA, Evandro Dias da. Patrimônio cultural: nasce um novo espaço em Jardim/MS. *In*: **Museus e patrimônio cultural em Mato Grosso do Sul: pesquisa, cultura, educação e identidade**. SILVA, Douglas Alves da; GASQUES, Lia Raquel Toledo Brambilla; CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. 1 ed. São João de Meriti: Desalinho, 2020. p. 93-103.

LIMA, Surama Ramos; GIRÃO, Osvaldo. O ensino de Geografia versus leitura de imagens: resgate e valorização da disciplina pela “alfabetização do olhar”. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 17, n. 2, p. 88-106, 2013.

LOURENÇO, Frederico. **A Odisseia de Homero adaptada para jovens**. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2005.

LOUZADA, Jaime. **Caracterização epidemiológica da malária autóctone e importada no estado de Roraima**. 2020. 143 f. Tese (Doutorado em Ciências) – FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2020.

MAESTRI, Mário. A expedição militar ao norte do Paraguai antes da Retirada da Laguna. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 18, n. 2, p. 293-313, 2018.

MAESTRI, Mário. A invasão paraguaia do sul do mato grosso. **Contraponto**, v. 4, n. 2, p. 105-129, 2015.

MAESTRI, Mário. **Guerra sem fim: a Tríplice Aliança contra o Paraguai: a campanha ofensiva, 1864-1865**. Passo Fundo: FCM, 2017.

MAESTRI, Mário. **Mar Del Plata**. Porto Alegre: FCM, 2016.

MAESTRI, Mário. **Paraguai: a República camponesa (1810-1865)**. Porto Alegre: Clube de Autores, 2014.

MAGALHÃES, Fábio Marcelo. **O aproveitamento de areia na região do alto curso do rio Iguazu/PR: aspectos geológicos, econômicos e ambientais**. 2002. 142 f. Dissertação (Mestrado em Geologia Exploratória) – Departamento de Geologia, Universidade Federal do Paraná, 2002.

MAGALHÃES, Ivo Augusto Lopes; CARVALHO, Everton de; SILVA, Aguinaldo; PAULA, Beatriz Lima de. Análise da dinâmica hidrogeomorfológica no rio Miranda, Estado de Mato Grosso do Sul por meio de imagens Landsat sensores TM E OLI. **Revista Cerrados (Unimontes)**, v. 17, n. 1, p. 53-69, 2019.

MAGNOLI, Demétrio. **História das guerras**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MARIN, Jérri Roberto; SQUINELO, Ana Paula. A ocupação paraguaia em Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 12, n. 2, p. 76-103, 2019.

MARETTI, Maria Lúcia Lichtscheidl. **O Visconde de Taunay e os fios da memória**. São Paulo: EdUNESP, 2006.

MARTINS, Alceu da Câmara. **Fatores climáticos e sistemas meteorológicos que atuam sobre o Brasil-uma revisão bibliográfica**. 42 f. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Meteorologia) – Departamento de Ciências Atmosféricas e Climáticas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2022.

MARTINS, Eduardo Vieira. Expedição de Mato Grosso. Alfredo d'Escragolle Taunay. **Teresa**, n. 17, p. 201-208, 2016.

MARTINS, Livia Santos; GIANEZINI, Júlia Maira Sander; MARTINS, Valeska. Gripe espanhola, varíola e COVID-19: análise comparativa de três pandemias. **Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 9, n. 1, p. 289-300, 2021.

MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica**. v 3. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

MENDONÇA, Rubens de. **História de Mato Grosso: através de seus governadores**. Cuiabá: Instituto Histórico de Mato Grosso, 1967.

MENEGAT, Carla. **Transportando fortunas para povoar deserta e inculta campanha: atuação política e negócios dos brasileiros no norte do Estado Oriental do Uruguai (1845-1865)**. 2015. 336 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MERINO, Eder Renato. **Caracterização geomorfológica do sistema deposicional do rio Miranda (borda sul do Pantanal mato-grossense, MS) com base em dados orbitais**. 2011. 71 p. Dissertação (Mestrado em Geociências e Meio Ambiente). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro: 2011.

MILAN, Elisana; MORO, Rosemeri Segecin. O conceito biogeográfico de ecótono. **Terr@ Plural**, v. 10, n. 1, p. 75-88, 2016.

MIRANDA FILHO, Orlando. **O Primeiro Tiro: a ocupação do sul de Mato Grosso na Guerra do Paraguai (1864-1870)**. Porto Alegre: FCM: Passo Fundo, 2014.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia Histórica do Brasil: Capitalismo, Território e Periferia**. São Paulo: Annablume, 2011.

MORESCHI, Isabella Cristina; PAES, Rafael Pedrollo; CALHEIROS, Débora Fernandes. Poluição Difusa na Bacia Hidrográfica do Rio Miranda, Mato Grosso do Sul. **ES Engineering and Science**, v. 4, n. 2, p. 72-86, 2015.

MUNHOZ, Cássia Beatriz Rodrigues; FELFILI, Jeanine Maria. Fitossociologia do estrato herbáceo-subarbustivo em campo limpo úmido no Brasil Central. **Acta botanica brasílica**, v. 22, p. 905-913, 2008.

MUNIZ, Francisco Gerson Lima; CARACRISTI, Isorlanda. Análise da variação da temperatura e umidade no período de pré-estação chuvosa na cidade de Sobral/CE. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 17, p. e214101724780-e214101724780, 2021.

NASCIMENTO, Diego Tarley Ferreira; NOVAIS, Giuliano Tostes. Clima do Cerrado: dinâmica atmosférica e características, variabilidades e tipologias climáticas. **Eliséé**, v. 9, n. 2, e922021, 2020.

NASCIMENTO, Genio. Encomendação das Almas: resistência cultural em São Roque de Minas. *In: Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Santos, 2007.

NASCIMENTO, Marcelo de Maio. Uma visão geral das teorias do envelhecimento humano. **Saúde e Desenvolvimento Humano**, v. 8, n. 1, p. 161-168, 2020.

NASSER, Maria Celina Queirós Cabrera. Linguagem simbólica como ponte. **Revista Ciências da Religião-História e Sociedade**, v. 2, n. 2, 2004.

NETO, Eduardo Gerber. O Acesso Curdo à Corte Europeia de Direitos Humanos. **Revista Perspectiva: reflexões sobre a temática internacional**, v. 14, n. 27, 2021.

OLIVEIRA, Arcelino Ricardo Almeida de. **De Miranda a Porto Canuto: a Guerra do Paraguai em Mato Grosso do Sul, o caminho da Retirada da Laguna**. Rio de Janeiro: Corifeu, 2008.

PALMA; Ana Líghia G.; PUGLIESI, Lidiane L. C. **Impactos sociais e econômicos gerados pelas pandemias**. 2020. 12 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Superior de Tecnologia em Gestão Comercial) - Faculdade de Tecnologia de Assis, Assis, 2020.

PAULUCCI, Tales Bernardes. **Caracterização Espaço-Temporal de Descargas Atmosféricas e Tempestades Elétricas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro entre 2001 e 2016**. 2017. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em de Meteorologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

PERARO, Maria Adenir; BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. Revisitando o centenário da Rusga na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (IGHMT) de 1934. *In: SENA, Ernesto Cerveira de; PERARO, Maria Adenir. (Orgs.). Rusga - uma rebelião no sertão: Mato Grosso no período regencial (1831-1840)*. 2 ed. Cuiabá: EdUFMT, 2018.

PEREIRA, Armando Arruda. **Heróis abandonados! Peregrinação aos lugares históricos do Sul de Matto Grosso**. São Paulo: Secção de Obras do Estado de S. Paulo, 1925.

PEREIRA, João. **O Guia Lopes**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar: 1952.

PERICO, Rafael Echeverri. **Identidade e território no Brasil**. Brasília: IICA, 2009.

QUEIROZ, Maria de Lourdes de. **A Hanseníase no estado de Mato Grosso**. 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2009.

RAMOS, Claudia Monteiro da Rocha. **A escravidão, a educação da criança negra e a lei do ventre livre (1871): a pedagogia da escravidão**. 2008. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RAMOS, Rui Mateus. **A visão do Barão de Mauá sobre a política externa brasileira no Rio da Prata 1850-1865**. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2009.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1988.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RESENDE, E.K. **Pulso de inundação**: processo ecológico essencial à vida no Pantanal. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2008.

REZENDE, Joffre Marcondes de. Epidemia, endemia, pandemia, epidemiologia. **Revista de Patologia Tropical / Journal of Tropical Pathology**, v. 27, n. 1, 1998.

RODRIGUES, Poliana Orosa. **As Rotas da Varíola**. 2021. 95 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**: texto integral. Trad. Antônio P, Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Saraiva de bolso, 2011.

ROSA, Ananda Soares; GHIRARDELLO, Nilson; CONSTANTINO, Norma Regina Truppel. Os rios na ocupação territorial de Mato Grosso do Sul: a influência da paisagem do “Sertão” no processo de assentamento da porção leste do Estado. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v. 8, n. 55, 2020.

SAMPAIO, Marcos Guedes Vaz. Economia e crise sanitária na Província da Bahia: as epidemias de febre amarela e cólera-morbo (1849–1856). **Revista Crítica Histórica**, v. 12, n. 24, p. 242-268, 2021.

SANTOS, Bruno César Dos; SANCHES, Rafael Grecco; SILVA, Maurício Sanches Duarte; KAYANO, Thiago Youzi Kussaba; SOUZA, Paulo Henrique de; TECH, Adriano Rogério Bruno. Análise do efeito orográfico por meio da interpolação de índices climáticos. **Revista de Geografia-PPGEO-UFJF**, v. 8, n. 2, p. 114-132, 2018.

SANTOS, Carlos. Território e territorialidade. **Zona de Impacto**, vol. 13, set./dez., ano 11, 2009.

SANTOS, Cesar Christian Ferreira; FERREIRA, Giselle Vasconcelos dos Santos. A participação dos Terena e Guaicurus na Retirada da Laguna sob a perspectiva literária da obra de Taunay. **Revista Philologus**, v. 23, n. 67, p. 290-300, 2017.

SANTOS, Marcone Moreira; BORGES, Eduardo Euclides de Lima e; ATAÍDE, Glauciana da Mata; PIRES, Raquel Maria de Oliveira; ROCHA, Debora Kelli. Enzyme activity in the micropylar region of *Melanoxylon brauna* Schott seeds during germination under heat stress conditions. **Journal of Seed Science**, v.42, 2020.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed., 9. reimpr. São Paulo: Edusp, 2017.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SAQUET, Marcos Aurelio; BRISKIEVICZ, Michelle. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 31, p. 3-16, 2009.

SÁ, Joseph Barboza de. **Relação das povoações do Cuyabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos**. Cuiabá: Secretaria de Educação e Cultura, UFMT, 1975.

SEVCENKO, Nicolau. **A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Cosac & Naify; 2010.

SCHLEE, Mônica Bahia; NUNES, Maria Julieta; REGO, Andrea Queiroz; RHEINGANTZ, Paulo; DIAS, Maria Ângela; TÂNGARI, Vera Regina. Sistema de Espaços livres nas cidades brasileiras—um debate conceitual. **Paisagem e Ambiente**, n. 26, p. 225-247, 2009.

SILVA, Cássia; BORGES, Maria. Caminhos antigos no sul de Mato Grosso (século XIX): a Estrada do Piquiri. *In: Anais da Semana de História do CPTL/UFMS*, p. 337-353, 2013.

SILVA, Cleusa Maria da. Fragmentação Territorial da Antiga Província de Santa Cruz de Goiás. **Revista Expedições**, v. 9, n. 4, p. 1-13, set./dez. 2018.

SILVA, Maria Aparecida Juvito da. **Análise matemática de modelos epidemiológicos: SIR e SIS**. 2022. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciada em Matemática) – Departamento de Matemática, Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

SILVA, Rafaela Martins. Seca e Doenças em Teresina: a Santa Casa De Misericórdia e a assistência médica aos pobres na cidade (1877-1915). **(SYN) THESIS**, v. 13, n. 2, p. 96-106, 2020.

SIKORA, Cintia Adriana; GUIDI, Janete Aparecida. BRASIL IMPÉRIO: PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 9, p. 585-593, 2021.

SINGER, Merrill; BULLED, Nicola; OSTRACH, Bayla; MENDENHALL; Emily. Syndemics and the biosocial conception of health. **The Lancet**, v. 389, n. 10072, p. 941-950, 2017.

SORRE, Maximilien. A geografia da alimentação. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, n. 51, 2021.

SORRE, Maximilien. **Les fondements de la géographie humaine**. Primeiro tomo: Les fondements biologiques (Essai d'une écologie de l'homme). 3a ed., revista e ampliada. Paris, Armand Colin, 1951.

SOUZA, Carla Regina de. **Toponímia e entrelaçamentos históricos na rota da Retirada da Laguna**. 2006. 233 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2006.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.) Geografia: conceitos e temas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 77-116.

- TAMAE, Rafael da Fonseca. **A política externa do Brasil Império e a Guerra contra Oribe e Rosas**: um estudo sobre o debate político na intervenção de 1851. 2020. 280 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de São Paulo, 2020.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragno. **A Retirada da Laguna**: episódio da Guerra do Paraguai. São Paulo: Edições de ouro, 1978.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragno. **A Retirada da Laguna**. Trad. Salvador de Mendonça. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1874.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragno. **Céus e terras do Brasil**. 7 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragno. **Dias de Guerra e de Sertão**. São Paulo: Melhoramentos, 1927.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragno. **Em Matto Grosso invadido, 1866-1867**. São Paulo: Companhia Melhoramentos de S. Paulo (Weiszflog Irmãos), 1929.
- TAUNAY, Alfredo d'Escragno. **Scenas de viagem**: exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda. Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1868.
- TAVARES, Aurélio de Lyra. **Vilagran Cabrita e a Engenharia de seu tempo**. Rio de Janeiro: Bilblioteca do Exército, 1981.
- TECCHIO, Débora Wroblewski; DINON, Anna Luiza Nogueira; DE MORAES, Mariana Nogueira Cardoso. Malária: ciclo do parasita, patogenia, tratamento e formas de profilaxia. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 2, n. 4, p. 58-58, 2021.
- THÉRY, Hervé; VELUT, Sébastien. Élisée Reclus e a Guerra do Paraguai. **Terra Brasilis**, n. 07, 2016.
- TOCHETTO, Márcio. **Gestão comparativa de sistemas de coleta e tratamento de esgoto visando a universalização e a sustentabilidade**. 2021. 108 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil e Ambiental) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2021.
- TOLEDO, Francisco Sodéro; DE ALMEIDA, Diego Amaro; FERREIRA, Hamilton Rosa. **1822: Café e a jornada da independência**. Jundiaí: Paco e Littera, 2022.
- TORAL, André Amaral de. A participação dos negros escravos na guerra do Paraguai. **Estudos Avançados**, v. 9, p. 287-296, 1995.
- TSAI, Alexander C.; MENDENHALL, Emily; TROSTLE, James A.; KAWACHI, Ichiro. Co-occurring epidemics, syndemics, and population health. **Lancet (London, England)**, v. 389, n. 10072, p. 978-982, 2017.
- TZU, S. **A Arte da Guerra**. São Paulo: Record, 2006.
- YOUSSEF, Alain El. Questão Christie em perspectiva global: pressão britânica, Guerra Civil norte-americana e o início da crise da escravidão brasileira (1860-1864). **Revista de História**, São Paulo, 2019.

- VANACOR, Paula Lima. **Atores, escalas e produção do espaço**: a atividade carbonífera em Candiota-RS. 2020. 178 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.
- VELDER, Felipe Ferreira Vander. Circuitos de sangue: corpo, pessoa e sociabilidade Karitiana. **Revista Habitus**, Goiânia. v. 5. n. 2. p. 275-300, jul.-dez., 2007.
- VIANNA, Lobo. **A Epopéia da Laguna**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1938.
- VIEIRA, Paulo Ernani Gadelha. **História de doenças**: Ponto de encontros e de dispersões. Rio de Janeiro, 1995, v. II. Tese (Doutorado em saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 1995.
- VIEITES, Renato Guedes. **A influência de Maximilien Sorre e Vidal de La Blache na geografia médica de Josué de Castro**. 2008. 98 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- VIEITES, Renato Guedes; FREITAS, Inês Aguiar de. A influência de Maximilien Sorre e Vidal de La Blache na geografia médica de Josué de Castro. **Scientia Plena**, v. 5, n. 6, 2009.
- WALTER, Bruno Machado Teles. **Fitofisionomias do bioma Cerrado**: síntese terminológica e relações florísticas. Brasília, Universidade de Brasília. 2006. 373p. Tese (Doutorado em Ecologia), Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- WITTER, Nikelen Acosta. A Comissão de Higiene Pública e a pandemia de cólera de 1855 em Porto Alegre. *In*: KORNDÖRFER, Ana Paula; BRUM, Cristiano Enrique de; ROSSI, Daiani; Fleck, Eliane Cristina Deckmann. **Em tempos de pandemia**: Reflexões necessárias sobre saúde e doenças no passado e no presente. São Leopoldo: Oikos Editora, 2021.
- ZUMAK, André; LARCHER, Leticia. O contexto histórico da BAP. *In*: RABELO, Angelo Paccelli Cipriano; SOUZA, Marcel Garcia de (Orgs.). **Bacia do Alto Paraguai**: uma viagem no tempo. Brasília: IBICT, 2021.